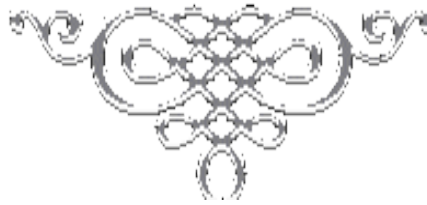


FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ISABEL CRISTINA SILVA DA COSTA MOURA



MODA EM CORDEL



PORTO

2010



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Isabel Cristina Silva da Costa Moura

Moda em cordel

Aspectos e sugestões da moda em finais de Antigo Regime

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em:
Estudos Literários Culturais e Interartes – Culturas Ibéricas
Orientador: Prof. Doutor Pedro Vilas Boas Tavares

PORTO

2010

Resumo

Este trabalho investigação e reflexão crítica surgiu do nosso interesse pelo estudo e divulgação da “Literatura de Cordel” enquanto reflexo das transformações culturais da sociedade, sobretudo no domínio da moda, observando-as à luz de critérios vulgarizados no “Século das Luzes”. Assim, propusemo-nos esboçar um breve e sintético panorama estético geral da evolução ideo-mental das sociedades ocidentais, para, a partir dele, gradativamente, tentarmos lançar luz sobre o palco das modas em Portugal, por cujas ruas e caminhos, se encontravam “volanteiros”, vendendo os tais folhetos de cordel, entre os quais figuravam as mais interessantes críticas e visões acerca da moda.

Sendo evidente o valor de tais documentos, apresentamos em anexo uma modesta antologia para edição, esperando incentivar a novos investimentos de estudo, nesta área, que tão rica e tão pouco abordada.

Palavras-chave: “Luzes”, Moda, Literatura de Cordel, Arte, Literatura Popular, Estética, Folhetos de Cordel, Peraltas, Crítica de Moda, Edições de Moda

Agradecimentos

É com enorme prazer que aqui expresso o meu mais profundo agradecimento a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para a concretização deste trabalho. Devendo realçar, antes de mais, a minha profunda admiração e gratidão por todos os professores da faculdade que tão bem me acolheu e fortificou, emocional e intelectualmente, desde que nela ingressei, e que me inspiram a cada dia, incentivando-me a este passo e a muitos outros vindouros, que espero vir a concretizar.

Em destaque, coloco o meu orientador, o professor Doutor Pedro Vilas Boas Tavares, por toda atenção dispensada, como por todo o apoio, dedicação e incentivo.

Agradeço, também, à minha família, como ao meu companheiro de “vivências românticas”, esses pilares do meu equilíbrio, proporcionando-me todo o companheirismo e amor.

Sou, pois, muito grata a todos os que referi, e a outros, ainda, a todos os que de um ou outro modo contribuíram para o meu crescimento, para o meu gosto pela Literatura e pelas Artes e sem os quais esta dissertação não teria sido possível. A todos deixo o meu mais sincero agradecimento, esperando que nos continuemos a cruzar, por estes ou outros caminhos, e que dessas ocasiões surjam novas reflexões...

Aos meus professores, inspiração de cada dia.

À minha mãe, Isabel Maria, a amiga exemplar e incondicional.

Ao meu namorado, Bruno Miguel, imagem do meu gáudio e esperança.

“Fashion is not something that exists in dresses only. Fashion is in the sky, in the street, fashion has to do with ideas, the way we live, what is happening.”

Coco Chanel

Índice:

Prefácio.....	1
Introdução.....	2
Capítulo I – Modas setecentistas: um retrato de modernidade na Europa Ocidental.....	4
Capítulo II – Entre fascínio e recusa: Moda em Portugal, de D. João V a D. Maria I...34	
Capítulo III – O folheto de cordel: o seu papel na crítica e difusão das modas.....	64
Conclusão.....	91
Fontes e Bibliografia.....	93
Sítios e Páginas da Internet.....	98
Índice Onomástico Remissivo.....	99
[Apêndice I] Novelo de Cordel. Antologia	I
[Apêndice II] Outras Imagens.....	CVII

Prefácio

Apresenta-se ao leitor um estudo introdutório acompanhando a edição de um conjunto pré-seleccionado de textos de cordel do século XVIII. O presente pretende ser, sobretudo, conciso trabalho de investigação, não deixando de desejar ser um desafio a novos investimentos nesta área.

Antes de mais, como é evidente, achamos pertinente este estudo para satisfação das provas mestrado a que se propõe. Concretamente num Mestrado em Estudos Literários Culturais e Interartes.

Parece-nos adequado porque, afinal, concentrados no âmbito da investigação literária, abordamos materialmente um conjunto, ainda que humilde, da imensa e riquíssima colecção de folhetos de cordel da Biblioteca Municipal do Porto. Então, sedentos de questões relativas à estética, às artes, às artes decorativas, ao quotidiano, debruçamo-nos sobre uma área que desde sempre as teve implicadas, ainda que não desde logo objectivamente: a moda.

Sabemos das dificuldades do mar imenso a que nos lançamos, mas, esperamos trazer até ao leitor, para além de alguns salpicos das culturas sociais de outrora, particularmente nesse grandioso e polémico século das Luzes, incentivos à reflexão sobre um tema que nos pareceu bastante rico e produtivo, sobretudo pela sua transversalidade na história cultural.

Para já, esperamos que seja agradável acompanhar-nos ao longo desta nossa viagem e que ela sirva para despertar vistas e sugestões...suspensas no tempo.

Quanto aos leitores mais familiarizados com estes caminhos, pedimos desculpa pela brevidade sumária com que esgotamos o tema, mas, por vezes, sobretudo quanto ao que nos encanta, momentos há em que é maior o poder da sugestão do que o da exaustividade, da força e circunstâncias impostas do que o das desejadas.

Introdução

Desde muito cedo que a moda se mostrou uma das mais finas expressões das vivências, sentimentos, emoções, frustrações e aspirações humanas. Neste trabalho procurar-se-á evidenciar como esta “expressão artística” se configura em função dos contextos: social, cultural, económico, religioso, político e filosófico.

A moda abordada será a que se foi afirmando na época moderna, de um modo geral na Europa ocidental, na sua incidência, de um modo mais particular, em Portugal, que sorveria grande influência de alguns países vizinhos, entre os quais, a Espanha, a França e a Inglaterra. Neste período atentaremos, sobretudo, na demarcação do “traje erudito” dos grupos sociais dominantes, quer pelas suas maiores ousadias, como pela sua beleza.

E, se se pergunta o leitor: o que vos impeliu a lançar um olhar sobre a moda do passado e, sobretudo, a tentar estudá-la? Responderemos: cremos que hoje, sobretudo, essa importância residirá não tanto na reconstituição histórica – apesar de não a descurarmos – afinal, já contamos com várias “Histórias do traje” mas, na tentativa de, estudando o passado, problematizando-o, gerarmos mesmo algumas perspectivas de como sociologicamente e culturalmente funciona a moda, permitindo talvez antever o futuro da cultura do vestuário. Mas aqui, modesta e objectivamente, interessa-nos sobretudo, neste caso, a importância de uma reflexão relativa a um novo pensamento fluente em Setecentos sobre a moda, matéria que abordaremos sobretudo no primeiro capítulo; a incidência específica do percurso e desenvolvimento das modas em Portugal, por essa época, dadas as diversas transformações sócio-políticas; ou ainda, o olhar sobre as fontes divulgadoras e questionadoras da moda que detínhamos então, sobretudo os folhetos de cordel, tentando repensar a importância e o valor desses textos, os quais procuraremos ir citando, como forma de demonstrar as possibilidades que nos oferecem em termos de explanação social, moral, económica, educacional ou antropológica, no estudo de uma época.

Porquê a época setecentista? Sobretudo pela sua riqueza e pelo charme que nos impele a seguir a sua melodia, como se um flautista mágico nos inspirasse... Pela paixão pela estética que salpica a literatura, a moda... no chamado “século das luzes”, tão empenhado em várias e progressivas tentativas de se auto-definir, instigado por diversas correntes filosóficas em debate, debate e diálogo esses que lhe concedem uma ambiguidade essencial e encantadora.

Chamou-nos o tema da estética, pela época da sua “inauguração” como ciência, valorizadora da atenção ao remoinho de toda a sinestesia: na sensibilidade, na expressão, na

imaginação, no progresso, no génio, na paixão, na variedade, na concepção dinâmica da natureza, na fantasia, na mobilidade e, ao mesmo tempo, no objectivismo, na ciência, na metafísica racional, mantendo-se sempre uma unidade na variedade.

Chamou-nos a estética de setecentos, desaguando num quadro de complexidade notória... Cheia de variedade, mescla de tradições, filosofias e críticas em constante dialéctica, não podendo ser, apenas, observada e reduzida às garras da razão, da abstracção, do isolamento, subsistindo-lhe sempre um duplo sentido, num halo de luzes de onde a obscuridade não é banida, mas racionalmente reflectida, isso é que nela mais nos cativa.

Começaremos, então, por tentar apresentar, resumidamente, os vectores essenciais da rede de contextos culturais vigentes na Europa Ocidental no século das Luzes, focando a nossa atenção, mais explicitamente, sobre as perspectivas estéticas, procurando compreender o que seria então tomado como belo e, assim, entrando na fundamentação dos gostos de uma sociedade que se renderia a luxos ostensivos.

De seguida, tentaremos debruçar-nos especificamente sobre o nosso país, descrevendo em traços de esquisso como o Portugal do nosso D. João V se abandonaria a luxos e ostentações, graças ao ciclo do ouro brasileiro, e como esses gastos influenciariam a necessidade das reformas pombalinas, no reinado de D. José I.

Finalmente, quase em conclusão, também como forma de evidenciar o carácter efémero, instável, apaixonante e influenciável da moda, recorreremos à rica fonte da literatura de cordel da época abordada, que tanto sucesso teve então, gerando partidos de apoio e oposição em matéria de adesão a modas, espécimes esses estendendo-se desde os originais portugueses às traduções e adaptações, tanto anónimas como assinadas, para responder à grande e generalizada procura.

Capítulo I

Modas setecentistas: um retrato de modernidade na Europa Ocidental

A “História da beleza” não deve beber-se apenas nas descrições precisas dos documentos de outrora. Há nelas também os indícios que, estando algo submersos, qual imagem de infra-ego segurando os bastidores, se fazem sentir em referências (subtis, ou não) a segredos, magias, unguentos, artes de sedução, todo um complexo de embelezamento ou “manutenção” do jogo de tons, movimentos, posturas, presenças e aparências, porque o corpo e a sua apresentação são, antes de mais, em muitos aspectos, os primeiros símbolos e determinantes do ego perante a sociedade.¹ Depois, há toda essa adequação de referências, na anotação do que importaria mais a uma ou outra época...

A moda, essa, não incide apenas sobre o uso dos bens móveis e, nomeadamente, as roupas, mas, também sobre “o ar”, “a atitude”, o aspecto, os gestos, “o porte”, numa atitude estética que reclama o belo através “dos imaginários que afloram à superfície corporal, os das tonicidades, dos ritmos, das mobilidades”.²

Contudo, enquanto fenómeno de carácter mutável e efémero, a moda vai segurando algumas importantes pontes com o passado.

As suas raízes, como sistema competitivo estavam já no seio das sociedades da Antiguidade e da Idade Média, onde, como é evidente, individualmente ou em grupo já havia rivalidade no que toca aos trajes. Isto leva alguns críticos, já no século XVIII, a defini-la como um fenómeno derivado de uma “necessidade” intrínseca ao Homem, impressa pela própria mudança constante, inerente ao mundo em geral, de tal modo que bani-la seria contrariar a natureza das coisas, pelo que, topicamente, à maneira de Camões, hão-de escrever:

“Quando o mundo he tão cheio de mudança!
Querer que exista agora a antiga usança,
E não possa qualquer mudar de asseio,
Sem que sirva de tranca ao olho alheio!
Qu’rer que em cousas do tempo haja firmeza,

¹ Cf. SYNNOTT, Anthony (2001). *The body social. Symbolism, Self and Society*. New York: Routledge. pp. 3-6.

² VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.9.

Isto, claro está, sobretudo entre as classes mais elevadas de cada sociedade, ainda que alastrando ao desejo e à acessibilidade das classes menos favorecidas, numa fase posterior.

É de referir que, mesmo os críticos mais conservadores, ainda que defendendo a constância dos valores, dizendo que o “homem sábio/ Em todo tempo teve outro Astrolábio”,² não conseguem deixar de admitir que: “O tempo tudo muda, tudo altera,/ Os mesmos eixos da celeste esphera/ Move continuamente, e deste modo/ Se vira de alto abaixo o mundo todo.”³

Além de necessitar de se cobrir, para defender o corpo, desde sempre o Homem parece ter sentido o “impulso narcisista” de querer enfeitá-lo. Afinal até os “selvagens” não deixam de tentar ornamentar-se como podem, porque “o objecto”, pouco a pouco seduz, desencadeando e tornando-se detentor de “estratégias fatais”.⁴ E, embora não possamos dizer que a moda se resume a isso, poderemos afirmar que tem nessa necessidade as suas origens. Desta forma, observava-se já consensualizada na “época das Luzes”, a natureza dessa “necessidade” quase primitiva, como percebemos nas seguintes palavras:

“(…) ao menos nos costumes tem variado muito o mundo, ou os homens que o habitao (…) basta olhar para a grande variedade, que a cada passo se encontra nisto a que ordinariamente se chama moda, porque já nenhuma pessoa de qualquer condição ou estado, ou condição que seja usa para seu adorno de cousa, que lhe esteja bem ao corpo, ou ao semblante, que não seja da fôrma que se costuma.”⁵

Todavia, este fenómeno, a moda, ainda hodiernamente sofre de enormes imprecisões terminológicas e semânticas, no sentido, nomeadamente, em que, retomando a constante confusão entre os termos “moda” e “mundanidade”, fica dotada, errada e frequentemente de uma conotação de artificialidade, isto até porque a “variedade e o carácter multiforme do vestuário são fundamentais ao Homem”,⁶ fazem parte de uma necessidade natural ao humano “e constituem sempre algo de inventado, de sobreposto, de mutável, em contraste com aquela

¹F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.9.

² *Queixas de Clorindo ou reprehçam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.8.

³ Ibidem. p.8.

⁴ BAUDRILLARD, Jean (1990). *As estratégias fatais*. Lisboa: Editorial Estampa. pp.95-99.

⁵ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1788. p.3.

⁶DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.17.

perenidade, ausência de toda a autonomia”¹ que acontece no mundo animal. Embora aconteça, por outro lado, que usando da sua autonomia, o Homem se inspire bastante no mundo animal para criar moda, assim como para se adequar, a nível individual ou colectivo, às diferentes circunstâncias: culturais, físicas, climatéricas, sociais... E, referindo-nos a essas últimas circunstâncias, note-se que ainda no século XVIII (como no XIX e até no XX), o uso da moda se adaptava muito, como é evidente, a questões de afirmação ou cedência, mesmo de “poder paternal”, como fica explícito quando um filho diz a seu pai: “(...) eu não dis gostava das modas mas quero fazer a vontade ao pai que tem razão com muitas cousas”.² Não se enquadra essa “implicância”, ainda que então não tendo sido estabelecidos tais contornos, a favor daquela necessidade de mínima homogeneidade que Durkheim referiria como essencial à subsistência de uma sociedade?

Estar na moda significa, pois, adoptar um certo gosto, mas, não devemos confundir os conceitos de “gosto” e “estilo”. No século XVIII, os conservadores quanto às modas, por exemplo, eram bastante acusados de terem mau gosto, por não concordarem com as novidades da moda e não quererem, por exemplo, usar grandes fivelas nos sapatos.³ A partir do Barroco, pela primeira vez, dá-se importância a esse problema, aquando da primeira afirmação burguesa e popular. Por essa altura surgem tratados e ensaios, em Inglaterra, que abordam o problema do gosto, pelas mãos de David Hume, Addison ou Burke e, eis que uma nova constante de reflexão se abria entre os Homens. Hume reflecte sobre o conceito de belo, definindo uma beleza que, não sendo inerente às coisas, existe apenas na mente que as contempla, pelo que a moda se torna, nesta lógica, um conceito eminentemente subjectivo. Alarga-se este conceito de moda, na cultura e nas artes, e proclama-se uma modernidade na Europa Ocidental no que toca a estas reflexões...

O mundo da moda abrange uma série de realidades e contingências, onde se destaca, principalmente a efemeridade que a caracteriza. Depois, podemos, ainda, referir a teatralidade que lhe precede e sucede, afinal é assim que a moda surge, na tentativa de representação de um “eu” à sociedade em geral. No entanto, essa vicissitude, essa referida efemeridade, privou-a de estatuto de arte durante vários séculos, o que não impediria alguns pintores de usufruírem das maravilhosas imagens criadas por esse universo para tema das suas criações, como buscariam alguns costureiros inspiração na pintura. E tudo isto não é de estranhar, afinal

¹DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.18.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.4.

³ Cf. *Ibidem*.p.6.

ambas as áreas convergem em quadros visuais e também porque a “tensão criadora não pode tolerar a astenia de um fim”.¹

Apesar do desnível económico, da precariedade dos povos, das classes, dos tempos, parece que dificilmente se apagará o impulso de aquisição de vestuário de moda, de enfeitar a nossa insegurança com criações subjectivamente apetecíveis e bonitas, mais ou menos estranhas ou bastante “ortodoxas”, mas, nunca perdendo de vista o espírito do que é a moda, muitas vezes arte decorativa, de enfeite e até de camuflagem. Gradualmente, veremos, vai aumentando esta necessidade e, “tudo se sofre, porque he moda”.²

A moda é fenómeno constantemente actualizado, mundo submerso em razões contrastantes, que vive entre a tensão da sociedade consumista, num frenetismo de exaltação e rotação de produtos; na revolta contra o referido consumismo; no desejo de evidenciação individualista, onde afinal, se vão afirmando superioridades individuais, mesmo depois de tantos ímpetos liberais e liberalizadores. E, por vezes, tal é a força da corrente que, mesmo os mais contestatários acabam por se submeter às redes de uma moda, até porque entre as “forças em declínio” e as novas linhas de revolta, a única constante é, em tantos casos, a moda, essa que afecta tanto os uniformes como os vestidos de gala. E, é por ela, pela moda, que em períodos “em que parecia que certos privilégios de casta, de condição, de classe, estariam para atenuar-se, se manifesta continuamente, de novo, a necessidade de uma distinção entre os vários segmentos que compõem a sociedade.”³

Constantemente atacada por oscilações periódicas, fenómeno que faz parte da sua instabilidade natural, a moda, todavia, foi e vai mantendo, por entre as redes da tal instabilidade, determinados períodos históricos que se caracterizam por um maior ou menor grau de solidez de uma moda, por exemplo as o terceiro quartel do século das Luzes ou a época da Revolução Francesa e do Directório foram mais instáveis que a do Império⁴, isto porque as viragens políticas e sociais podem causar transformações mais ou menos profundas na moda de um determinado país.

Não devemos negligenciar esta importante ferramenta social e económica, que não deixa de, para além de tudo, ser um relevante indicador do gosto de cada época, indicando a valoração estética de cada período histórico. Depois, temos ainda a sua significação humana, afinal tratamos aqui de um factor não apenas estético mas, sociológico. A moda foi

¹ DURAND, Gilbert (1993). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70. p.108.

² *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.4.

³ DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.13.

⁴ Cf. Ibidem. p.37.

densificando a sua teia de tal modo que, gradualmente foi conseguindo atingir, não só o vestuário mas, áreas tão distintas como o mobiliário e a decoração, em geral. Era uma realidade conhecida e flagrante, cantada por um anónimo defensor setecentista das modas que, topicamente se refere ao ponto alto constituído por uma evolução que, dos primórdios da Antiguidade conduziria a Roma:

“O luxo, e vaidade engatinhando,
Pouco, a pouco se forão levantando,
E seguidos de povos numerosos,
Se fizerao no mundo poderosos:
Os saleiros nas mezas rutilarão,
Porcolanas, e prata as adornarão;
Com ouro fino as sedas se tecerão,
Bernes, veludos, telas se fizerao;
E a tal ponto chegou entre os Romanos;
Que em luxo forao pasmo dos humanos!”¹

A moda não conheceu domínio que lhe fosse alheio...chegando pois, naturalmente, aos domínios da Filosofia; da Política; da Literatura... Aliás, Roland Barthes afirmaria que a moda tem tanta relevância neste último sector que, teria mesmo criado um código linguístico próprio, rico de expressões características.² Isto, sem descarmos que, com a sua missão de “clarificar” o *status* do indivíduo, na sociedade, na família, no trabalho, a moda demonstra a sua qualidade semântica e portanto, neste quadro, podemos entender o vestuário de moda como um elemento semiótico, com o seu “sistema de sinais”, o seu próprio código que permite a expressão de significados através de significantes modais.³

A partir do século XV sente-se uma certa transformação no que toca às manifestações de originalidade da cultura europeia, mas mantendo-se fórmulas antigas úteis à afirmação dos jovens e marcantes estados como sucede com os rituais de recepção e de despedida de figuras régias ou mesmo com o protocolo e etiqueta das práticas cortesãs. Embora no Renascimento se tivesse assistido à valorização de uma teoria que admitia a beleza como um todo de partes proporcionais, começa a surgir uma corrente que rema no sentido de uma beleza diferente,

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satira em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.7.

² BARTHES, Roland (1981). *O sistema da moda*. Lisboa: Edições 70. pp.75-86.

³ Barthes interessou-se bastante pela semiótica modal, embora no seu livro *O sistema da Moda*, se tenha debruçado mais sobre a linguagem literária usada nas publicações dessa área, do que na reflexão sobre o conceito. No entanto, daí podemos inferir a importância dos documentos publicados à luz do tema aqui estudado.

encontrada em inquietação e surpresa, pelo que se descobririam outras harmonias, que não com carácter tão claro e severo, mas igualmente belas.

Desde que os humanistas, atingidos nas suas certezas pela teoria de Copérnico, que faria o Homem perder a sua estabilidade central no universo, que progressivamente se for entrando numa “crise do saber”. Essa situação existencial, agravada pelas oscilações políticas e económicas europeias, incitaria ao desenvolvimento de uma insatisfação relativamente à simplicidade clássica, que promoveria a busca de mais, o atingir do pormenor e da complexidade. Mas, a busca do conhecimento é, então, sôfrega, de tal modo que “ se o homem do Renascimento indagava o universo com os instrumentos das artes plásticas, o homem barroco (...) indaga as bibliotecas e os livros e, já melancólico, deixa cair a ferramenta ou segura-a inactiva nas mãos”,¹ mas, nunca deixando de conjugar a exactidão que procurava com o “efeito surpreendente”.

Afinal, não se esqueça que o equilíbrio renascentista é provisório e que, como referido, não demoraria muito a surgir a incerteza do Homem quanto ao seu lugar no mundo, um lugar que começa a fugir à centralidade inicial para se dispor ao vago, e os maneiristas expressam-no bem, na contraposição de vários critérios clássicos tal como na inquietação espiritual que concedem às suas obras. Pouco a pouco “a representação da beleza cresce quanto à complexidade (...) criando novas regras”.²

Não será despendendo aqui um pequeno excursus preambular...

O Renascimento ficara marcado por uma redescoberta dos valores humanistas, filósofos e artistas procurariam inspiração nos valores e referências da antiguidade greco-romana. Não se havia abandonado o teocentrismo mas, evidenciava-se uma tendência antropocêntrica bastante relevante. Assim, no século seguinte, o XVII, em continuidade desse processo antropocêntrico, desperta a Revolução científica, fomentando um período de transformação intelectual.³ Nas artes, ergue-se um estilo rebuscado e grandioso, o Barroco, que tendo dado os primeiros passos em Itália, facilmente se expandiria um pouco por toda a Europa ocidental, caminhando até meados do século XVIII, expressivo, em jogos de luz e

¹ ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Algés: DIFEL. p.226.

² Ibidem. p.221.

³ A 27 de Janeiro de 1687 Perrault leria, perante a Academia Francesa, o poema *Le siècle de Louis le Grand*, procurando comprovar a grandiosidade estética do seu século. Esta atitude, obviamente, desagradaria aos “antigos”, defensores da superioridade patente na antiguidade greco-latina. Decorre, então, longa *querelle*, uma tensão e oposição intelectual entre os defensores da escola antiga, empiristas e os da moderna, discípulos de Descartes. Mas, na verdade ambos os opositores faziam a apologia de “uma regra na arte”, tratando-se, essencialmente da questão da divisão sobre o carácter imutável ou estável dessa regra.

sombra, opulento e ornamental, trazendo um novo retrato das emoções humanas. Toda uma floresta bibliográfica aqui se supõe...

Assim, usam-se as ideias de “progresso” e “perfeição” para elogiar o século do Rei Sol. Num quadro francês, glorifica-se, nomeadamente, a época de seiscentos como sendo um período marcado pela clareza e pela ordem, opondo-o ao dos antigos, como sendo esse um período de uma “obscuridade impenetrável”.

O quadro-panorama geral de finais de seiscentos não é, no entanto, de todo, agradável. Muitas são as regiões da Europa e cidades que sofrem dramáticas alterações económicas, e as doenças e a precariedade de condições de vida continuavam presença comum. Notava-se, também, o contraste global entre luxos e misérias, em populações com desníveis marcados que separavam fortemente ricos e pobres.

Luís XIV subiu ao poder ainda decorria a Guerra dos Trinta Anos. Na moda europeia não havia unidade ainda, e as variantes faziam-se de acordo com cada país. Na Espanha, como na Holanda, países influenciados pelo rigor da vivência religiosa, ia-se usando o preto, criando uma imagem de conjunto muito austera, apenas entrecortada pelo uso do “rufo” que se ia alargando, chegando a proporções enormes. Mas, em França como em Portugal, vigoravam as rendas e o *culotte*, que alargando e chegando então até aos joelhos, cheio de bordados e rendinhas, começava a tomar mais a forma de um saiote do que de um calção.

No primeiro quartel de Seiscentos já se depreende um novo investimento estético no que se refere ao traje feminino, valorizando-se muito, nesta época, a cintura e o busto da mulher, dando-se agora tal importância ao espartilho que, futuramente, seria quase impossível dissociá-lo das meninas e senhoras das classes mais elevadas. As mulheres usavam camisas de manga curta; sobrecamisas decotadas, com mangas até aos cotovelos; apertavam as cinturas em corpetes rijos; não faziam uso de perucas, geralmente, mas, penteavam-se à *La Fontage*¹ e, mais tarde viriam as rendas, as toucas, as armações de arame, para suportar os altos penteados que estariam em voga.

Em meados do século XVII, entram na moda os cabelos longos nos homens, naturais, mas, não os tendo, havia as perucas que, frondosas em cabeleira ajudavam os menos dotados dessa graça. “Luís XIV chegou a conceder licença em 1655 a 48 fabricantes de peruca em Paris”.² E, note-se que, por essa altura a corte de Versalhes se começa a impor como referência perante grande parte da Europa. Mesmo nos homens, realça-se o pitoresco, que até ao desenrolar do século seguinte continuaria a ter proeminência no que toca à moda.

¹ Penteado com ares de despenteado, preso por fitas. Influenciando por uma das amantes de Luís XIV.

² BRAGA, João (2004) *História da moda. Uma narrativa*. São Paulo: Editora Anhenbi Morumbi. p.49.

No último quartel do século XVII o excesso já começa a perder espaço para dar lugar a um esplendor diferente. Começa-se a retomar o gosto do exotismo e os homens passam a usar algo semelhante a túnicas com influência notoriamente oriental, e que se viria a transformar naquilo a que chamaríamos de *veste* e, mais tarde, “colete”. O *culotte* vai-se ajustando, de novo, pouco a pouco, e complementa-se com uma casaca; tudo em tecidos brocados e muito sofisticados. Para completar o traje, como acessórios, no fim do século, o homem usaria, no pescoço, algo parecido com uma gravata mas, adornada de rendas; as meias de seda e chapéus vistosos. A imagem do homem torna-se, assim, bastante feminina e, o único elemento viril que se percebe é, muitas vezes, um pequeno bigode.

Devemos, ainda, ter em conta que, do século XVII para o XVIII se nota uma progressão nos termos empregues, o que podemos ver corroborado através de expressões como a de Franzini, quando nos afirma que, “(...)seria arbitrário, até meados do século XVIII, fazer uma distinção radical entre “crítica do gosto”, “poética” e “retórica”, especialmente em certos contextos culturais (...)”¹. Ora isto justifica-se, não apenas pelo crescendo de preocupação com estas questões como pelo progresso na variedade de objectos e formas, abrindo-se mais amplamente a porta à renovação que nas suas diversas origens, tanto deve à fantasia. Contudo, o processo de individualização criativa é lento.

Durante muito tempo deparámo-nos com uma cristalização de modelos absolutos, heranças do passado que não abriam grandes possibilidades à inovação, como ao verdadeiro processo da moda. As mudanças no domínio que se fazia sentir sobre a esfera feminina foram também lentas. Temos de ter em conta que:

“(...)não se pode falar de ‘uma estética setecentista rigidamente separada das outras partes da filosofia nem das múltiplas exigências antropológicas e naturalistas que, a partir dos últimos anos do século XVII, atravessaram todo o período (...) a estética é ao longo do século XVIII, uma atitude teórica (...) cujas fronteiras não foram ainda plenamente traçadas (...)”²

Talvez porque não seja efectivamente possível traça-las, afinal, note-se a grande ambiguidade desta questão. Aliás, fronteiras demasiado exactas ou cronologias estabelecidas em graus muito precisos são, muitas vezes, como sabemos, artifícios históricos baseados em vestígios, que se vão recolhendo aqui e ali, e que funcionam, geralmente, como marcos de orientação ao leitor comum.

¹FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p.33.

² Ibidem. p.60.

No entanto, há mudanças que vão acontecendo, a todos os níveis, e que nos permitem definir marcos, afinal: “(...) sempre as cousas, senhores, se mudarao/ Do tempo à proporção, o que algum dia/ Os olhos recreava, hoje enfastia;/ E se nausea nos faz sempre hum comer,/ O trajar sempre o mesmo hade-a fazer”¹.

E, enquanto que no século XVII se valorizara uma “beleza expressiva”, no século seguinte seria de louvar uma “beleza experimentada”². Ao desenrolar do século XVIII, a importância dada à captação dos pormenores é cada vez maior e mesmo o detalhe mais insignificante seria considerado crucial à avaliação de uma composição bela. E, é nessa totalidade de apreensão da criação artística que “o século barroco exprime, por assim dizer, uma beleza para além do bem e do mal. Ela pode manifestar o belo através do feio, o verdadeiro através do falso e a vida através da morte”³, talvez porque “a existência de harmonia e de conflito e a superação ou sintetização de ambos por uma lei de coerência ou coesão constitui o modo de relacionamento eficiente entre as coisas próprias da arte – procura do belo”⁴.

Este é o contexto que prepara o século das Luzes à interpretação e classificação do belo. Esse século, tantas vezes tomado como tendo a face gelada da racionalidade, foi também o século dos libertinos, um período onde o sentimento – muito longe disso – não foi abandonado ou esquecido! É também neste século que se toma a devida consciência das paixões. Em Portugal, os jovens peraltas, tão abordados nas questões de moda relativas a este período, perdem-se em galanterias, chegando mesmo a ser satirizados nas folhinhas de cordel pelos seus excessos, também a esse nível:

“Outro, que por fazer de enamorado,
Defronte da janella embasbacado,
Com o seu molho de flores sobre o peito,
Aponta para o roxo amor perfeito;
E logo desvelado, e sem demora
Diz a ninfa gentil, que louco adora,(...)
Que Venus a par della he muito fea,

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.9.

² Cf. VIGARELLO VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. pp.63-147.

³ ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Algés: DIFEL. p. 233.

⁴ MORAIS, Franco (1990). *A essência da arte. Por uma Estética à Luz da Sabedoria*. Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural. p.107.

Que a Lua lhe não chega quando he chea,(...)
E para confirmar taes falsidades,
Lhe empurra estas fingidas Divindades (...)"¹

Enquanto isso, os romances setecentistas enchem-se, seguindo o mesmo rumo, de temas amorosos com recurso abundante a adultério, incesto e fornicção, criticando directa ou indirectamente a estética da sociedade de então².

E, citando Eco, a verdade é que “deveríamos procurar pensar e representar Setecentos, o século de Rousseau, de Kant e de Sade, de *douceur de vivre* e da guilhotina, de Leporello e D. Juan, da exuberante beleza tardo-barroca e rococó e do neoclassicismo”³.

É clara a existência de uma dialéctica, ainda que não simplista, entre classes, de tal modo que os filósofos iluministas, que martelam ideias de libertação de verdadeiros e alegados obscurantismos, vivem tantas vezes, então, no seio de governos absolutos, que desmentem as ideias generosas de tais filósofos... Lado a lado convivem a referida *douceur de vivre* da aristocracia e a chama do “espírito enciclopedista”, cultivando a razão, sob impulso de burguesias ascendentes.

Em setecentos estamos num século que valoriza o academismo, mas, ao mesmo tempo não o quer estático, antes vivo, não deixando de parte os preceitos italianos contra-reformistas, mas activo a nível passional. Valoriza-se, assim um dinamismo estético que alie arte e sensibilidade, numa fórmula natural e muito orgânica.

O teatro e a arquitectura começam a transformar-se sob os cânones de um naturalismo mais exigente. Vão-se repreendendo alguns excessos do período anterior, que ao olhar racionalista têm carácter excessivo. Contudo, e em simultâneo, rejeitam-se os temas e os estilos tradicionais para atingir uma liberdade maior de expressão. Entende-se que a beleza começa a ser formada na mente dos críticos, tomando uma forma acentuadamente subjectivista, que seria abordada por Hume como algo positivo. Beleza essa que, segundo Kant, seria capaz de produzir um prazer desinteressado ao que a observasse... Lembre-se ainda, aqui, o gosto pelas fábulas e comédias, mesmo de temática e ambiência de pendor orientalizante e pitoresco...sempre com intenção de deleitar sendo útil à sociedade.

¹ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. pp.13-14.

² Já em finais do século anterior se sentiam tais intenções em Saint-Evremond ou Bayle, porém a secularização e a laicização levam os autores a campos que roçam ou atingem a transgressão sexual, pelo apelo ao “fruto proibido”.

³ ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Alê: DIFEL. p.237.

Assim, é clara a ambivalência. Procuram-se novos temas na pintura, fora dos antigos cânones e, entre sentimentos de irrecuperabilidade do passado e fé de reconstrução no futuro, aprecia-se, por exemplo, a imagem das ruínas, que não é tão interessante numa perspectiva de reconstituição histórica como numa de incompletude e erosão...

O mundo clássico fora recheado de critérios de atitude a adoptar-se e de etiqueta. Não apenas na corte, mas, na sociedade urbana vigorava um sentido novo, cheio de normas e modelos estéticos que, desde a teatralização dos comportamentos e gestos ao gosto das “geometrias físicas”, agradava aos amantes da frivolidade e da beleza. Os modelos de perfeição eram muito restritos, no entanto. Foi-se instalando a profundidade no que se entende por belo, promovendo o lado expressivo dos rostos e das figuras. Tomou-se a importância da aparência da totalidade e não só das partes. E, entretanto, nas expressões de uma nova sociabilidade começaria a emergir uma nova cultura, paralelamente à de corte, mesmo que diferente dessa, criando-se novos rituais, mais direccionados para o quotidiano, embora não descurando dos já existentes e de foro solene, para ocasiões de “pompa e circunstância”...

No despontar século XVIII ainda se sente o desejo de introdução de uma beleza do dia-a-dia. Aprecia-se o teatro e aceitam-se de outra forma, os humanos desejos, permitindo-se incorporá-los nesse jogo de actuação em sociedade ou na corte. Os defensores desta perspectiva apostariam muito no que efeito visual do todo, através das suas diversas particularidades ou, então, na sua particularização singular e representativa, como vemos neste pequeno exemplo lisboeta:

“Que parece melhor? Ver em Lisboa
Onde o rodar dos coches tudo atroa;
Onde tudo he magnifico, e invejável,
Dos cidadãos a turba innumeravel
Em pardas saragoças embrulhada,
Ou o garbo, e figura bem tirada
De hum peralta? (...)”¹

No desenrolar deste vasto percurso evocado, começa-se a prestar atenção ao corpo como um todo, digno de ser apreciado e, pouco a pouco a beleza vai-se “naturalizando”,

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.9.

subindo os degraus desde os sentidos mais ocultos e idílicos para se racionalizar, mas, sem se decompor da sua “alma e da interioridade”,¹ dando-lhes antes uma perspectiva renovada.

No desenrolar de setecentos rema-se no sentido do apuramento da sensibilidade. Com a morte de Carlos II de Espanha, dá-se início à guerra de sucessão espanhola, que instalaria a desorientação na Europa, até que se celebrasse a paz, em Utreque, no ano de 1713. No seguimento desta celebração, e após a morte de Luís XIV, estende-se pela Europa um período de relativa estabilidade política.

A carta que Boileau enviara a Perrault, em finais de Seiscentos, abrindo uma *querelle* entre antigos e modernos e demarcando a consciência activa de uma mudança em curso, instaurara também, muita tensão – influenciando atitudes um pouco por todo o ocidente europeu, marcando também “a maneira de pensar de muitos académicos e eruditos portugueses”.² Mas o desejo de suavizar os extremismos dos primeiros anos da *querelle* gera algumas tendências mediadoras, por parte de intelectuais como Fénelon ou Locke, quebrando a tensão inicial.

Os conceitos que inicialmente haviam interagido em conflito: razão, paixão, natureza, cultura, belo, sublime, génio, gosto, juízo, encontrariam finalmente uma dialógica equilibrada e harmónica, onde se justapõem faculdades subjectivas e valores absolutos. Vai-se formando a consciência de que a realidade não é redutível a um único olhar. Celebra-se a tolerância, onde a pluralidade barroca encontraria ordem.

O inteligível, embora não distante, vai ficando para trás e vai-se desvanecendo na bruma temporal. Os sentidos agudizam-se, despertos como nunca, para absorver a beleza viva. O indivíduo toma a iniciativa na busca de embelezamento e vai-se evidenciando a personalização, através de uma maior liberdade de pensamento estético, de tal forma que, “(...) as afirmações sobre o gosto, o belo, o sublime ou o génio, mesmo quando não estão presentes nos grandes autores, são, em todo o caso, parte integrante e orgânica de um conjunto rico, variado, múltiplo e complexo.”³ Opera-se, em tudo, o desejo e a concretização do novo e, também nos textos de cordel encontramos muitas vozes dessa vontade e consciência de transformação, como por exemplo nas palavras de uma amante da moda portuguesa, que dizia: “Ai não se fassa rabujento, deixe-se dessas portuguezadas antigas que já estamos em outro século”.⁴

¹ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.71.

² ARAÚJO, Ana Cristina (2003). *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte. p.25.

³ FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 40.

⁴ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.10.

O espírito das Luzes pede realismo e funcionalidade, marcando uma separação entre a visão do que seja a beleza humana e do que seria a visão divina. Imprime-se no pensamento e na arte uma proposta de “libertação do pensamento”. Afirma-se uma liberdade sobretudo em relação aos vínculos do passado, designadamente os teológicos e os metafísicos. Não se rejeitam fontes antigas, mas, valoriza-se a base primeira da capacidade ideativa.

Fontenelle traça, em meados de setecentos, uma via mediadora, com a sua metafórica “balança nas mãos”.¹ Define-se um gosto que, sendo capaz de progredir e evoluir modernamente, não deixa de lado as regras naturais sugeridas pela arte antiga, apela-se a uma nova atitude, mas que passa por um equilíbrio que oscila entre as bases da antiguidade clássica e os novos ventos da estética do gosto, abalando “a imagem super-racionalista do século XVIII, e fazendo lembrar que, no coração das Luzes, reside um vasto plano de sombras”².

O prestígio da corte de Versalhes permitira que a França pudesse ditar influências pela Europa, com conhecidas marcas de elegância e sumptuosidade. Isto ainda que alguns – naturalmente – não pensassem dessa forma, entre os quais um português que dita: “E como hoje andão as cabeças ouças/ De francesismos impestadas, loucas”.³ De qualquer modo pode-se dizer que, na moda, se mantêm as linhas básicas já estabelecidas nos últimos vinte anos do século anterior, tanto que pode dizer-se que, “durante três quartos do século XVIII não houve mudanças significativas na moda masculina estabelecida em meados do reino de Luís XIV”⁴, apenas algumas variações no casaco, colete e calções, que não tão significativas quanto vistosas.

Contudo, realce-se, havia variedade. Os penteados femininos, na sua fórmula mais comum, foram aumentando em altura e volume e os masculinos exigiam-se empoados, em longas perucas encanudadas. Enquanto isso, alguns intelectuais apareciam de cabeça descoberta, com cabelos bem curtos e, quando usando perucas, usavam-nas frisadas, em vez de cacheadas. Desenvolviam-se, também, perucas mais simples, em função de uma vida mais prática, tomando o mesmo sentido os chapéus, tanto que, nas palavras de um anónimo desse tempo: “tornao pigmeos chapéos a andar na tola, / E torna o povo a manquejar da bolla:/

¹ FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 27

² CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III* Lisboa: Editorial Caminho. p.25.

³ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.7.

⁴ LAVER, James (1989). *A roupa e a moda. Uma história concisa*. S. Paulo: Companhia das Letras. pp.133-134.

Agigantados foram já, porém / Não serem hoje grandes lhes convém”.¹ Pouco a pouco, caminhava-se para uma linha mais fluida, leve e solta, manifestando-se já uma preocupação com um maior conforto, embora as novas atitudes possam não ter sido encaradas como tal, desde logo.

Por outro lado, numa perspectiva de grandiosidade, faziam-se festas imensas, onde o jogo e o luxo proliferavam, levando os pais a recrudescerem nas suas obrigações paternas, temerosos das consequências morais dos atractivos da cidade:

“Amado filho, a obrigação de Pay, a lembrança dos evidentes perigos, a que homens da tua idade vivem expostos nessa corte, com as frequentes e lastimosas noticias, que a este estado chegao (...) me conduzem a insinuar-te (...) as regras mais principaes, e conducentes à perfeição (...)”²

Tornava-se corrente o desejo de fazer-se notar em sociedade, pelo que eram frequentes os relógios vistosos e tilintantes, como nos é descrito em exemplos de cordel: “Hum relógio também trazem,/ Com tais dengues, taes bonitos,/ Que d’hum capellista a loja/ Não ter tantos imagino.”³

As damas usavam corpetes apertados atrás e repletos de lacinhos, bordados, jóias e outras aplicações, na frente. As mangas, um pouco abaixo do cotovelo, terminavam em rendinhas e aplicações de tecidos em folhinhos e diversas outras técnicas. Os *paniers* aumentavam consideravelmente de volume, com as saias pregueadas, na origem, para gerar mais amplitude e, ainda, abertas na frente, como podemos ver modelarmente na célebre pintura *Madame Pompadour* (1759) de François Boucher. Generalizam-se, também, os vestidos fechados, constituídos por corpete e saia armada através de anágua⁴ e que, por vezes, formavam uma peça só.

Entre críticas positivas e negativas, a moda ia-se impondo e o mundo ia seguindo o seu rumo natural, “composto de mudança”, num ciclo eterno em que cada geração “opõe-se à precedente, a dos filhos opõe-se à dos pais (...)”,⁵ fazendo com que até o mais relutante:

¹ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.7.

² SIQUEIRA, Joaquim Manoel de (1771). *Carta de máximas e conselhos, que mandou hum pay a seu filho peralta nesta corte para a perfeição da vida civil e christã, dada a publico por*. Lisboa: Officina da Viúva de Ignacio Nogueira Xisto. p.3.

³ *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.6.

⁴ Peça de vestuário de uso interior. Usava-se para avolumar saias e vestidos, como para atenuar transparências de tecidos de uso exterior.

⁵ DURAND, Gilbert (1993). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70. p.102.

“(…) pouco a pouco
Áquelle que chamava d’antes louco,
Imita sem reбуço; sai a campo,
E tenho muitas vezes reparado
Que nunca um jarra podre, e desdentado;
Que ralha dos enfeites, por seu par,
A mais velha, e modesta vá tirar!”¹

A beleza, segundo a fórmula leibnizina, definindo unidade na variedade, afirma-se, levantando imensas questões, adensadas pela fundação da “estética” enquanto conceito aliado ao referido nome, assim como objecto de debate, por Baumgarten em 1735 em *Meditationis philosophicae de nonnullis ad poema pertinentibus*. Embora o termo original seja *aisthetike*, de origem grega, erudito, e inicialmente relacionado com conceitos como a imaginação ou a sensibilidade. Alguns duvidaram da sua eficácia, tais como Mendelssohn ou Sulzer, contudo, muitos outros o defenderam, e nessa linha temos Kant, Lessing ou Viço que, sobre este tema, objectiva ou subjectivamente se debruçaram. Porém, o que aqui nos importa referir realmente é a importância dessa nova preocupação, a estética, simultaneamente criação e efeito de uma activa transformação da sensibilidade.

Entenda-se que não se deixa de relevar o triunfo da razão, mas nunca a deixando instaurar um domínio completo. Olha-se a natureza recusando-se uma única expressão ou método. A luz da razão, viva no homem vê-se entrecortada por rasgos de “selvajaria”, “animalidade”, “obscuridade”. Temos, assim, na estética complexidade, sem ausência de uma forte presença de obscuridade e gerando ambiguidade. E, como facilmente se reconhecerá, procura-se um equilíbrio que exalte, medeie e descreva “a variedade e a diferença”, numa harmonia entre mobilidade e unidade. Essa harmonia própria a que se chamará “Iluminismo”,² vive nas disputas constantes entre “antigos” e “modernos”. É devido à instauração desse “diálogo dinâmico e incessante”, a essa dialéctica permanente entre regularidade e irregularidade, entre razão e paixão que não há, nem podia haver, uma definição unívoca da estética setecentista.

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.8.

² Cf. FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. pp. 58-59

Quer-se experimentar e ver as “formas inesperadas”¹ dos movimentos que, aparentando escapar, em fugacidade, são captados e suspensos pela arte. Valorizam-se os movimentos espontâneos, porque são os que mais representam “os momentos que correm” e os sentimentos, ou talvez até as sensações que os acompanham. A experiência gera beleza, quando representada e quando vivida, ou numa circunstância simultânea em que se vive a representação, como na apreciação da densidade de uma pintura cheia de impressões...

O problema da beleza transforma-se, assim, numa constante do pensamento de setecentos. “Até os autores ‘objectivos’, metafísicos ou anticépticos concedem ao tema do gosto, não obstante todas as diversidades semânticas que acompanham o termo, um espaço não indiferente”.² E, já relevando a importância que o tema “beleza” teria para os pensadores do século XVIII, convém referir a relevância da já referida *querelle* neste aspecto,³ através da qual podemos inferir que, enquanto os antigos reflectiam serenamente sobre a questão da “beleza”, no século XVIII, ela é debatida vivamente. Procura-se uma visão global, clara, segundo uma persistência que procura respostas acabadas mesmo onde só há nevoeiro.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, neste caldo de cultura, apesar de todo o apelo racionalista no que toca às ideias, prezava-se a atitude afectada e comovente em muitos outros aspectos, porque esse tipo de expressão apelaria mais à sensibilidade e à emoção. Afinal, como é sabido, “uma vaga sentimental rebenta na França a partir do segundo quartel do século XVIII, jogando com a beleza como com a emoção, (...) a palavra “sentimento” sucede mesmo, no século XVIII, à de “paixão”,⁴ enfatizando a relação entre o sentimento exteriorizado e o aspecto esplendoroso, mesmo que cheio de feição sublime.

De acordo com toda esta ambiguidade vigente, socialmente, as mulheres nobres iam-se entreterendo pelos saraus bem vestidas e enfeitadas, mas, as burguesas, mais conservadoras, passavam grande parte da vida em casa. No entanto havia um ponto em comum, o gosto do luxo e, com a ascensão social da burguesia, as segundas também não precisavam de se preocupar com muito, pois, mesmo para se vestirem tinham uma camareira.

As mulheres da burguesia ascendente ou triunfante, muito frequentemente, usavam corpetes de veludo extremamente decotados; calças à turca, compridas em tafetá ou gaze; os pés descalços, apenas envolvidos pelos sapatos-chinelos e lenços de seda no pescoço, não

¹ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.106.

² FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p.104

³ Afinal foi entre as palavras de Perrault, em 1690, que se encontrou o conceito de “belas-artes” pela primeira vez.

⁴ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.109.

prescindindo também de uma fita da qual pendesse um berloque de ouro sob os seios semi-descobertos. Por vezes usavam também um turbante cheio de fitas ou pedras preciosas.

Para sair, as saias alargavam, com tules e crinas que as avolumavam, os vestidos viravam-se, torciam-se, franziam-se e encimava-se a silhueta com um casaquinho justo, que ainda relevava mais o grande balão da saia. Não se esqueciam, ainda, conjugações de claro-escuro, para que se tornassem mais vistosas, e as muitas aplicações de rendas, fitas, peluches, cetins, veludos lisos e listrados ou mesmo lavrados.

Numa sociedade como a portuguesa repleta de *ethos* social aristocrático e do desejo de “ser nobre”, verdadeiros ou pretensos que fossem, os “fidalgos empoados, recamados de dourados, desde as mangas bordadas até à fita que lhes prendia o tufo de cabelos, metendo delicadamente os dedos nas tabaqueiras de prata dourada”¹ e, com tantos cuidados, pela sua imagem, também passavam muito tempo em casa, sobretudo no quarto. Nas arcas desses *peraltas* guardavam-se fatos de veludo liso, camisas finas e minuciosamente trabalhadas, coletes com botões pintados à mão... E, por peralta, entendamos aqueles que não abdicavam das vaidades e não se descuidavam do aprumo ou de seguir à risca as tendências da moda, sem se preocuparem em manter estéticas passadas. Como exemplo significativo, notemos esta descrição de um *peralta* português:

“Quem faz hum grande estudo em seu ornato.(...)
Quem por ver uma ruga no vestido,
He capaz de sentir o ter nascido: (...)
Quem traz uma escovinha, quem se escova
Cem vezes cada dia, e não reprova
Trazer um velho trapo na algibeira,
Por tirar dos çapatos a poeira(...)
Quem seu disvello põe n’um chapeirao,
Num estanhado, e grande fivellao (...)”²

Depois, havia as saídas, as festas ostensivas, em que os jovens galantes aproveitavam para mostrar os seus encantos às damas. Todo um teatro de ostentação bastante criticado pelos mais conservadores, muito embora e apesar das frequentes críticas às vaidades da moda esses

¹ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.100.

² *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.6.

também se rendessem à evidência de que o bom aspecto em público seria necessário, mesmo que o reservassem apenas aos dias mais solenes, como refere um autor de cordel:

“Mas como só o vicio he, que reprehendo
He bem, que a distinção eu vá fazendo:
Hum adorno decente, e limitado
D’um velho corteção he praticado,
E mesmo necessário em certos dias
De congratulações, e d’alegrias,
Que os Sabios não somente não censurao,
Mas igualmente festejar procurao”.¹

Logo as artes da moda evoluíam, do Barroco para o Rococó e do Rococó para o Neoclássico; que “(...) sempre as cousas, senhores, se mudarão/ Do tempo à proporção, o que algum dia/ Os olhos recreava, hoje enfastia;/ E se nausea nos faz sempre hum comer,/ O trajar sempre o mesmo hade-a fazer”²; assim, embora ainda seja considerada uma época de exageros, progride-se no sentido de um requinte e leveza artísticas, que para sempre marcariam o século das Luzes, o século que, finalmente, traz destaque à moda feminina, ainda que não pondo – longe disso – de parte a ostentação masculina.

A valorização do ornamento, do decorativo, do que é opulento e luxuoso, trespassa também para a moda. Mas, trata-se de um luxo mais fino e mais leve, que influencia a diminuição das perucas, embora o empoamento a que se procede então, as torne igualmente vistosas, mas, mais práticas ao uso. O que também recebe mais praticidade é o uso das roupas. No entanto, permaneceriam as rendas e não se abdicam de punhos, golas e coletes cheios de ornamentos caros.

Havia mais sobriedade, mas não em grau suficiente para impedir o gosto pelo excêntrico, o excesso, o bizarro e o capricho fútil, que até à época da famosa Revolução de 1789 se foi mantendo e privilegiando e que podemos visualizar, por exemplo na seguinte imagem de uma festa à portuguesa, em sátira alfacinha:

“Erao tantas as donas fularejas, as donas serigaitas que fiquei azoado porque lhe
conheço melhor do que vossês a arvore de geração, e que me dizem a sua prima Silveria

¹ *Queixas de Clorindo ou rephrençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.18.

² F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.9.

com huns apanhados que parecia daquelles Anjos de nuvem de Theatro, e quando saio a dançar cuidei que era um cavaleiro de praça de touros com cocares e dragonas de fitas, enfim uma miséria.”¹

As mulheres, sobretudo, usavam muita maquilhagem e pós nos cabelos, que decoravam também com grandes flores, naturais ou artificiais. “Passavam os dias a pentearem-se mutuamente com pentes de marfim ou de concha, a untarem-se de pomadas”,² a jogar às cartas e a dançar... Os seus vestidos eram sumptuosos e, das costas, começaram a pender pregas largas, desde os ombros até ao chão, como vemos nas pinturas de Watteau, e para avolumar ainda mais as saias usavam-se as armações, por debaixo.

Os homens continuavam a usar o “culotte” justo e até aos joelhos; a camisa; o colete bordado e abotoado; a casaca; conjugados com meias brancas e sapatos de salto. Na verdade, a moda masculina não muda muito, até meados do século, quando as casacas, passam a ornar-se de ricos botões frontais e bordados, por vezes ainda mais ricos. Os cabelos e as perucas amarravam-se em rabos-de-cavalo e empoavam-se com pós brancos ou cinza. À medida que o século avançasse, enfeitar-se-ia a nuca com um laço de fita de seda preta em torno do cabelo amarrado.

E, tudo passaria a ser tão ornamentado que, alguns, mais conservadores, reagiriam mal a esses luxos, censurando assim, causticamente:

“Mas que se ponha assim embonecrado
Hum homem, que discorre, e que he barbado,
E ponha tal cuidado, e tal disvello
Em remontar às nuvens seu cabelo,
Ou num par de fivellas, que lhe abarque
O seu pé huma parte a outra parte,
Eu lhe faço por preço mui barato,
Tratallo de pateta, e mentecato.”³

Ou ainda:

“(...)he verdade que abundao as criticas contra as Madamas (...) ellas tem sido a ruína, e o estrago de immensas famílias: o luxo tem prevertido a ordem das sociedades,

¹ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.2.

² CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.110.

³ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.8.

pobres pais, que com seus mediocres lucros apenas podiao manter-se no regaço da paz sem dividas, eu os vejo pobres, empenhados, e talvez faltos de credito para cevarem o gosto de suas filhas, e mulheres com as modas que de dia, em dia se inovao, e se descobrem (...)”¹

Havendo, também, os que expressavam um certo saudosismo dos tempos passados, reclamando:

“No nosso tempo não havia estes toucados mas havia mais dinheiro, não gastava hum senhora dous dias para armar hum castello na cabeça com hum turbamulta de trapalhada então comíamos os chouriços com ovos agora trazem nos V. m. no toutiço e pendurados pela cabeça”.²

Momentos antes do seu declínio, a aristocracia francesa, continuaria a comportar-se como em período dourado, afinal, não esqueçamos que Luís XVI e Maria Antonieta levariam ao extremo a sumptuosidade. Vigoravam saias de proporções laterais imensas, impulsionadas por enormes anquinhas, tanto que para passarem pelas portas, as damas tinham de abrir a saia em duas partes. Os decotes eram mais profundos e complementados, por vezes, com um *fichu*³. A nobreza e o terceiro estado tinham por pauta exemplos que fixaram o “cânone” da moda europeia. Empoavam o cabelo tendo em conta que o cabelo da rainha francesa era tão empoado e cheio de armações e enfeites como nunca antes se vira, mas seria tão grande novidade o gasto em luxos e em modas? Afinal, se disse Kristeva no seu conceito de intertextualidade “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”,⁴ não poderemos usá-lo como metáfora, aqui, neste contexto, metáfora da moda na Europa Ocidental, que bebendo de legados passados e alheios se construiu e redefiniu em diversas ocasiões, mas, sem anular de todo o que sempre fora na sua essência? Um autor de cordel, provocativo, impõe a reflexão:

“Foi de nossos maiores: um vestido
Com casas d’alto a baixo, estas fechadas,
Botões ao centos, pregas escusadas,
Vestees de mais da marca, e guarnecidas,
Não são cousas para o luxo produzidas? (...)”

¹ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.8.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.10.

³ Lenço branco e poroso que as damas usavam, à vezes, sobre os ombros, para camuflar um pouco a dimensão do decote.

⁴ KRISTEVA, Julia (1974). *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva. p.64.

Nossas avós não tinham seus toucados
Com papelão ao alto levantados?”¹

E, devemos também tomar em conta que, frequentemente se ofereciam e herdavam trajes – mesmo que viessem a ser transformados e adaptados às novas tendências – de tal forma que, o uso de alguns luxos nem sempre seria sinónimo de grandes gastos, como nos refere um texto de cordel: “Aquelle que tu vez sem ser real,/ Trajando d’alto a baixo por igual,/ Quem te diz lho não dá o seu padrinho;/ Ou a pródiga mão d’algum vizinho?”²

Urge ainda realçar que, apesar de prevalecer o gosto do luxo em muitos aspectos, no final do século XVIII, já se sentia em França o fascínio pela Inglaterra, e, desde a Tomada da Bastilha se geraria o desejo de uma lufada de simplicidade, contrariando o fausto em que haviam vivido os mais privilegiados antes da Revolução. Gradualmente, principalmente após a segunda metade do século, a moda concentrar-se-ia numa “ênfase menor no estilo da corte francesa e na adopção crescente das roupas inglesas do campo”³, na linha do que nos retrata a pintura *Mr. And Mrs. Andrews* (1748), de Thomas Gainsborough.

A reflexão estética passa a ser uma constante problemática entre os intelectuais já que, atentando-se na sensibilidade, não se pode descurar a questão do gosto, procurando-se uma harmonia entre as dimensões interior e exterior, moral/espiritual e física. Isto mesmo transparece num exemplo lisboeta, sob a forma do conselho de um pai a seu filho:

“Não te desvaneça a gentileza, estatura, e mais dotes da natureza; porque se o juízo, e os costumes não corresponderem a estes exteriores, serás com razão comparado a hum painel de pouco preço, que se guarneceo com huma rica moldura.”⁴

Para além da atenção prestada às partes de um corpo, ao pormenor, observavam-se também as convergências de conjunto e tudo era contado, notado, relevado, e mesmo que o traje nesta época pusesse em evidência, sobretudo, a parte superior, “o olhar sobre a beleza, nesses anos de 1760-1770, apesar do extremo popular das pregas e dos tecidos traindo

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.7.

² Ibidem. p.11.

³ LAVER, James (1989). *A roupa e a moda. Uma história concisa*. S. Paulo: Companhia das Letras. p.137.

⁴ SIQUEIRA, Joaquim Manoel de (1771). *Carta de máximas e conselhos, que mandou hum pay a seu filho peralta nesta corte para a perfeição da vida civil e christã*. Lisboa: Officina da Viúva de Ignacio Nogueira Xisto. p.6.

completamente a anatomia, fez mais do que nunca da aparência um desafio mecânico, uma aposta de equilíbrio e de ligeireza.”¹

E, como é evidente, já no século XVIII havia tensões no seio da moda, nos eternos e cíclicos problemas de imitação e renovação ou diferenciação e coesão. Podiam não lhes ser atribuídos estes títulos mas, o certo é que, “é típico da moda visar constantemente uma renovação dos seus cânones (...), é igualmente típico da moda tentar imitar o que já está institucionalizado”,² o que se traduziu sempre num revés constante, porque a moda desde sempre usou de inspiração no passado para criar e progredir rumo ao futuro. Podemos confirmar *ad nauseam* esta característica no século aqui especialmente abordado. Então, como exemplo, façamos de novo uso às palavras de um autor de cordel de setecentos:

“(...) eu se fora pessoa de cabedaes, e pudesse ter esperança de uma dilatada descendência, para poupar as despesas, (...) deixaria vinculadas todas as minhas alfaias (...) e ornamentos, que tivesse (...) para meus vindouros usarem dellas depois de passados cem annos, (...) porque discorro que isto de modas tem hum curso periódico, que de cem em cem annos torna tudo o passado a apparecer como novo, e recebe ainda um uso de novidade, como se fosse invenção do presente”.³

Se a necessidade de diferenciação e renovação foram, desde cedo, naturais no humano, também o foram a procura de integração e coesão. Mesmo aquando das revoluções sociais, independentemente de que foros sejam, há sempre reflexo no vestuário da cultura que lhes corresponde e, frequentemente, “é precisamente a moda saída de fenómenos revolucionários que se transforma a breve trecho em convenção, que se torna amaneirada e portanto anti ou contra-revolucionária”.⁴

Para além das características acima descritas, podemos referir que, a funcionalidade se impõe também à moda. Se não repare-se que, no século estudado nos deparamos com um alargamento significativo no que toca às ancas da silhueta feminina, em termos de vestuário, o que longe de ser prático, representa a sua “função” de gestação e subliminarmente um estatismo que seria propício por ser natural à mulher. Seria pois a opressão e a compressão de contornos adequada e natural à mulher de então? O certo é que era forçada a muito do que se lhe tornava posteriormente “natural”. Tomava-se como dado incontestável que “não saberia

¹ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.114.

² DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.26.

³ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.11.

⁴ DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.27.

enfrentar as coisas porque era exclusivamente responsável por engendrar e criar”¹, mas o certo é que se contam alguns casos de mulheres que transgredindo as normas sociais e as barreiras da moda, não só participaram na vida pública como se alistaram no exército vestidas de homem, isto é camufladas como tal.

Valeria a pena, noutra oportunidade, encarar o papel da moda na sua dimensão “subversiva”. Como exemplo de repressão da desordem “subversiva”, de troca de papéis e de trajes, podemos referir um folheto de cordel sobre uma mulher que se vestiu de homem, Maria Gorita, e que tendo trajado em contradição ao seu género, se vê obrigada a suplicar pela sua vida em praça pública: “Assim tende de mim piedade, que se com este traje fingindo, cometi tantos insultos, como de sexo fragil mais devem ser admirados que punidos (...).”² Não é preciso lembrar que os escribas moralistas destes textos são homens, empedernidos no seu machismo...

Ao que parece, de nada lhe valeu a dramática súplica, sendo dura a sentença, de tal modo que: “Passados três dias, a vozes de hum pregão, a levao à praça maior para receber a morte em satisfação das que tem feito, e alli posta em suplicio, pede a Deos clemência, e invoca à Virgem Pura (...).”³ Aparentemente a trocas de trajes favorecera instintos homicidas na supliciada...

Mas, será que falamos realmente de sinais de subversão ou de indícios de uma emancipação? O certo é que encontramos expressões que demonstram um maior papel da mulher mesmo na vida caseira, ainda que tais expressões sejam críticas. Como exemplo passamos a citar: “Quantas o pai em caza num he peixe nem carne, a ellas he que governa tudo, e he uma secia por outro estilo num quer senão francezias e trás cada penacho que he uma tormenta”.⁴

Todavia, se algumas “subversões” eram castigadas, outras, como já pudemos compreender, eram tomadas como naturais. Tal era o caso das crianças, que sendo tão pouco similares a adultos por motivos óbvios, não eram muito distinguidas deles no que tocava ao vestir, como podemos perceber, por exemplo, na pintura *As crianças Graham* (1742), de William Hogarth. Assim, só por meados do século XIX se destacaria alguma diferença no que toca ao traje dos mais pequenos, sendo mesmo assim “o traje das crianças, uma imitação da

¹VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.117.

²BARRETO, Gil (1761). *Relação do transito que passou Maria Gorita, acontecido em uma cidade de Granada, a qual andava em traje de homem, várias proezas que fez, e a morte que teve. Exposta à sempre máxima e discreta curiosidade do vulgo*. Lisboa:Officina de Joze Felipe. p.13.

³Ibidem.p.14.

⁴*Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.8.

moda dos adultos”,¹ mas já contaríamos, então, pelo menos, com o uso de calções e saias mais curtas.

A partir da segunda metade do século XVIII, principalmente da década de oitenta até ao final desse século há uma densa variação de modas, que iria alastrar pelo primeiro quartel do século XIX, aproximadamente. Isto leva-nos a concluir que, “existem períodos de alta e baixa variabilidade do estilo que se apresentam como muito semelhantes”², quer falemos de situações isoladas em anos ou de momentos frequentes, quer falemos de situações aparentemente inovadoras ou de actos de revivalismo consciente, onde há clara exploração do antigo. E, essas situações depreendem-se já no século abordado, de outro modo não encontraríamos estas falas em folhetos de cordel:

“Com estas revoluções passa hum século, que poz todas estas apparencias na classe das cousas passadas, e que já não existem; e a moda então mais curiosa, e mais antiga; ajudada esta do tempo, e das idades, conseguirá a mesma estimação; porque perdendo-se a memoria de seu uso, apparece outra vez no Mundo como cousa nova (...)”³

Já em finais de setecentos nasce um novo critério de beleza, aliado também a uma preocupação com a saúde e rasgos de pragmatismo, apelando à naturalidade, enfatizando sobretudo linhas rectas e tecidos leves e flutuantes. Desenvolve-se a preocupação com a higiene e a saúde. Nesta busca de limpeza e clareza, do corpo e das ideias, o traje começa a tornar-se mais simples e vai perdendo volume. As formas do corpo feminino tornam-se cada vez mais naturais, e fazem-se referências mais abertas às roupinhas ou roupa branca,⁴ como sendo haveres mais comuns,⁵ procuram-se óleos, águas, perfumes e sabonetes de cheiro para mimar os corpos⁶ e “mesmo as perucas foram abandonadas e os penteados simplificaram-se”.⁷ O traje masculino seguiu a mesma tendência simplificadora, com a subida de Napoleão ao poder, admitindo-se alguma exuberância apenas no traje de cerimónia.

¹ GUEDES, Natália Correia & BRANDÃO, Ana Maria (1980). *Traje de criança e brinquedos*, Lisboa: Museu Nacional do Traje. p. 37.

² DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p. 37.

³ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. pp.10-11.

⁴ Roupas interiores.

⁵ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. pp.8-11.

⁶ Cf. *Ibidem*. pp.11-14.

⁷ DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*. Lisboa: Quimera Editores Lda. p.15.

O funcional passa a ser aliado, não apenas às preocupações com a saúde, mas também à noção de “liberdade”, do corpo, dos movimentos... Libertavam-se, afinal, também, as ideias, então! Os espartilhos das crianças são abandonados, embora ainda persistam os femininos mesmo que não tão acentuadamente. “As musselinas, as gazes, as cambraias finíssimas ou transparentes, os tafetás flexíveis seriam feitos precisamente para desposar os contornos”.¹

Com a expansão do sujeito individualizado, valoriza-se cada vez mais a conquista de uma identidade singular. Depois, define-se também um “finalismo utilitário”, pelo qual se defende que “tudo na natureza satisfaz um fim que se revela útil ao homem”.² No que respeita ao indivíduo em si, procura-se e valoriza-se a originalidade dos rostos, havendo uma maior preocupação com a presença vivida e imediata da beleza, da profundidade e particularidade de um olhar e uma desvalorização das visões ideais.

Usa-se do “princípio leibniziano de continuidade” para compreender a vida enquanto viagem, a viagem humana, à luz de um equilíbrio entre a imaginação e a razão; e sem nunca esquecer que “tudo está ligado”, não se despreza a importância da animalidade³. E, assim, nasce uma tensão, entre essa metáfora de “viagem”, busca de conhecimento e efectivação de progresso e o carácter primário das paixões. Afinal, há muito de apaixonado neste século,⁴ que nem sempre o controlo intelectual consegue reprimir. Basta lembrar que estamos num período de auge libertino.

Impõe-se, ainda, um frenesim cultural em que “o filósofo confunde-se com o crítico e o opinista, e cria-se um público muito mais vasto do que o círculo restrito dos intelectuais da chamada Republica das Letras, dentro do qual os instrumentos de propagação das ideias assumem relevo especial”,⁵ não sendo de menos interesse à discussão o tema do amor e da sua natureza. E, atente-se, os defensores dos antigos afirmavam a corrupção da sociedade moderna, pelo que enveredavam, tantas vezes, por uma apologia naturalista no interesse do mito que preconizava uma felicidade selvagem. Até o sentido da “viagem” pode ter caminhos múltiplos. Tome-se o exemplo dos libertinos que, partindo numa viagem de experiência, buscavam sentir os limites das coisas, como os seus próprios limites. Havendo, ainda, a

¹ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.121.

² CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III* Lisboa: Editorial Caminho. p.407.

³ Shaftesbury e Leibniz definem este período como “a grande cadeia do ser”, uma cadeia que tem muito entre as criaturas humanas e as vegetais, onde o filósofo “iluminado” deveria observar e descrever o rico conteúdo desse “espaço intermédio”.

⁴ Cf. FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 45

⁵ ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Algés: DIFEL. p. 254.

hipótese de uma viagem que rumo à natureza “mas que leva na bagagem um percurso muito intenso no reino da cultura e que dele não se quer pura e simplesmente separar”.¹

Tratar-se-ia de uma viagem sem destino certo, como aquela que descreveria o nosso Miguel Torga já em século XX, aquela em que “o que importa é partir, não é chegar”? O que sabemos é que o conceito de “viagem” foi uma dimensão constante nos romances de setecentos, que tantas vezes narravam viagens, interiores ou exteriores e que “sem a dimensão do viajante, da viagem pelas diversas terras do globo e através das várias experiências do pensamento, não pode existir uma compreensão autêntica do século XVIII.”²

As viagens físicas eram também uma realidade e geravam confluências culturais muito ricas neste ocidente europeu, o que, permitindo troca de ideias, consistiria num grande passo para a ascensão burguesa. Desta forma chega-se a um ponto em que, a veste do nobre é ultrapassada pela do burguês, que economicamente mais poderoso, se torna mais proeminente em questões de moda. Podemos daqui inferir uma ligação entre o “vestuário e o status”,³ tal que permite que uma peça de vestuário tomada como símbolo de poder numa época, seja quase revogada aos “nobres” e vista como característica da decadência na seguinte. Embora cada período vá tendo as suas “cristalizações”,⁴ esses efeitos de “ligação mais ou menos estreita ou inderrogável entre uma determinada forma-cor e a sua semantização”⁵ é que se prendem com a cristalização da própria sociedade.

Assim, nessa linha de individualização e libertação, que mesmo não explodindo logo, já ia actuando, secretamente, nas mentes e nos gostos, as perucas adequaram-se, também às fisionomias e diversificaram-se os seus modelos, numa variedade imensa de frisados. De tal modo que, em 1777, Luís XVI haveria de conceder 600 alvarás de cabeleireiro, promovendo o desuso das perucas, não só impelido pela necessidade de uma imposição artística como, também, coadjuvado por progressivas preocupações na área da saúde. Assim, o penteado toma feições de “arranjo: convergência entre o aspecto do rosto e o artifício dos cabelos”.⁶

Os cosméticos também seriam cada vez mais adequados e adaptados a cada rosto, gerando uma paleta de tons e produtos de variedade nunca antes vista, em matizes que se adaptam entre intensidade e suavidade pondo em evidência os diferentes sentimentos, que

¹ CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III* Lisboa: Editorial Caminho. p.419.

² FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa. p. 49

³ Cf. DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.49.

⁴ Cf. Ibidem. p.50.

⁵ Ibidem.

⁶ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.130.

teriam maior expressão, sobretudo em tonalidades leves, não se esqueça que “o requinte deve aflorar, impondo a franqueza sobre a arte do disfarce, o simples sobre o composto”.¹

O fabrico dos cosméticos passaria a ser mais artesanal do que caseiro e impôr-se-ia um maior controlo aos produtos e à sua difusão, principalmente através da publicidade, que com o “aval da academia” tinha mais prestígio entre o público. Tudo decorria de tal forma que “os tratados de beleza não indicam já, a não ser raramente, misturas a fazer em casa, indicam, sim, os locais onde as comprar.”²

Procurando-se a firmeza e a correcção, na postura e na pele, investir-se-ia no banho e no frio, como nas caminhadas de fim tonificante, ou os simples passeios ao ar livre, como vemos na pintura *O passeio matinal* (1785), de Thomas Gainborough. A moda enquanto processo está no seu ponto mais alto até então, na medida em que a oposição de uma nova sociedade à antiga é extremamente clara. Renovava-se, nessa estância, tudo o que nela parecia já decair: a etiqueta, o vestuário, a educação, a preocupação com a saúde e a higiene ou a visão do corpo e da beleza.

A difusão de novos temas e ideias é como que intrínseca à época de Setecentos. E, sentia-se de modo claro, relativamente à moda, o carácter efémero das suas tendências. É um tópico que vemos, em forma de crítica moralizante, num anónimo dos anos oitenta de setecentos:

“(…) hum homem da moda he de muito pouca duração, porque toma em si a mesma natureza das modas, e nem sei que estas sejam por muito tempo permanentes; (...) em breve tempo passando a moda da sua estimação, porque intrinsecamente não tem valor algum, fica no estado do desprezo (...)”³

Sendo este o século em que as mulheres começam a aparecer na “cena pública”, e pela própria escrita, expressam já, directamente, muitos dos seus sentimentos, como pela leitura cada vez mais se comprazem, não é de estranhar que a sua sensualidade seja mais discreta no que toca à representação pictórica. Isto parece algo paradoxal com o facto de, pelos fins de Setecentos as mulheres se libertarem dos espartilhos e das complicadas conspirações das cabeleiras.

Os depositários da moda sempre foram, sobretudo, as classes mais elevadas, já que, entre o povo a moda se mantinha durante longos períodos de tempo e, quando acontecia uma

¹ VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda. p.131.

² Ibidem. p.135.

³ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.6.

mudança, era apenas uma leve mudança de estilo. Porém, após a Revolução Francesa, a moda, seguindo o movimento de ascensão das burguesias deixaria de ser tanto o símbolo claro do *status* individual, sendo de referir que, mesmo assim, ainda se conseguiam distinguir alguns sinais de diferenciação, se não de casta, pelo menos sócio-económica.

Após o acontecimento revolucionário, tornar-se-ia o vestuário significativamente mais simples, como nunca antes houvera sido, sobretudo para as mulheres, afinal, “toda a opulência que antecedeu à Revolução Francesa foi substituída por um vestido simples, à semelhança de uma camisola solta de cintura alta, logo abaixo do seio, normalmente de cor branca, em tecidos como a *mousseline* ou a *cambraia*”,¹ sendo a transparência tal que se usavam por baixo malhas justas para a colmatar.

É assim que no final do século XVIII surge o chamado “traje Império” influenciado pelo desejo de um modelo de democracia, à imagem grega, “mas, apesar da aparência monótona do traje Império, os detalhes engenhosos enriquecem-no bastante e o luxo volta a brilhar. Todavia, nunca a mulher vestiu tão pouca roupa como no início do século XIX.”² Isto daria azo a grandes invectivas à indecência da moda por parte de missionários do interior, párocos e bispos. O bispo do Porto, D. António José de Castro, propicia um bom exemplo de declamação pastoral contra a indecência própria da moda feminina do “estilo império”. Como quase sempre, as ovelhas do seu rebanho terão tido orelhas bastante moucas...

Eliminaram-se-iam os *paniers*, as perucas empoadas, os bordados excessivos, os tecidos demasiado luxuosos, de tal modo que, a nobreza traja evocando a simplicidade e a praticidade campestres inglesas, pelo que, em traços de moderação, alguém diz defender uma boa aparência, mas sem deixar de distinguir “do que he polido,/ A hum louco farsante no vestido”³, ou seja, defendendo o asseio mas, apelando a uma moderação dos excessos.

A roupa masculina tomaria da influência inglesa o casaco, semelhante ao que lá se usava para caçar. Também arrastaram dessa inspiração as golas altas, os lenços de pescoço, as botas. O gosto pela moda inglesa sentia-se na Europa ocidental mesmo antes da Revolução Francesa, uma vez que se falava ingenuamente, no continente, de uma terra que inspirava liberdade e, nada mais falado por então. Assim, a influência inglesa far-se-ia sentir tanto no traje feminino como no masculino.

Por outro lado, gradualmente, a beleza da natureza seria apreciada pelo seu lado mais poderoso, em detrimento do plácido e harmonioso, que fora vigorando até então. E, ainda que

¹ BRAGA, João (2004) *História da moda. Uma narrativa*. São Paulo: Editora Anhenbi Morumbi. p.57.

² DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*. Lisboa: Quimera Editores Lda. p.15.

³ *Queixas de Clorindo ou reprimenda amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.4.

se traçasse e afirmasse a independência da razão relativamente à natureza, ia-se cultivando a imagem de uma beleza refinada que poderia esconder as trevas e o desespero. Afinal, essa razão tão proclamada, quando levada ao extremo, poderia arrastar alguns “monstros”. E o desejo que impelira às conhecidas viagens desta época, não para conquistar terras, como antes, mas para descobrir sentimentos, exotismos, novidades, e que resultaria em tanta literatura, era tanto que, se desenvolveria imenso o gosto do surpreendente, do extremo, do assombroso.

Polémicos, alguns libertinos chegariam a ser jocosos e chocarreiros no seu ataque ao clero, ou extremistas, como é o caso de Sade, que afirmava o sacrifício à volúpia como a única forma de atingir o sublime, num mundo que seria então demasiado triste. O sublime, no século XVIII, passa então a definir-se no quadro de uma obscuridade na natureza ou no estilo. Acredita-se que o acesso a tal sublime só se atinge quando se atinge ou mesmo se passa o limite.

A clareza do século anterior seria ainda influente, mas ia-se desvanecendo no desenrolar do século e, assim, o pessimismo e a negatividade iriam tomando um novo lugar, ainda que contrabalançados pelos ecos iniciais de uma “esperança de um homem melhor”.¹ Começavam, nesta linha, a produzir agrado as representações pictóricas de seres horríveis e paisagens tempestuosas. Porém, nos finais de Setecentos, já teríamos uma noção diferente desse conceito que, se referiria então, a uma experiência relacionada com a natureza e não com a arte, uma natureza que destaca “o informe, o doloroso e o tremendo”.² Preparava-se o gosto do neo-gótico, que marcaria o século seguinte, até porque a tendência para tentar atingir e ultrapassar “o limite” seria acentuada e ir-se-ia intensificando à entrada do Romantismo, ao qual, mais uma vez, a moda iria reagir, transformando-se e transformando. Todavia, essa época já não está nos domínios previstos à necessária introdução dos textos que aqui editamos e, como tal, deixámo-la entregue à curiosidade do leitor.

Chegados ao fim deste capítulo, e recorrendo de novo a exemplos portugueses de literatura de cordel, será possível afirmar que pode ser até certo que “(...) os sábios (...) uteis nunca seriao, se os sentidos/ Empregassem somente nos vestidos”,³ porque a moda não é tudo na sociedade e não vale por si só; afinal, não parece que haja memória de herói bem sucedido

¹ ARAÚJO, Ana Cristina (2003). *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte. p.51.

² ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Algés: DIFEL. p. 281.

³ *Queixas de Clorindo ou rephrençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.12.

“só por andar peralta, e bem vestido”.¹ Mas, não estará a moda imanente em quase tudo, e como tal susceptível de com tudo ser relacionada? Não é grande o poder da moda, arrastando todas as classes, géneros e faixas etárias? Não se sentia já, claramente, esse poder no século XVIII português, reconhecido por aqueles que estavam entre os seus críticos mais activos, nomeadamente os tão e tantas vezes menosprezados autores de cordel?

Prestando atenção às inúmeras mudanças instauradas através de e nas modas, podemos entender que, foram realmente amadas ou odiadas, mas mesmo os mais insatisfeitos não deixavam de afirmar o seu poder: “(...) he tão poderosa esta ideia da moda, que até parece vence o amor próprio que devia puxar para cada hum se fazer mais agradável à vista dos outros”.²

Enfim, defrontámo-nos com um fenómeno cultural-social-histórico para cujo melhor entendimento gostaríamos de contribuir...

Então, tendo em conta este quadro proposto, no capítulo seguinte, viajemos pelas modas mais frequentes, especificando situações vigentes num território muito específico desta Europa a que pertencemos: Portugal. O Portugal que vai do reinado do nosso exuberante D. João V, até aos ecos e reflexos, entre nós, da tumultuosa Revolução Francesa.

¹ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.12.

² *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.5.

Capítulo II

Entre fascínio e recusa: moda em Portugal, de D. João V a D. Maria I

Em Portugal, após a Guerra da Restauração segue-se uma depressão económica de teor bastante acentuado mas, D. João V, graças às riquezas que vinham do Brasil – os diamantes, o ouro, o açúcar, as madeiras exóticas – segue uma política externa de afirmação do prestígio e poder da coroa portuguesa e, como tal, faz revestir e rodear a sua corte de fausto, requinte e ostentação. Afinal, “Lisboa tinha-se então tornado uma cidade muito rica, dominada por um luxo baseado na economia fictícia das Índias”¹ e, assim, o nosso século XVIII vestir-se-ia de sumptuosidade, mais ou menos à imagem do século XVII francês mesmo a nível estético. A edificação do Convento-Palácio de Mafra, por exemplo, em todo o seu requinte e dimensão ilustra bem esse espírito joanino.

Tomava-se assim a esperança e davam-se novos passos no sentido da recuperação do domínio colonial burguês e na afirmação externa de Portugal. As artes passariam a privilegiar o espectáculo visual, abrindo portas à necessidade de construção de um Teatro de Ópera, de vários palácios reais que então foram nascendo, ou mesmo à remodelação dos antigos solares nobres, construções onde brilharão a talha dourada, a imaginária e os azulejos em formas *rocaille*.

Espalhava-se um sentido de festa permanente, em touradas de gala, fogos de artifício, recitais operáticos, concertos de câmara, jogos domésticos, danças cortesãs, bastante afectadas e cheias de piruetas;² caçadas e montarias... Nesse quadro, havia quem chegasse mesmo a dizer que:

“Aquelles, que em outro tempo tiverao as denominações de casquilhos, bandalhos, peralvilhos; etc. aquellos zelozos, e contínuos cultores da Deuza Gaudioza, que seguindo com as acções as máximas Epicureas, propõem-se por única felicidade o passar o breve tempo da vida, que só deviao empregar ao serviço do Rei, e da Patria, em divertimentos, Jogos, Assembléas, Theatros, Praças, Muzicas, e Templos, não para veneração daquelle a quem são consagrados, mas para multiplicar os objectos do seu divertimento (...)”³

¹ FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte. p.20.

² Cf. *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.6.

³ *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.2.

Desta forma, iam vigorando a pompa e a circunstância, desenvolvendo regras de protocolo rigorosas, em jogos cénicos de postura e acção cada vez mais complexos, mas em definições hierárquicas sempre patentes. Afinal, “a presença do luxo e da ostentação na moda, não apenas feminina, foi certamente um fenómeno clamoroso de *status symbol* em toda a antiguidade e também em épocas bastante próximas de nós (séculos XVII e XVIII).”¹ Brilhariam, então, peças de vestuário cheias de alamares de ouro; constelações de sinais, dos quais *franças* e *casquilhos* tinham caixinhas cheias;² diamantes ostentosos em brincos, atilhos do corpete ou nos alfinetes de cabelo; sapatos bordados a lantejoulas, punhos de folhos e os polvilhos³ nos cabelos muito empoados... E, naturalmente, até os mais conservadores seriam de opinião que: “(...) andar com pouco asseio/ De sua natureza he muito feio”.⁴

Assim, e tendo-se em conta que esse luxo não poderia manter-se muito tempo, sobretudo após o terramoto, tal facto despoletaria a necessidade de reforçar a contenção nos gastos, embora já desde o século XVII se defendesse a austeridade pelo meio de éditos.

Desde muito de trás, nomeadamente desde o reinado de D. Pedro II que se cometiam excessos, mas, esses agravar-se-iam, e muito, com o o reinado de D. João V, num gosto crítico pela ostentação, e esse “gosto da ostentação conduzia (...) às extravagâncias”.⁵

A mentalidade barroca aguçava racionalidades e exuberâncias sensoriais. Marcava-se a ondulação das linhas e o apelo ao dinamismo. Acentuava-se a preferência pela diagonal e pela curva, pelo contraste claro/escuro, valorizando-se o ênfase do movimento pela cor. Na arquitectura, a simetria era essencial. Mas, a par deste equilíbrio estrutural, o Rococó tocava as artes ornamentais, espalhando o cromatismo, os tons abertos, a prevalência das conchas, emplumados e concheados.

Neste período, como é sabido, também o traje seria sobretudo influenciado pelo que ditava a França, e assim seria durante um longo futuro. O que levaria alguns a criticar a “leveza” tida no seguimento de algumas destas tendências por parte de sujeitos que não reflectiam sobre os investimentos de gastos e excessos, “leves” no juízo e “leves” na liquidez... As experiências das máquinas aerostáticas, inauguradas no tempo de D. João V,

¹ DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70. p.50.

² Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. pp.9-10.

³ Cf. *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p. 6.

⁴ *Queixas de Clorindo ou rephrença amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.4.

⁵ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.131.

com o Padre Bartolomeu de Gusmão, o “Padre Voador”, continuavam a servir de sugestiva imagem satírica a estas situações sociais:

“(…) huma vez
Vi hum corpo aerostático, Francez
De hum forte vento ser arrebatado,
E foi cahir no longo mar salgado;

Porque hum destes Senhores todo he ar;
Leve no fato; leve no pensar;
Leve nos passos; leve nos vinténs!...
Mas aonde, juízo, te deténs?”¹

Ou ainda:

“Outro que faz de Inglez, ou de Francez,
Se vai louco matar com dous, ou três,
Se a cazo o contradizem, e insofrido
Por força quer, que sigao seu partido (...)”²

D. João V, estaria sempre atento às variações da moda francesa, dialogando com os seus embaixadores e encomendando sempre os últimos produtos e subprodutos. Segundo José-Augusto França, talvez injusto nos seus juízos, “as vistas de D. João V não iam além do artesanato de luxo”.³ A inovação, o exotismo ostensivo, bem patentes no gosto cortesão, permitiam que se fôrassem salas enormes com tapeçarias, se expusessem cortinados de veludo franjado a ouro, porcelanas finas várias sobre móveis muito trabalhados e retorcidos em feitios, biombos de seda lavrada entrecruzando passagens, jarrões chineses ou aplicações decorativas em ébano e marfim...

A partir de 1720 as opções do Rocóco manifestar-se-iam também na indumentária. Surgiam as cabeleiras postiças, aquando de calvície de Luís XIV, na raiz e fundamentalmente porque esse monarca procurara sempre manter uma figura jovem e solar. Para tal efeito, aderiu-se também ao uso de *maquillage*. Os apelativos saltos surgiam, também para os

¹ Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.8.

² Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.15.

³ FRANÇA, José Augusto (1965). Lisboa Pombalina e o Iluminismo. Lisboa: Livros Horizonte. p.34.

homens, para empolar a figura, e usavam-se meias de seda. Todos estes usos eram, então, adquiridos e assimilados por nós.

O iniciar deste século seria marcado, pelas alterações na moda, embora mais na indumentária feminina do que na masculina.

As portuguesas apertavam-se, então, em corpetes; armavam-se em anquinhos postiças; empoavam os cabelos, auxiliadas pelo “ferro de encrespar”; ¹ usavam maquilhagem para enrubescer as maçãs do rosto e não dispensavam os sinaizinhos de cetim, “humas modernas, outras muito idozas / humas languidas, ternas, desmaiadas, /Outras já carcomidas, mas pintadas”. ²

Aproveitamos também para referir, apoiando-nos na citação anterior, que não eram apenas os mais jovens a seguir a novas modas, alguns mais velhos, ao contrário do que seria de esperar, não seriam tão conservadores como outros, e atrairiam fortes críticas, como por exemplo:

“Forte perda! Forte asno! Só não sente/ Estulto, rabugente, impertinente/ O ter vivido mal, e sem conselho/ Obrar como rapaz, sendo já velho”³ ou “Com quanta mais razão censurar posso,/ Hum louco velho com paixões de moço?/ E quanto mais indigno, se enfeitado/ Se mostra no vestir aperaltado”, como também “Bem podia ella deixar-se daquelles infeites porque há muito que tem cara de avó”, ⁴ e ainda “Eu não podia suportar o juízo quando via a cabeça de D. Policarpia, com hum filho que tem vinte annos a ilharga, e com trezentos sacixões dependurados no cabello e dous paios de cabello de vide atrás das orelhas (...)”. ⁵

Voltavam-se, pois, a usar armações nas saias dos vestidos, os *paniers*. ⁶ Essas que tinham saído de moda quase há um século, regressariam, até porque isto de modas parece seguir um “curso periódico”. ⁷ Usavam-se, então, em forma de sino, rodeando o corpo e, difundiam-se tanto que, pelo reinado do Rei Sol, por todos os países da Europa Ocidental,

¹ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.9.

² *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhos que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.10.

³ *Queixas de Clorindo ou reprehçam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.16.

⁴ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.7.

⁵ Ibidem.p.4.

⁶ Também conhecidos por anquinhos. Herdaram o nome dos cestos sobre os quais os franceses deixavam as aves domésticas. Por cima dos *paniers* usava-se, geralmente, uma anágua, com comprimento variável de acordo com a moda.

⁷ Cf. *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.11.

inclusivamente pelo nosso, as mulheres que não as usassem eram olhadas com desprezo pelas outras.

Com o aumentar da circunferência das saias, os vestidos deixariam a cauda longa anterior e passariam a ser franzidos e as mangas tornavam-se justas, até aos cotovelos. Aumentava a largura e a quantidade de enfeites, como de *falbalas*¹ e *volants*.² Os espartilhos, que eram habitualmente apertados à frente, passavam a fechar-se nas costas, à semelhança do modelo inglês, através de cordões, desde a barra do decote. Havendo, ainda, os *contouches*, umas sobrevestes largas em tafetá, lã ou seda, apertadas, na frente, com laços de fita, que podiam ser usados, como traje de passeio ou em casa; ou um modelo mais curto, destinado a ser usado apenas em casa.

Os *fontanges*,³ seriam substituídos, inicialmente, por penteados mais simples mas, com muitos cachos altos. Porém, havia aquelas que, não estando habituadas a penteados tão descobertos, começavam a usar toucas e gorros de tecidos finos e, muitas vezes, assentes em armações de arame. Isto aconteceria sobretudo na classe média. Assim, podíamos ver, entre os nossos, “nos seus bancos estofados de peluche os burgueses com as suas mulheres que ostentavam xales de caxemira, as filhas empertigadas em seus folhos e enfeites à moda francesa, os lojistas, orgulhosos por poderem nesse dia arvorar uma espada”,⁴ com “aquelle ar esvelto afrancezado”.⁵

Algumas mulheres usavam uns lenços de pescoço, de crepe, renda ou gaze, presos com botões ou galões em prata. Também figuravam umas capas curtas, assim como as saias de veludo⁶, renda ou tafetá, debruadas com rufos e enfeites; luvas de seda, tule de seda e couro; meias de seda, sobretudo em verde com riscas cor-de-rosa, “bordadas,/ que das franças sempre foram desejadas”⁷; sapatos e chinelos delicados, que eram protegidos por algo que se assemelhava a galochas, quando chovia muito; leques de marfim⁸ e diamantes, que viriam substituir as pérolas do período anterior...

¹ Folhos de tecido plissado ou pregueado e costurados ao redor das saias. O tecido empregue era diferente do tecido do vestido.

² Folhos idênticos aos *falbalas* mas, de tecido igual ao do vestido.

³ Laços de cabelo.

⁴ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.20.

⁵ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.11.

⁶ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.7.

⁷ *Ibidem*.p.6.

⁸ Cf.*Ibidem*..p.11.

Para eles, o conjunto que comportava casaca, em lã, seda ou veludo rodados; colete e calção mantinha-se. Os bordados eram muitos e ainda se usavam os de ouro e prata, embora não tão frequentemente como na era de Luís XIV. Sobressaiam também grandes botões de metais ou vidros, mais ou menos preciosos, que dada a procura, se haviam transformado num “importante artigo de comércio na França e na Inglaterra”,¹ seguindo-se a mesma tendência de gosto no nosso país.

A casaca usava-se comprida, de gola enorme,² sem cós, com punhos altos e largos, de modo a facilitar a liberdade de movimentos. A camisa era, geralmente, confeccionada em linho, com folhos. O colete era então comprido, não muito justo, ainda, e dele sobressaía um *jabot*,³ que parecia pender de uma jóia. Denominava-se mais frequentemente de “vestia” e acompanhava o comprimento da casaca. Os calções apertavam-se pelos joelhos, com agulhetas ou fitas em rosetas fininhas. Os *aguilletes*⁴ foram perdendo a sua função inicial, mas continuaram a usar-se, pendendo, em fitas, até aos cotovelos, mais ou menos até 1725, quando começariam a sair de moda.

Os sapatos seriam dos primeiros elementos a aderir ao luxo e, se inicialmente, os seus ornamentos mais frequentes eram rosetas e fivelas de metais simples, rapidamente se adeririam às pedrarias e aos metais mais caros, sendo que o salto era quase obrigatório. O bastão, por sua vez continuava a manter presença. A espada servia de acessório e era, praticamente, indispensável o seu uso nas cerimónias. Usava-se atada à cinta, com fitas, anunciando a prontidão para duelos. Anúncio este que demonstraria, ainda, uma atitude de origem “gótica”, medieval. Mas se há algo se que altera significativamente, como já percebemos, é que “no século XVII a moda portuguesa é decalcada da espanhola e, no século das Luzes, da francesa”.⁵

Seria D. João V a introduzir – de vez – o gosto exacerbado da cultura francesa na nossa corte. O rei que prezava as artes do amor e da galanteria, emperfumava-se com essência de âmbar importada de França. Em *Traje erudito e Traje popular português* podemos ver a descrição de um traje de D. João V. Refere-se, então o uso de uma longa peruca negra e

¹ KÖHLER, Carl e SICHART (2005). *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes. p.406.

² Cf. *Queixas de Clorindo ou reprimenda amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.12.

³ Espécie de gravata de renda. Tinha geralmente o mesmo molde e largura dos punhos e surgira para substituir a *cravate* de musselina de pontas longas, embora não demorasse a ser também ele substituído por um lenço de pescoço, que apertava em nó, atrás, sendo enfeitado, à frente, com um alfinete.

⁴ Laços de fita que se usavam no ombro direito do casaco masculino, para segurar o talim. Mesmo quando perdendo essa função inicial, usaram-se como ornamento.

⁵ GUEDES, Natália Correia & Ana Maria Brandão (1980). *Traje de criança e brinquedos*, Lisboa: Museu Nacional do Traje. p.25.

encaracolada e, de entre roupas de grande magnificência, sobressaía um grande manto de cor negra, bordado a ouro.¹ O monarca introduziria o gosto afrancesado, encomendando de Paris, todos os anos, os trajes mais ricos que por lá se faziam e as suas cabeleiras, afinal, “(...) foi ele que, para ornamentar a sua corte e imitar Versalhes, tirou a portuguesa da sua reclusão e a instalou nos camarotes gradeados da ópera, sob os lustres dos salões do Paço da Ribeira, e nos bosquezinhos de jasmim e de buxo de Sintra.”²

Todavia, vivia o país ainda, à sua subida ao trono em 1706, o depauperamento gerado pelas guerras da Sucessão. Diminuído de recursos, havia menos desenvolvimento económico e social. Então, este jovem rei ficaria conhecido quer pela sua política de prudente neutralidade relativamente aos conflitos internacionais, pela reafirmação da aliança luso-inglesa, como por uma série de medidas reformistas que implementaria na área das manufacturas, do comércio, da arquitectura, das artes decorativas, como da cultura, em geral. O ciclo do ouro e das pedras preciosas permitiu a D. João V conciliar estes aspectos com uma política de prestígio e afirmação de Portugal na cena internacional.

Na primeira metade do século observavam-se, com evidência, os requintes de manufactura. Assistia-se ao incremento de formas crescentes, empoladas, policromáticas, nas rendas, nos lavrados dos tecidos. Contudo, admirando Luís XIV, o nosso rei, não lhe seguiria os passos em todas as suas atitudes, já que, enquanto aquele tentara moderar os excessos das damas da sua corte, este seria aparentemente mais permissivo, entranhando-se tanto na nossa corte tais hábitos que, mesmo depois do terramoto prevaleceria tal gosto exuberante, intensificando-se, até, nalguns aspectos e pormenores.

Lâminas e contas de prata e ouro³ cobriam vestes e adereços. Diamantes e toda uma variedade de pedras preciosas davam graça a fivelas e botões. O bastão masculino era também ornado de pedrarias e as gravatas mais habituais, os *jabots* pulsavam em grandes “tufos” de rendas. Os leques debruados de rendinhas, rendinhas essas que também espreitavam das bolsas femininas no remate do lenço de linho bordado, manter-se-iam ao longo do século, essenciais em qualquer ocasião, como nos explica uma *França*, dizendo: “Com o leque na

¹ Cf. TEIXEIRA, Madalena Braz & Madalena Ataíde Garcia (1989). *Traje erudito e Traje popular português*. Macau: Leal Senado. p.16.

² CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.115.

³ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.8.

mão/ Para mitigar o ardor do meu carão;/ E quer fosse verão, quer fosse inverno,/ Este em fim era o meu fadário eterno.”¹

O vestido feminino passava a usar-se geralmente em duas peças: corpete e saia. Era grande o aparato de proporções proporcionado pela armação interior, a que chamavam *panier*. O objectivo seria avolumar substancialmente as ancas. Nas costas, dispunham-se, normalmente, pregas, formando um enorme concheado que terminava numa espécie de cauda. O jogo de volume lateral e traseiro exibia toda a exuberância do barroco. O corte, bastante difícil de realizar, não prevaleceria, intocável, nas décadas seguintes, onde persistiriam as ancas largas, embora com menos aparato, e o corpete, usado sobre aquilo que então se denominava de *pièce d'estomac*.

Para o Inverno, existiam saias acolchoadas e pespontadas, como existiam as peles de arminho². A harmonia cromática era menor mas, não ausente. Durante o Rocóco, nos tecidos, via-se numa série de coloridos, que variavam do rosa intenso, ao azul, o amarelo³, ou ainda o listrado, bastante querido, adquirindo novo significado⁴.

A cabeleira empoada era a norma, tanto no uso masculino como no feminino. Contudo, neste último género, notava-se mais reduzida, embora sempre cheia de ornamentos acessórios: flores, pequenos toucados⁵ de cambraia de linho, laços. O gosto pelos enfeites era tal que, os laços se usavam também no pescoço, como acessório ou ainda pregados, muitas vezes em número considerável, por todo o vestido ou apenas nas mangas, rematando as longas e as meias mangas, para suavizar a linguagem gestual.

A cabeleira baixa permitiria a introdução do chapéu, cujo aparato iria também aumentando ao longo das décadas seguintes, de modo que, nos anos quarenta e cinquenta se introduziria a moda do chapéu enfeitado de flores e fitas.

A pele do rosto cobrir-se-ia de maquilhagem pálida, complementada com uma espécie de “rouge”, sem esquecer que as “elegantes marcam o rosto com sinais , que tem diferentes

¹ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.5.

² Cf. Ibidem. p.12.

³ Cf. HART, Avril (2009). *La moda de los siglos XVII-XVIII en detalle*. Barcelona : Gustavo Gili. p.87.

⁴ Cf. PASTOUREAU, Michel (1996). *O tecido do diabo. Uma história das riscas e dos tecidos listrados*. Lisboa: Editorial Estampa. pp.58-60.

⁵ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.9.

significados conforme a sua localização”.¹ - Note-se a importância elevada de uma linguagem muito gestual, nas relações entre os namorados, nos códigos sociais. Havia muita teatralidade e todo um código de galanteria, onde os acessórios também tinham a sua importância marcada. Exemplo disso era o uso vários de chapéus e leques, em diversas circunstâncias e modos. Suzanne de Chantal descreve a exigente cantora Zamparini, muito em voga na época, como sendo brilhante, sedutora, ousada, e despudorada, com seus gritinhos histéricos, os chapéus “às três pancadas”² e os sinais pretos de cetim. Mas, ainda havia moderação. Afinal, em 1774 a sobredita seria expulsa do reino, por ser demasiado ousada e sedutora.

Em Julho de 1750 Portugal viveria a morte do seu monarca, D. João V, um longo reinado que para sempre marcara a nossa vida colectiva.

O país parecia, pouco a pouco, voltar a conseguir algum do seu equilíbrio anterior, mas urgia proteger a estabilidade já alcançada, pelo que, em 1749, um ano antes da sua morte, o rei decidira a promulgação de uma nova *Pragmática* contra o Luxo. Então, na sequência da morte do rei, esse de quem se diz injustamente, que “foi arruinando a saúde do mesmo modo que arruinava o reino”,³ sobe ao trono português D. José I, cujo reinado seria sobretudo marcado pelas políticas reformistas do seu ministro, o celeberrimo Marquês de Pombal.

Apercebendo-se da necessidade urgente de reformas que modernizassem o país, tão atrasado em relação ao fervilhar tecnológico, científico e ideológico que despontava então noutras sociedades europeias, Pombal procederia à implementação de uma série de medidas proteccionistas e de desenvolvimento das produções nacionais. Aplicava-se, assim, na reorganização da sociedade, da economia e das leis. Procedia num mesmo impulso à renovação das indústrias têxteis, às reformas ao ensino, à expulsão dos Jesuítas. Fundava-se o Erário Régio, a Real Junta do Comércio e a Real Mesa Censória. Assim, “Pombal procurou infundir sangue novo nos outros corpos de ofícios. Nada lhe parecia desprezível: tanto se interessava pelos óleos de peixe como pelas pedras preciosas, fivelas dos sapatos, cartas de jogar.”⁴ No entanto, não esqueçamos, as finanças reais continuavam, de um modo geral, caóticas, até porque, a obra do marquês, qual árvore promissora, precisaria de tempo para dar os seus frutos.

Todavia, como, apesar de tudo, a ascensão económica da burguesia era uma realidade, ainda havia, afinal, no nosso país lucros e rendimentos consideráveis absorvidos do

¹ RODRIGUES, Vera & Carlos Spodka (1988). *Nove séculos de Moda*. Lourosa: Escola C + S de Lourosa. p.50.

² CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.83.

³ Ibidem. p.29.

⁴ Ibidem. p.219.

incremento do comércio com o Brasil e países do Mar Báltico, Inglaterra e Europa central, pelo que havia ainda alguma riqueza disponível para os artigos de requinte, luxo e ostentação. O tabaco brasileiro, as especiarias, o vinho, o azeite, os citrinos, o algodão, o marfim ou as madeiras tintureiras eram produtos lucrativos das exportações portuguesas. O comércio, desta forma, ainda nos renderia talvez mais por esta altura do que pela época de D. João V, com todos os diamantes que entravam no reino. Era um movimento social de ascensão, em que os burgueses se nobilitavam e mais do que nunca começavam a imitar muitos dos hábitos da velha nobreza a cujo estatuto aspiravam e que lhes servia de modelo, afinal. Tinham então um bom nível de vida, repousando na ideia segura de que ainda tínhamos as nossas riquezas a explorar. Deste modo, D. José, esse que recusava todas as residências que lhe ofereciam após o terramoto porque “rebentava de medo e não queria de modo nenhum abandonar as eminências da Ajuda (...) onde (...) podia entregar-se de alma e coração à religião e à caça”,¹ chocando um pouco as convicções mercantilistas dos estrangeirados, prosseguiria, paradoxalmente, uma certa tendência de permissividade para o gasto.

Não fossem as medidas do Marquês de Pombal, com os seus ímpetos moderadores, acalmarem um pouco os gastos, viver-se-iam certamente momentos ainda mais difíceis após o terramoto. Na imagem da historiografia liberal, do estrangeiro, “redigiu Carvalho e Melo extensos relatórios que foram parar ao cesto dos papéis, enquanto D. João V se ocupava com as suas favoritas e as suas devoções, se arruinava em capelas e carrilhões.”² Como quer que tenha sido, a verdade é que a moda, sempre caprichosa, se ia renovando constantemente...

E, antes que por cá os admiradores e detractores de Pombal tivessem tempo de assimilar os novos gostos, vigentes em França ou Itália, já chegavam outros, novos. Habitados a esta vicissitude, os portugueses interessavam-se mais pelos artigos estrangeiros do que pelos produtos nacionais, achando, para cúmulo, os nossos muito caros e de pior qualidade. Desprezavam-se, muitas vezes, as fábricas do marquês e valorizavam-se os artigos trazidos pelo contrabandista, até porque, de nada “importava à elegante frívola, apaixonada pelas modas francesas, ou ao fidalgo amador de caixas de música, que talvez bastassem dez anos de esforços e paciência para obter no seu país artigos aceitáveis.”³ Situação essa que seria notada e criticada por alguns autores de folhetos de cordel, como aquele que proclama que os estrangeiros: “Sabem que em Portugal há louca gente,/ Que o luxo reina agora, o que

¹ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.46.

² Ibidem. p.24.

³ Ibidem. pp.220-221.

he patente,/ Carregam seus paquetes, e vem logo/ Com dez mil bugigangas fazer jogo;/ E lhe corre o dinheiro como hum rio,/ E nisto Portugal fica vazio (...).¹

Todavia, mesmo quando detendo também poder político, no século seguinte, a burguesia não se renderia a ostentações tão desmesuradas como a nobreza, sendo mais moderada. Embora, a mesma moderação não se estendesse a todas as classes, nem fosse, de todo, um sinal de grandes restrições (afinal, do Brasil continuavam a chegar pedras preciosas que enfeitavam os pescoços, as orelhas, os cabelos das damas portuguesas, das mais ricas às “peixeiras do cais da Ribeira”).²

É de referir também que, graças aos incentivos pombalinos, os tecidos preciosos e as rendas começariam a manufacturar-se em Portugal e, embora continuasse sempre a persistir o uso do nosso linho bordado, como material nobre, essa inovação seria bastante relevante, uma vez que, o traje manteria, um pouco, a estrutura do período anterior. No entanto, diminuiria o volume das mangas e das palas dos bolsos. O colete subsistiria, mas, mais curto e com os bolsos aplicados sobre os rins. Esta alteração denotava a influência do já referido crescimento da actividade comercial, uma vez que facilitaria o acesso do vendedor ao dinheiro.

Tendo em conta a criação da Real Fábrica das Sedas e a consequente manufactura de rendas e outros acessórios de moda, decidia-se a promulgação de mais uma Pragmática contra o Luxo, em 1751, proibindo o uso de têxteis e adornos estrangeiros, desenvolvendo-se, também nesta lógica, a importância da ourivesaria nacional. Note-se, pois, o conhecido carácter proteccionista da política vigente.

Este contexto sócio-político ia operando uma reorganização da sociedade. A aristocracia perdia o seu anterior sentido de hegemonia única, dando-se a ascensão de toda uma burguesia comercial, endinheirada. E, seria fundamentalmente destas burguesias que fariam parte os “estrangeirados”, esses intelectuais que chegavam a Portugal cheios da aura do Iluminismo, trazendo no espírito novidades, nas ideias, ideais e aspirações de modernização. Esses, dos quais não havia um só que não ficasse estupefacto, escandalizado ou deslumbrado com o surpreendente estilo de vida, a um tempo sumptuoso e sórdido, das grandes famílias portuguesas”,³ também nos guiariam rumo a um racionalismo que moderasse mais os gastos supérfluos. Nesta linha, a vida cultural aburguesava-se e laicizava-se.

¹ *Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.3.

² CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. pp.116-117.

³ *Ibidem*. p.100.

Os burgueses procuravam imitar a nobreza, apesar de serem tão menosprezados por ela, e socializavam bastante com os estrangeiros, que cada vez mais se instalavam em Portugal, desde que Pombal começou a desenvolver a indústria nacional. Tinham, de um modo geral, por esta altura, rendimentos tão bons que, podiam rodear-se de tantos luxos como os fidalgos e, com as relações que mantinham com esses viajantes, abriam horizontes e mudavam gostos.

José Augusto França considera o reinado de D. José como “precursor do espírito de Luís XVI”,¹ sendo o pombalino um pioneiro do Neo-Classicismo. Embora o reinado de D. Maria viesse a ter, ainda, iminente a continuação do Rocóco, notava-se já gosto pela simplificação das formas, o deslizar de linhas classicizantes. O trabalho pombalino em Lisboa, após o Terramoto de 1755, demonstraria, claramente, o apreço pela razão e pela geometria, o pragmatismo como necessidade prática, resultante do desastre. Iam-se, então, eliminando as excrescências de ornamentação, acentuando-se o rigor do desenho e uma geometria de contorno definido. De realçar é também a intenção do ministro em “criar uma classe que pudesse dar uma elite de espíritos progressistas à nação, uma nova nobreza activa (...) nascida do comércio e da finança, aberta a ideias modernas”.²

Todo o excesso patente nos inícios do século XVIII, polvilhado de perucas, pedras preciosas, artifícios de decoração e pormenores rendilhados, via-se também no auge dos jogos de volume, na vivacidade festiva, numa proclamação clara do excessivo, mas sempre conciliado com preocupações de harmonia e rigor. Contudo, sabendo que essa ostentação imensa, fruto sobretudo do ouro que a Portugal chegava do Brasil, não teria duração longa, e que os gastos com importações eram maiores do que deveriam, sobretudo após a tragédia da capital portuguesa, seria essencial o surgimento de uma figura como a de D. Sebastião José Carvalho e Mello, com todo o seu semblante reformista, na sua acção de protecção do produto nacional e incentivo à produção interna. O país oscilava, envolto em cinzas, mas mantinha-se firme, optando por uma atitude mais contida, ainda que, não tanto como deveria.

Já no prosseguimento dos anos cinquenta, as perucas masculinas haviam diminuído de tamanho e forma, usando-se em três ordens de “bandós”. Diminuindo-se a quantidade de ornamentos em defesa de um “estilo mais simples, prático e confortável”.³ Contudo, o nosso D. João V tinha continuado a preferir a grande cabeleira encanudada, o que seria também opção de Pombal, apesar da tua atitude moderadora.

¹ TEIXEIRA, Madalena Braz & Madalena Ataíde Garcia (1989). *Traje erudito e Traje popular português*. Macau: Leal Senado. p. 25.

² FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte. p.160.

³ KÖHLER, Carl e SICHART (2005). *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes. p.435.

O que demorou a ser moderado foi o volume das grandes armações laterais nas saias, as chamadas “anquinhas”, também conhecidas por “guarda-infantes”¹ e, que tão criticadas foram na literatura de cordel, como vemos num anónimo tardio que não se esqueceu sequer de invocar o prestígio europeu do imortal mestre da medicina e cirurgia, Boerhave:

“Porém outra Madama com tal arte
Vem figurando o mal de hidropezia,
Que ao perito Boerhave enganaria. (...)
He mal que inda às meninas delicadas
Faz de repente gordas e anafadas;
Porém isto é vestidas, que na cama
Torna-se magra, e tísica a madama”.²

Os vestidos tinham de ser claramente amplos. Quando as anquinhas passassem de moda, usar-se-iam sobre os espartilhos os vestidos redingotes, de saias muito abertas e corpetes bastante justos ao corpo. O vestido feminino não se alterava muito, entretanto, embora as ancas parecessem alargar mais, usando-se um *panier* duplo e uma abundância de rendas. Nos tecidos prevaleciam os motivos de características vegetalistas e florais.³ A cabeleira é ainda empoadada mas, mais baixa, muitas vezes apanhada com uma trança. Os chapéus eram grandes e continuaram realçados com flores e fitas. O mesmo anónimo supracitado, em tom cáustico, diz que: “Mas como hia contando: A tal francesa/ No exterior, em tótum, Portuguesa/ Vinha com tal chapéu, que foi preciso, /Que me abaixasse logo de improviso/ Para passar o tal senhor cometa,/ E que só a sombra me deixou pateta”.⁴

E, ainda, acerca de um suposto excesso de fitas, pela mesma altura alguém diz: “Assim também graça infinita eu acho,/ Nas largas fitas pela testa abaixo;/ Mas quando o rosto he bello, à formozura/ Este adorno bastante a desfigura.”⁵

¹ Armação de grandes dimensões, construída em metal forrado ou barbas de baleia e que servia para dar um aspecto de volume lateral simétrico imenso, na sua forma mais habitua, apesar de haver variações. Embora inicialmente não fossem muito grandes, foram gradualmente aumentando de volume, pelo que ficaram conhecidas por tamanhos medonhos. Sendo feitas de bambu, aço ou barbatana e presas por correias e tiras, possuíam geralmente, um mecanismo que lhes permitia serem dobradas de modo que as damas pudessem passar pelas portas mais estreitas. Foi na época do Rei Sol que começaram a aumentar o seu volume e antigiriam o seu tamanho máximo pelo primeiro quartel do século das Luzes.

² *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.9.

³ Cf. HART, Avril (2009). *La moda de los siglos XVII-XVIII en detalle*. Barcelona : Gustavo Gili. p.95.

⁴ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.9.

⁵ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.14.

Os sapatos das damas eram de salto, tal como os dos cavalheiros, geralmente mais longos do que os outros e revirados nas pontas, abotoados com um laço de seda ou fechando com pala alta e fivela de metal nobre. A figura espartilhada pela *pièce d'estomac* mantinha-se, pelo que a atitude feminina permanecia condicionada, controlada, pausada e rítmica. Procurava-se manifestar a beleza e o esplendor dos pés, a graciosidade do caminhar.¹ Na moda, estávamos entre as influências inglesa e francesa, destacando-se, ainda, sobretudo a última, embora, não demorasse muito a fazer-se sentir mais a primeira.

Até os aldeãos se aprimoravam como podiam. Mulheres e homens vestiam-se e calçavam-se o melhor que podiam, sendo o destaque para elas, enfeitadas com fitas, pulseiras e fios de ouro, de corpete justo, grandes brincos coloridos e “cadeas de nova invenção (...) com seu oiro tecido e borlas que custam mais do que humas de asso”.² Tudo isto de tal forma que, muitas vezes, se referia satiricamente o facto de se vestirem quase indistintamente, pessoas que pertenciam a diferentes classes sociais, como vemos neste exemplo de crítica social, ainda da primeira metade de setecentos:

“Por outra parte vejo muito bem,
Terem razão aquelles, que mofando
Da fofice do tempo, vão notando,
Que a filha do sebento remendão
Faz hoje em dia quasi o figurão,
Que a daquelle que tem bastantes rendas;
Ao fidalgo de granjas, e commendas,
Imita o escrevente, o tabolista,
E o caixeiro do pobre capellista.”³

No entanto, muitos pais continuavam a presentear as suas filhas com mimos e adornos, como aquele que diz: “Ah que vocês também o troféu levarem, prometo lhes comprar fitas, plumas, volantes, e trinta paus de pomada”⁴ e, quando não se podiam comprar as verdadeiras, arranjavam-se pedras falsas,⁵ o que importava era que se enfeitassem as damas e os cavalheiros. Tanto era assim que, em 1770, um conde estrangeiro, Alfieri, se surpreenderia

¹ Cf. PRAT, Lucy e Linda Woolley (2008). *Shoes*. London: V&A Publications. p.34.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p3.

³ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. pp.10-11.

⁴ *Ibidem*. p.4.

⁵ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.6.

com a aparência de teatralidade e magnificência veementes de Lisboa, apesar de mais tarde acabar por senti-la, na sua essência, tumular, já que, realce-se, ainda se recuperava e ainda se vislumbravam destroços, por aqui e por ali.

À medida que as perucas iam diminuindo em volume, tanto para a esfera masculina como para a feminina, as roupas iam tomando também volumes mais moderados. Faziam-se debruns mais estreitos e mais simples nos casacos e, por volta de 1770, a casaca masculina ajustava-se mais ao corpo, com as extremidades da frente cortadas, à imagem de um fraque, seguindo as linhas do casaco de equitação inglês. Também o colete, como o calção seguiriam o mesmo sentido simplificador. O primeiro ia encurtando e perdendo a quantidade imensa de bordados, para um debrum estreito e o segundo, usava-se pouco abaixo do joelho, apertando com simples fivelas ou correias. O tricórnio, do mesmo modo, entretanto, tomaria feições de bicórnio, enfeitado de penas.

Parte do estilo descrito era adoptado do francês “Luís XVI”, quase universalizado, embora na França a tendência para o excesso tenha sido maior. Os sapatos também eram marcados pelo gosto francês, com as suas enormes fivelas, que cresceriam em tamanho e extravagância, atingindo proporções imensas,¹ como podemos ver, a exemplo, na pintura *A signal for an engagement* (1781), de Jack Oakham e os *peralvilhos* portugueses usá-los-iam, esses “que, recebiam, sem distinção de sexo, a designação de ‘franças’, e que disputavam os serviços de Tomás dos Reis, que aprendera a empoar com o sr. Dage, cabeleireiro de Luís XV”,² sendo satirizados do seguinte modo: “E as fivellas, que ainda, que eu quizerá/ Riscallas como o círculo da esfera,/ O mais grande compaço não podia/ A cópia descrever; nem eu havia”³...

Tome-se em conta, curiosamente, que não tardaria o advento da simplicidade e pureza clássicas, onde os príncipes seriam retratados com cabeleiras mais curtas e as infantas sem “panier”. A linguagem gestual, preparava-se, ainda que na sombra, para tomar feições menos amaneiradas e as atitudes mais discretas. Mas, só o final do século testemunharia essa realidade, em que vestidos e penteados reduziriam substancialmente dimensões, mas, primeiro teriam de crescer ainda mais, em dimensões significativas.

E, na fase de ascensão, esses penteados subiriam tanto que chegariam a ter, por vezes, mais de setenta centímetros, apoiados em arame e enchimentos e, carregados de enfeites. De

¹ Cf. PRAT, Lucy e Linda Woolley (2008). *Shoes*. London: V&A Publications. p.52.

² CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.73.

³ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.6.

tal modo que os homens querendo também ter frondosas cabeleiras, ainda que a seu modo, recorreriam da mesma feita às próteses. Isto está explícito, por exemplo em: “Se imaginas ser cabelo/ O grande chicote, he delírio;/ Pois elles só se compõem/ D’estopa, trapo, ou linho”,¹ e quem não se lembra da célebre sátira de Nicolau Tolentino, *O colchão dentro do toucado*?

A imensa proporção dos penteados, sobretudo das damas, “huma altura desmarcada de poupa e tão cheia de flores e fitas como huma laje de capella”,² levaria, aliás, a rainha francesa, Maria Antonieta, a reintroduzir a moda das anquinhas, por volta de 1774 – para diminuir a desproporção entre a altura e a largura – embora esta tendência se tivesse mantido por pouco tempo na esfera comum, remetendo-se, dez anos depois, mais a traje palaciano-festivo do que a outra coisa e, sendo que mesmo assim só até à Revolução Francesa.

Enquanto não soavam os festejos da “liberdade”, adoptavam-se outras formas de dar volume às ancas, ainda que não tão desmedidos, os *poches*³ ou o *cul*.⁴ As saias, lisas ou franzidas, seguiam a mesma tendência de se enfeitarem excessivamente, com pregueados, rendas, *volants* e outros ornamentos.⁵ As mangas mantinham-se até aos cotovelos, mas, justas até aos antebraços e com mais debruns em rendas do que nunca. Os corpetes continuavam a apertar atrás e, na frente dispunham-se, então, em grandes laços de fita colorida ou fechos sumptuosos com diamantes. Complementavam-se os conjuntos com sombrinhas e leques mas, adoptavam-se também as *badines*.⁶

Tendo sido toda a roupa dizimada pelo terramoto, “no dia seguinte ao da catástrofe de 1755, Lisboa, sem pão nem tecto, estava também sem vestuário. Os sobreviventes só possuíam o fato que traziam no corpo, de um modo geral roto, queimado ou sujo”⁷, tendo que se distribuir burel castanho pelos atingidos, por necessidade, e para os proteger do frio e das chuvas, sendo esse o tecido que envolveria a população, durante algum tempo, algo de que podemos ter uma pequena ideia através da pintura *O terramoto de Lisboa* (1760), de João

¹ *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.7.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.3.

³ Pequenas almofadas aplicadas à altura das ancas.

⁴ Uma almofada maior que servia também para avolumar as saias.

⁵ Usavam-se também pedaços de tecido idêntico ao do vestido, forrados e com enchimentos, que eram costurados grinaldas em torno do vestido ou das mangas.

⁶ Bengalas longas e esguias, usadas por algumas mulheres no fim do século XVIII. Demonstam uma certa “masculinização” da moda feminina.

⁷ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.210.

Glama Stroberle. Muitos, no entanto, ficariam “meses sem mudar de camisa. As noites passadas no precário abrigo (...) transformaram ricos e pobres numa legião de maltrapilhos”.¹

Dado este contexto de precariedade, compreende-se que os vaidosos estivessem famintos de luxos. Fome essa que, despertou mais ávida do que nunca, pelo que, pouco tempo depois, já se disputavam sedas, rendas, gaze, tafetás e bugigangas, incentivando muito ao contrabando. Tanto que, mesmo quando o rei e a sua esposa, percebendo a precariedade, se vestiam de tecidos nacionais, se disputavam, entre outros aristocratas, os tecidos luxuosos que “entravam em Portugal de contrabando e atingiam preços aterrorizadores”² e, assim “as despesas das classes ricas expandiam-se mais do que nunca, não somente em barracas mas também em trajos, em coches, em porcelanas”³...

Abalado pela catástrofe natural, não havia outra alternativa para o reino, senão dispor de contenção. Todavia, muitos contornavam-na e, se se dizia, por esta altura, que “o único luxo dos portugueses era possuir quatro mulas para um coche”, havia os que “faziam cavalgar um postilhão ao lado da equipagem ou precedendo-a, tendo escolta de estribeiros, galopando de espada à cinta (...) e os lacaios de libré, de braços cruzados, cheios de arrogância”.⁴ Isto, apenas a exemplo e para não falarmos novamente dos trajos, que obviamente, prosseguiram luxuosos coadjuvados pelas práticas ilícitas.

Os portugueses continuavam a apreciar as festas, os arraiais, as corridas de touros, os teatros e, quando iam merendar fora, as damas aprumavam-se, mesmo as burguesas mais simples, usando saiotes curtos, bordados de raminhos florais e, por cima, saias tesas de goma. Muito frequentemente, seguia-as um jovem atento e galante, cheio de sensibilidade e vaidades, tocando árias da moda ou discutindo com outros qual o melhor entretenimento em vigor. É a vaidade dos peraltas que se faz notar e que se critica assim: “Mas eis que encontro hum bando de Tafues/ Com fraques verdes huns, outros azues,/ Disputando raivozinhos altamente,/ Qual dos theatros he melhor a gente,/ Que representa, toca dança e pinta”.⁵

Com o efeminar da moda masculina surge então esse modelo bastante caricato e que marcaria a sociedade desta época. Esses que, “falam em falsete, pintam os lábios, põem sinais, colocam brincos nas orelhas, tufam o colete, cintam a casaca, usam relógios, lencinhos de

¹ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.210.

² Ibidem. p.215.

³ FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte. p.55.

⁴ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. pp.107-108.

⁵ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.11.

renda e perfumes de almiscar”.¹ E, eis que eles, embora não tão garridos como elas, não o deixavam de ser que bastasse, nos botões de osso, prata ou porcelana, no calção, casaca, gibão e sobrecasaca realçados de alamares e passamanarias. Os jovens casquilhos usavam meias de seda branca, em vários pares sobrepostos, quando havia frio; calças; sapatos, adornados com enormes fivelas em prata ou estanho, ao estilo inglês;² camisa de punhos frisados; gravata grande e muito apertada à volta do pescoço; coletes, com frentes em seda. Os tons da moda eram finos e discretos: cor-de-vinho, de alecrim ou bege claro.³ Também não abdicavam do chapéu de feltro, geralmente de três bicos, e, entretanto, de dois apenas. E, se a cabeleira postiça que usavam os homens era tão frondosa, encaracolada e pulverizada, nesta altura, que os impedia de usarem o chapéu na cabeça, não o deixavam de parte, mantendo-o, geralmente, debaixo do braço. Não dispensavam, também, o lenço e a espada, principalmente quando pretendiam galantear uma dama.

A espada era, normalmente, minúscula, “um virginal florete”⁴, pois, como afirma a personagem de um peralta, em cordel, é “bem opio pois qual he o homem prendado que não sabe florete”.⁵ Fabricavam-se, pois, espadas finíssimas, em qualidade e dimensão física. A sua função era sobretudo, altear a barra do casaco e pendurar o lenço, uma vez que quanto a questões de usá-lo seriam bastante “recatados”, levando um anónimo a criticar: “(...) porém como hum balla/ em vez de defender alli a honra/ Foge o que he deshonor; / E quando já de longe se resguarda/ Grita: O’ lá sentinella? O’ lá da guarda?”.⁶ Embora, supostamente, se gabassem, com bastante frequência, de actos heróicos, pondo “(...) seus bisavós no grao primeiro,/ Dizendo que fizerao mil proesas/ Em passadas guerras Portuguesas”⁷ ou afirmando que “(...) com trinta, e mais se tem batido, / E (...) sucedera muita vez/ Alcançar três, ou quatro de hum revez”.⁸

¹ RODRIGUES, Vera & Carlos Spodka (1988). *Nove séculos de Moda*. Lourosa: Escola C + S de Lourosa. p.44.

² Cf. *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.12.

³ Cf. HART, Avril (2009). *La moda de los siglos XVII-XVIII en detalle*. Barcelona : Gustavo Gili. p.127.

⁴ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.11.

⁵ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.4.

⁶ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.12.

⁷ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.12.

⁸ Ibidem. p.13.

Eram, ainda, conhecidos, esses casquilhos, por se renderem ao ócio e aos prazeres, numa atitude epicurista, tanto que alguns criticavam a sua falta de ocupação, ou as suas ocupações fúteis:

“E perguntando a outro que alli estava
A ocupação, de se sustentava,
Respondeu, que em fazer alguns recados
Via assim de algum modo compensados
Os seus passos, fugindo à fome feia,
Que nos ociozos inda mais se ateia.”¹

Havendo ainda quem chegasse a acusá-los de roubar, de se endividarem constantemente ou de viverem miserável e criminalmente, na sombra, para sustentarem um nível da vida fictício:

“Discorro com bem claros fundamentos (...)
(Que o dinheiro nos baús não nasce,
Que em lugar de galinha tira alface,
O que á janella a boca esgravatando,
Dentro dos dentes a finge estar tirando.

E porque a fome he negra, e muito estreita
Com a faca na mão o vulto espreita,
Que depois de roubar, lhe tira vida,
E numa força a sua vê perdida.”²

Ou ainda, através da personagem de uma França, que se lamenta:

“Na rua só mostrava os apparatus,
E a minha casa tão falta de ornatos;
Na rua mostrava só o luzimento,
E a minha casa falta de alimento. (...)
Para manter a minha Francezia,
Sem me causar abalo
Darme a barriga às vezes hum estalo.”¹

¹ *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.14.

² *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.5.

Há ainda os que gabando-se desses gastos, e excentricidades, como aquela mãe que, encomiando o filho peralta, nos diz:

“Eu tenho hum, mas posso ter a vaidade que não há que se lhe dizer, elle dança bem, aprende francez e agora florete, sabe jogar o visque, aponta a banca e joga severm, perde com hum dezembaraço como tem hum milhão de seu, he muito vivo e as senhoritas gostao muito delle (...)”²

Há ainda os que de forma moralizante, se defendiam de acusações anteriores, sustentando que seria possível seguirem-se as modas sem recurso a meios menos dignos, proclamando:

“Deos sabe que o não furto: os meus amigos,
Que me escudao em tão cruéis perigos,
Os papelitos mal alinhavados,
Vencem a mão de meus tyrannos fados.
(...) em casa (...) o coitado
Estende sobre taboas o costado,
Por sahir todo secio e presumido
E quanto ave estraga n’um vestido.
Isto he mão, assim he; quem diz que não?
Porém pode-o fazer, sem ser ladrão.”³

Até porque cada um tem as suas paixões: “ (...) vai das paixões;/ Hum quer antes ter sacos de dobrões;/ Inda que morra à fome, e viva porco;/ O outro, vendo a casa vai de borco,/ Não deixa de nutrir a vaidade,/ E não lhe dá passar pela anciedade.”⁴

O exotismo dos produtos novos trazia também o gosto por uma linguagem exótica, tanto que, os peraltas, orgulhosamente, inovavam nos termos, abusavam de diminutivos e aumentativos, elevando “até ao infinito a cortesia natural do povo e que, entre as pessoas

¹ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.3.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.11.

³ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.12.

⁴ *Ibidem*.pp.12-13.

educadas, ganhava um toque delicioso”.¹ Usavam-se metáforas e recorria-se imenso ao uso do francês, sobretudo para falar de sentimentos extremos. Tudo, para eles, tomava feições suaves e relativamente efeminadas. Muitos haviam de os considerar “(...) cabeças ouças / De francesismos impestadas, loucas”.² Embora, como é natural, não fossem só a língua e o traje a receber influência francesa mas, até a mesa, levando um conservador a dizer: “(...) não quero que nos apartem sem jantar nem que a tal dona fufia venha fazer zombaria da nossa meza portuguesa porque a cea há de ser servida à franceza com pagens e copeiros (...)”³ ou outro, ainda, reclamando que: “Esta ou aquella iguaria se acha desterrada das mezas porque não he moda; e sendo até agora excellente, e boa, porque não está em uso, perdeo o gosto, e já he insípida, e desagradável (...)”.⁴

Parecia que o cheiro a cinzas na cidade de Lisboa ainda não havia desaparecido e que as franças e os peralvilhos já só se preocupavam com o aroma a flor de laranjeira que emanava dos seus lencinhos, passeando-se nas suas cadeirinhas ou berlindas de dois lugares, acompanhados pelos seus lacaios, que usavam meias brancas, esporas e bengala de cana-da-Índia. As ruas destruídas impediam os passeios a pé, o que veio a incentivar uma maior delicadeza dos sapatos, que no caso das damas eram, geralmente, confeccionados de tecido idêntico ao do vestido, ou se não, o mais parecido possível,⁵ em seda ou veludo, todos adornados de bordados⁶ ou apliques, que continuavam secretos à maioria dos olhares, afinal, não se esqueça a pesada saia, cheia de pregas e coadjuvada de cauda.

Por outro lado, pelos finais de setecentos, a moda feminina “masculiniza-se. As nobres usam perucas e turbantes, cheiram rapé, abandonam o espartilho, pintam-se, mostram os sapatos e a perna; e usam vestidos leves, transparentes (...) de cintura subida”.⁷ Surgiriam os casacos para senhoras, influenciados pelo traje de equitação inglês, semelhantes a jaquetas, os

¹ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. pp.142-143.

² *Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros* (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.7.

³ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.7.

⁴ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.5.

⁵ Cf. PRAT, Lucy e Linda Woolley (2008). *Shoes*. London: V&A Publications. p.35.

⁶ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas meliores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.15.

⁷ RODRIGUES, Vera & Carlos Spodka (1988). *Nove séculos de Moda*. Lourosa: Escola C + S de Lourosa. p.49.

caracos,¹ termo que passaria “a ser aplicado exclusivamente ao estilo que lembrava a casaca masculina”².

As atitudes dos dois géneros começavam, então, a tomar feições diferentes, de tal modo que se os homens apreciavam uma atitude mais afectada, as mulheres adoptavam pouco a pouco um ar mais despreocupado, como podemos ler nas palavras de um dos autores que seleccionamos:

“Há muitas que vem despenteadas
Qualquer hora do dia, e mal toucadas,
Cuidando no governo, que lhe he dado,
Por ellas muito bem desempenhado;
Quando hum peralta néscio, louco, e rudo,
Fazendo nestas couzas mais estudo,
Lhe custa a manhã toda alto disvello,
Guindar ás altas nuvens seu cabelo, (...)
Com desdéns, e melindres de senhora
Qual Adonis gentil seu vulto adora.”³

Mas, se os penteados delas eram bem mais descontraídos, compravam-se, nas lojas dos genoveses, as meias com costura dourada, luvas de tule ou bombazina e lenços de pescoço de tule ou de tafetá às riscas. Pois, em 1764 surgira a moda “à húngara” que incentivaria ao uso de lenços de pescoço mais transparentes, o que revoltaria os moralistas, até porque lhes era inconcebível:

“que, tão ciosamente defendida por baixo, a coquette, que chamavam frança, e depois a casquilha ou então peralta (...) conservasse os seus decotes muito abertos, os braços descobertos, a garganta aconchegada no folho de rendas indiscretas, como no tempo em que ficava enclausurada ao abrigo das suas persianas de grades.”⁴

E, não só. Outros cidadãos, que não os moralistas, revoltar-se-iam, também, muitas vezes, contra “tão baixas couzas dos sentidos”⁵.

¹ Casaquinhos justos com uma basque (parte que cobre os quadris) proeminente em comprimento.

² KÖHLER, Carl e SICHART (2005). *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes. p.453.

³ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.23.

⁴ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.116.

⁵ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.4.

Em *Pratica de el confessorio y explicacion de las 65 proposiciones condenadas por la santidad N. Ss. P. Inocencio XI*, de Jayme de Corella, teólogo capuchinho de finais do século XVII, percebemos mais claramente a importância de certas restrições à indumentária, principalmente à feminina.

O teólogo define e explica quando ocorre a situação de escândalo, discorrendo sobre os seus vários géneros e graus de gravidade. Afirma, nessa linha, que os confessores devem alertar e repreender as mulheres quanto ao perigo moral que poderiam representar os excessos dos seus decotes, “causando escândalo ao mundo”,¹ por promoverem a lascívia e desencadearem os “laços do demónio”.

Mas os decotes existiam e exibiam-se, cada vez mais, e gradualmente, ao longo do século das Luzes, talvez, na perspectiva de muitos teólogos desta época, devido a “uma decadência desculpável que tem a ver com o estado geral do mundo (...) o vício dos séculos (...) uma decadência indesculpável que vem a contraciclo, por surgir quando o mundo renasce”², produto de uma tensão dialéctica entre modelos opostos e complementares, da dialéctica das Luzes. E, a mulher, a tal *sécia* ou *frança*, da época, sobretudo, porque estimulada pelas tendências francesas, usando decotes cada vez mais proeminentes. Era como se “pagã, portanto até à cintura, mas ferozmente casta a partir daí, a beldade [vivesse] o seu grande momento de garridice”³.

Já nas palavras de Busembau, teólogo jesuíta do século XVII, na sua obra *Medulla theologiae moralis, facili ac perspicua methodo resolvens casus conscientiae* (1645), que se continuaria a publicar profusamente ao longo do século XVIII, embora tenhamos também algumas previsíveis proposições acerca da moda feminina e dos seus modos em sociedade, há algumas variações. O moralista defende que quando a mulher soubesse que a sua imagem pudesse ser causadora de qualquer género de escândalo, deveria evitar aparecer em público. O mesmo deveria ocorrer se, por algum motivo, um ornamento que usasse se demonstrasse estimulante ao pecado alheio. Daí, deveria guardar o tal ornamento ou então resguardar-se para que não a olhassem. Todavia, de outro modo, se o artigo usado o fosse para realçar a formosura e se tratasse de um artifício de donzela para atrair pretendente, o pecado seria, quando muito, meramente venial.

¹ CORELLA, Jayme de (1721). *Pratica de el confessorio y explicacion de las 65 proposiciones condenadas por la santidad N. Ss. P. Inocencio XI. Su materia los casos mas selectos de la Theologia moral. Su forma un dialogo entre el confessor, y poniente*. Coimbra: En la Emprenta de Juan Antunes. p.52.

² CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III* Lisboa: Editorial Caminho. p.41.

³ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.117.

Advertia-se que os decotes poderiam usar-se sem atentar contra a moral se fossem até “meios peitos”. Nunca se deveria descobrir totalmente o peito, nem que se usasse de um “fino véu”, ou incorrer-se-ia em pecado mortal. Os enfeites, as perucas ou outros géneros de adorno deveriam ter como única finalidade realçar a formosura e nunca a provocação. Enquanto aos modos, aconselhava-se a serem o mais contidos possível, senão incorrer-se-ia naquilo que uma voz do povo dizia: “He muito máo ser máo, mas afectá-lo/ Ainda he muito peor”.¹

E, apesar dos excessos cometidos por aqui e por ali, nas cerimónias de teor religioso ainda se iam usando mantilhas, que as damas ainda possuíam entre o seu leque de pretensas necessidades, assim como os relicários,² orgulho de algumas senhoras, constando por exemplo do testamento fictício, de “*huma França*”.³

É à imagem desta duplicidade artística e ideológica que, em simultâneo, divide e comunga de gostos e ideais, que a moda se consolida nesta época. Temos, por exemplo, a polémica acerca das causas do terramoto, entre o que seria a obra da Providência ou o fruto do acaso⁴ e causas naturais. Depois, se por um lado permanece a simpatia pelos modelos do Rococó, o que é perfeitamente visível na preferência, quer do rei quer do marquês, relativamente à cabeleira postiça joanina, e se prevaleceram também, certas crendices de um país ainda muito supersticioso⁵, por outro, temos toda uma elite emergente de novos intelectuais, músicos, arquitectos, pintores, que usam um penteado mais simples, assentando em dois simples canudos sobre as orelhas, complementados com um laço, a apertar o remanescente cabelo. Ainda se prezava o luxo e o exagero, mantendo-se muito do conservadorismo e das convenções vigentes. Prova disso é que, em várias ocasiões se criticavam os peraltas, as *franças* e, tanto que, “o marquês de Pombal, em Setembro de 1769, proibiu, sob pena de prisão, que se pendurassem cornos à porta dos maridos cujas mulheres eram demasiado belas ou demasiado casquilhas.”⁶ Havia limites para as insinuações...

Entretanto, pelos anos de 1789 e 1792 viver-se-iam anos fatídicos para a monarquia francesa. Os revolucionários, impelidos pelos princípios da Revolução, sob a tríade: "

¹ *Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.23.

² Redomas, vitrinas ou baús contendo supostos pertences de alguma figura sagrada.

³ Cf. *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.9.

⁴ Cf. CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III* Lisboa: Editorial Caminho. pp.369-381.

⁵ Cf. CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.135.

⁶ *Ibidem*. p.134.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade ", tomariam a velha Bastilha, levando pouco depois à guilhotina o rei Luís XVI, a esposa e milhares de franceses. Ficariam confiscados os bens da Igreja e, em assembleia, ficariam promulgados "Os Direitos do Homem e do Cidadão". Era o início do fim do Antigo Regime, cheio de consequências sociais, económicas, ideológicas e mentais. Seguindo o panorama vivido, ricos e pobres, com relativa uniformidade, vestir-se-iam de modo cada vez mais despojado.

Em Portugal, também, "a onda de luxo que se tinha observado imediatamente após o desastre, artificial, extinguiu-se, sob a vigilância legislativa de Pombal, diante da crise (...) os costumes transformavam-se nesta sociedade revolucionada", ¹ e já se faziam saudosos os tempos de antes, como podemos constatar pelas palavras da personagem de um folheto de cordel: "(...) havia bons brincos de diamantes, broxes de muito preço e agora há fitas e pérolas falsas e canquilharia". ² Sem deixarmos de realçar que a pragmática contra o luxo já se ia operando no nosso país desde 1749, pelo que as formas já deveriam estar a ponto de poder atingir "uma pureza e a uma elegância que se afastavam da sumptuosidade antiga (...) uma simplicidade de maior gosto"³.

No Porto a preferência pelo Barroco tardio prosseguiu durante mais tempo, não apenas nas artes mas mesmo na moda, o que não é de estranhar tendo em conta não ter sido esta a cidade alvo de qualquer reconstrução, o que a tornou naturalmente mais conservadora. E, como a moda é, tantas vezes, um circuito de idas e voltas, não sendo no norte a capital, provavelmente demorariam a difundir-se por aí as novas tendências de moda. Depois, o Norte, olhando para o passado, "julgava-se muito mais nacional que Pombal, o europeu", ⁴ mas, não deixando de sentir a influência anglo-paladiana inglesa. ⁵

Porém, não tardaria muito e a maioria das mulheres portuguesas adeririam mais e mais ao ímpeto da exteriorização de valores revolucionários através do traje, com uma tendência que teria o seu ponto máximo em 1800, visível no estilo *à la sauvage*. ⁶ São, praticamente, eliminadas quase todas vestes de debaixo, do período anterior, restando o uso, junto à pele, de malhas justas e simples, geralmente cor de carne, apenas decoradas com subtis e finas linhas de cores brilhantes. E, disto, ironiza um anónimo, em folheto de cordel, que seria "(...) cauza

¹ FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte. p.163.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.10.

³ FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte. p.174.

⁴ Ibidem. p.197.

⁵ Cf. Ibidem. p.197.

⁶ Estilo revolucionário que parecia então conceder aspectos de masculinização à moda feminina.

o grandissimo calor:/ Que a estação do tempo mesmo pede/ Que a gente o facto seu de sí arrede”.¹

Apareciam nus os peitos e os braços, e os tecidos empregados para cobrir o corpo eram de espessura muito fina, roçando, muitas vezes, a transparência. Os sapatos usavam-se de couro vermelho, sem saltos e iam-se mostrando mais porque as damas usavam “roupas altas por temerem lamas...”² Quanto às cores da indumentária feminina, preferem-se o cinza e o branco. Outras cores usam-se apenas no xaile fino ou na fita que existia à volta da cintura, demarcando-a.

A roupa dos homens era também simples, mas apenas na cor e no feitio. O clima gerado pela Revolução clamava simplicidade, porém não deixava de ser uma simplicidade atingida pela guerra, pela força, pela violência. Assim, tomavam-se para o traje masculino, as referências dos modelos militares. A casaca adoptava estilos múltiplos. Contudo, sobressaíam dois mais evidentes: um para os homens da classe média e outro para os militares. Ambos inspirados na casaca inglesa.

Surgiria, ainda, o traje de equitação inglês, que na França se usava apenas para a montaria, com duas fileiras de botões, de usar trespassado. Este iria recebendo várias alterações, surgindo, mais tarde, com a frente encurtada, abas mais estreitas e compridas, e cavas maiores. A casaca saía de moda desde 1792, mantendo-se apenas na corte. Mas, tornando-se imperador, Napoleão reintroduzi-la-ia, embora com corte diferente.

A rica bordadura³ voltara à moda e era adequada à classe do utilizador, fosse homem ou mulher. As casas e os botões eram geralmente meros ornamentos. Havia dois colchetes internos, pouco abaixo do peito para fechar a peça, à semelhança do que ocorria no traje de exército imperial francês.

Em 1780, os calções ingleses seriam aperfeiçoados, tornando-se mais confortáveis e práticos.⁴ Quando se introduziu a moda das botas, as fivelas nos joelhos das calças foram substituídas por laços, permanecendo esse uso, mesmo com os calções mais compridos, até que as botas, já em 1800, os ocultassem. Os calções usavam-se, comumente justos, em malha, não em tecido, sendo tricotados, aqueles a que os alemães chamavam *strumpfhosen*.

¹ Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os theatros (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.8

² Ibidem.

³ Cf. Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.7.

⁴ A abertura frontal assumiria a forma de uma lapela.

Havia também calções de pano, de padrões acolchoados, com a abertura frontal bordada em cordéis.

As botas, principalmente as de cano alto, seriam muito usadas pela classe média, com a casaca inglesa, influência da Revolução Francesa. O chapéu, como os calções, também geraria controvérsias. Desde 1790, que se tornara popular o chapéu redondo, embora, se mantivesse o de aba virada, em ocasiões cerimoniais.¹

Por volta de 1795 acentuou-se o gosto pelas perucas encaracoladas que se foram estreitando cada vez mais e desencadeou-se a moda das exuberâncias ornamentais, marcada no uso de penas exóticas, cores variadas e outras excentricidades. Introduziam-se, também, estilos mais curtos e rebeldes, até porque “mais ou menos nessa época, as escavações na Grécia haviam levado à introdução das modas gregas”,² pelo que pouco a pouco se iria notando algum gosto pelos cabelos *à la grècque*,³ que se foram adoptando aqui e ali, embora se fossem notar mais a partir de 1800. Os antigos estilos de chapéus e toucas continuaram a ser usados, embora tenham vindo a diminuir gradualmente de tamanho à imagem dos restantes acessórios.

Prestemos, por agora, atenção mais detalhada à indumentária feminina, uma vez que, note-se, seria esta a que mais usufruiria das tendências revolucionárias. Sendo ainda de realçar que, nesta tendência de grande renovação, se recorreria, muitas vezes, ao velho para se fazer o novo. Assim, diz um anónimo, em folheto de cordel:

“(…) tenho muitas vezes visto mandar desmanchar ricos adereços de pescoço, e orelhas, excellentes jóias, e outras muitas peggas, com recommendação que se faça huma, e outra cousa de mais apparato, e de melhor gosto, porque o que se manda desmanchar jão senão usa (...)”⁴

Tomava-se, então, neste período, que ficaria conhecido como “Período do Império” dadas as acções napoleónicas, a inspiração na pureza e austeridade clássicas. Surge o corte à semelhança do operado nos vestidos “gregos”, mas também sugerido, em muito, pela camisa inglesa, embora mais largo e comprido. Este estilo de vestido, que logo se tornou popular, entre as senhoras mais nobres e ousadas, principalmente, era simples, esvoaçante, alvo, tinha um cordão no decote, e passaria a ter, também, um debaixo do busto. O decote ia-se tornando

¹ Após 1800, o chapéu de aba teria a aba dianteira esticada para a frente e as laterais viradas para cima.

² KÖHLER, Carl e SICHART (2005). *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes. p.441.

³ Penteados alegadamente inspirados nas musas da Antiguidade Clássica.

⁴ *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.4.

cada vez mais baixo e a cintura cada vez mais alta, as mangas ficavam mais curtas ou eram até inexistentes, a cauda do vestido, cada vez mais comprida, levando alguém a criticar: “Tomara que me disserao que crime fez aquella pobre seda dos vestidos para hirem a arrastar? Até agora erao os vestidos das viúvas antigas, há maior dezatino”.¹ Valorizava-se, pois, o estilo da Antiguidade.

Usavam-se ainda capas com gola larga, de tecido colorido e mangas franzidas, denominadas, geralmente, *pardessus*.² Entrou também em uso, nesta fase, uma peça muito peculiar, o *robe entablier*.³

Eram usados diversos tipos de xales e mantas e os sapatos sofreriam transformações várias. Abolidos os saltos, iam alargando tanto que precisavam de fitas para ajustá-los, transversalmente.

Haveria também uma curta fase de saltos altos por volta de 1797, porém, uma vez terminado o terror, surgiriam novamente as linhas clássicas, puras, simples, com padrões muito delicados. As revistas de moda, inclusive, fariam muitas referências aos modelos de calçado da Antiguidade Clássica.

Após a queda de Pombal, já em 1814 a Companhia de Jesus seria restaurada pelo papa Pio VII, embora os Jesuítas só regressassem, efectivamente, a Portugal, por iniciativa do governo de D. Miguel. Entretanto, a burguesia continuaria a expandir-se, dominante e influente, nas relações sociais e económicas e operavam-se as transformações, afinal, após a revolução, perceber-se-ia uma viragem, não apenas social e ideológica, mas, também na moda. Afinal, a França liderava, na política como na moda. E se, antes, em todo o decorrer do século, à excepção de finais, se vivera um período de grande luxo e variedade, entretanto, espalhar-se-iam os ideais da Revolução e instalar-se-ia a noção de “cidadania”.

Nesta maré de idealismos a mulher ia tomando novos papéis, algo mais desenvoltos, até porque embora ainda aspirando “a uma promoção intelectual e moral que, na prática, lhe era negada (...) o facto de as mulheres se apoiarem em valores universais, geralmente usados para as discriminar, não deixa[va] de ser uma arma de combate contra a exclusão”⁴ de tal modo que, gradualmente, a moda ia-se dirigindo cada vez mais e sobretudo à esfera feminina, e o traje masculino abandonaria a proeminência que detinha até aí. A comunicação mais fácil entre países possibilitou também maior intercâmbio cultural, facilitando a difusão de ideias

¹ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.3.

² Novo estilo de mangas que, sendo franzidas, se tornavam folgadas e confortáveis.

³ Bastante similar a um avental, mas com mangas.

⁴ ARAÚJO, Ana Cristina (2003). *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte.p. 64.

entre intelectuais e artistas, desde finais do século XVII, pelo que, no das Luzes, sobretudo no seio das classes mais elevadas não se notariam grandes diferenças, entre os vários países. Realce-se o espírito de interactividade, numa perspectiva em que o conhecimento é obtido por familiaridade, levando a uma solidariedade alargada, que promove a divulgação do conhecimento.

No entanto, e apesar de adquiridas logo que difundidas, quaisquer inovações de moda, referentes a outros países, e mesmo ao nosso, eram lentas e, quanto mais próximas de Paris, mais actualizadas seriam as regiões no que toca às modas. Devendo-se também ter em conta que o traje popular se vai mantendo quase inalterado, do século XV ao XVII, o que se justifica pelo débil poder económico, como pelo fraco acesso à informação de novas modas, por parte das classes mais baixas.

Mas foi o século XVIII o grande gerador e difusor dos textos sobre moda, quer pelas publicações objectivas que lhe iam dizendo respeito, em França, quer pelos panfletos, ou literatura de cordel, que também em Portugal, se mostrariam como grande passo alternativo no que toca à informação sobre trajes e modas, que até então estaria confinada a algumas críticas religiosas e raras descrições de acontecimentos reais ou crónicas cortesãs. É de referir que a edição dessas obras populares ou popularizadas é praticamente coincidente com o despertar da aceleração da imprensa, gerando um novo território cultural, transformando-se num terceiro vector da literatura,¹ quase até mesmo à chegada do século XXI, em conjunto com a literatura oficial e a de transmissão oral.

Note-se ainda tal difusão que apenas dispararia a partir de cerca de 1770, com a divulgação de figurinos em estampas e ilustrações e, entretanto, por volta de 1785, através de periódicos como: *Cabinet des Modes* (1785), *Journal des Luxus und der Moden* (1786), *Magasin des Modes* (1786) ou ainda *Journal des Dames et des Modes* (1797), sendo que outros títulos se seguiriam ao longo do século seguinte, de modo que, “a história do traje e da moda passava a contar com novas fontes geradoras também elas de novo gosto dentro da arte do vestir, e que ilustravam o espírito da época.”² Não tardaria que as meninas portuguesas encontrassem nas lojas de modas francesas “os figurinos de Kressler ou de Mme. Gosset, o *Journal de la Mode et du Goût*, as bonecas vestidas por Rose Bertin”,³ nem tardariam a aparecer “(...) os meninos de boas famílias (...) [que] espreitavam, esticados sob arcadas ou

¹ Cf. NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. pp.22-24.

² DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*. Lisboa: Quimera Editores Lda. p.14.

³ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.120.

às esquinas das ruas, as brochuras e as ‘cartas sobre a moda’ que lhes transmitiam os últimos decretos de Paris”,¹ porque os homens deste período também se preocupavam com a elegância.

Entre as décadas de 70 e 90, destacar-se-ia a evolução de uma fórmula editorial, paralelamente à ascensão da burguesia, que pactuava com facilidades de acesso para um público mais vasto, quer pelo preço baixo, como pela variedade de locais de venda, ou pela acessibilidade da escrita, mais simples e proposta em diversidade de temas e estilos. Isso permitiria que agradasse a um público de diversos estratos sociais, desde os mais nobres, em reacções de diversão, encanto ou rejeição; burguesia ascendente, marcada já por atitudes e comportamentos, decorrentes de uma nova sensibilidade e gostos e apta a usurpações ou imitações moderadas; como aos mais analfabetos, pela simplicidade da escrita e possibilidade de fácil transmissão oral. Ora isto é mais do que suficiente para vincar a importância dos folhetos de cordel para a nossa história cultural e social, nomeadamente na reconstrução do panorama das modas, no nosso país, embora não se esgotando aí o seu rico contributo.

¹ Ibidem. p.118.

Capítulo III

O folheto de cordel: seu papel na crítica e difusão das modas

Seleccionamos, então, para edição e objecto de abordagem deste estudo introdutório, um pequeno conjunto de folhetos de cordel da colecção da Biblioteca Pública Municipal do Porto, textos esses da segunda metade do século XVIII e tendo a “Moda” como tema privilegiado.

Note-se, desde já a dificuldade em encontrar prontamente referência a sequer um exemplar de literatura de cordel de setecentos, aquando da nossa busca. Os catálogos mais antigos, que lhes corresponderiam, não possuem, tantas vezes, referências directas a essas obras. E, outras tantas, indirectas sequer. Uma vez encontrada uma miscelânea de folhetos e folhas volantes, há que tentar a sorte e prosseguir um trabalho de investigação. Os textos não estão catalogados por assuntos, nem por datas e, sendo acentuada a diversidade temática desta expressão escrita, trata-se de um trabalho bastante exaustivo.

Quanto à designação do objecto que aqui tratamos, entende-se que o termo mais adequado seja “popular”. Tratamos, pois, de literatura popular. Para além de abranger grande parte das suas características, este adjectivo vai directo à noção de uma literatura entendida e preferida pelo povo. E os folhetos de cordel são, hoje em dia, considerados parte da literatura popular, embora, no passado, esta área não tenha contado com atenção relevante por parte dos académicos, havendo ainda quem os classificasse como literatura oral, literatura tradicional ou, ainda, como literatura oral tradicional, como nos explica Viegas Guerreiro.¹ Será ainda de referir que, na esfera ocidental, que aqui nos interessa, nas suas áreas mais privilegiadas, sempre se cultivou, de modo global, algum desprezo pelo povo, pelas suas origens, como pelos produtos culturais que consumia e produzia...

Atente-se, contudo que, às vezes “teres e haveres geram, pois, uma falsa consciência de superioridade (...) intelectual e até física”². E, em tantos casos, valorizando os “bem nascidos” e menosprezando os de “baixa condição” se perderam de vista grandes talentos. Mas, compreenda-se que este “mal” não é nada de moderno, afinal, já na antiguidade se encontravam tendências desta posição, acentuando-se mais no decurso do Humanismo

¹ Cf. GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve. pp.9-11.

² Ibidem. p.16

Renascimental. Obviamente que o ensino, com sua disciplina e fórmulas, não deve ser descurado mas, também não deve desvalorizar-se o engenho, nomeadamente quando se exprime numa rusticidade espontânea ou afectando espontaneidade...

Mas, o “povo inculto” desde sempre demonstrou uma ciência e uma arte muito próprias, dais quais, muitas vezes vieram beber a ciência e a arte mais cultas. Afinal, o povo tem as suas devidas qualidades de observação e em tantas situações, meios diferentes de penetrar nos assuntos, concedendo uma vivacidade ao texto que, casos há, é apagada pelo verbalismo dos cultos. Para além da perspicácia popular, há uma profundidade muito própria. Os textos populares não são vazios. Podem não ser tão compactos em conceitos ou tão reflexivos, por admitirem, geralmente, colaboração, mas, por dissecarem em frases simples o saber empírico, tornam-se fonte de saberes intemporais. Afinal, “não admite dúvida que o povo vai buscar à criação douda muito tesouro: porém, não é menos verdade que também contribui para a obra culta com somas incontáveis e luzidas.”¹

A riqueza não só histórica, no sentido dos grandes acontecimentos, mas, também, do domínio do quotidiano desses séculos passados, concede, seguramente, desde logo, valor a esses textos. E, atente-se, não apenas no que nos diz respeito mas, ainda, quanto a enquadramentos outros, afinal não devemos deixar de referir a grande “influência de obras estrangeiras na realização da nossa produção de cordel”.² Essa tendência englobando vários países europeus próximos, mas, sobretudo, da vizinha Espanha, como poderíamos já imaginar, tanto pelo “bilinguismo” que marcou o nosso Humanismo, como pelo influxo do domínio filipino, que ainda não se havia feito esquecer. Corriam, portanto, pelo nosso país, em meados de setecentos, muitos folhetos que seriam traduções ou adaptações de textos espanhóis. Alguns vendiam-se mesmo na língua de origem, e quer pela semelhança, quer pela instrução dos nossos mais nobres, seriam compreendidos.

Maria José Moutinho dos Santos chega mesmo a referir um caso flagrante de tradução e adaptação do espanhol para o português em “Nova Relação contra as mulheres ou parvoíces dos seus enfeites...” que teria tido origem em “Relacion de las señoras mugeres...”, sendo de referir que a versão portuguesa já foi editada em *Histórias a cavalo num barbante*.³

Há, também, peças de teatro que, publicadas sob diferentes títulos constituem a essência de algumas outras já anteriormente publicadas sob nome distinto. Noutras situações

¹ CORREIA, João da Silva (1935). *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*. Porto: Ateneu Comercial do Porto. p.45

² SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.12.

³ Cf. MOUTINHO, José Viale (1980). *Histórias jocosas a cavalo num barbante : o humor na literatura de cordel sécs. XVIII-XIX*. Porto : Nova Crítica, imp. pp.71-81.

ocorreria encontrar-se exactamente o mesmo tema em vários folhetos diferentes, havendo ainda a situação de folhetos em modo de carta ou sátira que contavam com surpresas, no seu decorrer, pela apresentação de romances ou poemas, como vemos acontecer, por exemplo, em *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas. Parte Primeira*.¹ E, tendo em conta o contexto descrito, não seria possível que, não raras vezes, os autores se aproveitassem não só de obras completas para as tomarem como suas, como de outros elementos alheios, reintroduzindo-os nos seus próprios textos? O anonimato facilitava essas atitudes, o que tirando o mérito a algumas dessas acções, não tira o mérito à construção e criatividade de muitos desses textos.

A literatura popular demonstra-se fonte de noções e observações dignas de serem prezadas pelos mais cultos, trata-se de uma literatura de raiz, pura, e rica, digna, com toda a legitimidade, de ser prescrita, por exemplo, nos programas de ensino escolar ou proposta como tema de reflexão académica.

De entre a produção popular propomos, então, como objecto da nossa atenção, neste estudo, a chamada “Literatura de Cordel”, “expressão de cultura escrita [que] constituiu o maior sucesso editorial da época moderna”.² Ora, por literatura de cordel entender-se-á, então, o imenso e diverso conjunto de textos que se destinavam a ser dependurados em cordéis suportados por preguinhos ou alfinetes, em paredes de madeira ou a circular pendentes de vendedores ambulantes, para que expostos ao público o pudessem aliciar à compra. Tolentino já se referia, no século XVIII, a esses textos que se vendiam “a cavalo num barbante”,³ os folhetos de cordel, essa literatura popular que se constitui essencialmente por “quantos escritos (...) passem pelo coração do povo”.⁴

Em Portugal este fascínio ter-se-á instaurado, sobretudo, com os Autos de Gil Vicente e depressa terá sido propagado não só pelo interesse mas, também pelo carácter das publicações que agora punham acessível a um publico mais modesto, literatura que este pudesse pagar. Estes autos beneficiaram muito com tal tipo de publicidade, embora as suas peças fossem escritas com destino à representação. E é digno de registo que, mesmo após a

¹ *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.4.

² SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.7.

³ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.3.

⁴ GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve. p.11

publicação oficial das suas obras, se continuavam a procurar publicações de folhetos mais ou menos fiéis a cada edição.¹

No que toca à relação entre o conteúdo e a qualidade, essa estaria claramente dependente dos autores dos textos. Todavia, grande parte das obras publicadas surgia sob autoria anónima. Outra condicionante qualitativa era o “controlo efectivo à cultura escrita, o que, como é sabido, marcaria profundamente a produção literária”,² situação que também abalaria estas publicações, mesmo que tidas como menores. O objectivo da Igreja e do Estado seria exigir a decência dos textos embora permitissem, por vezes, algumas abordagens menos ortodoxas, desde que com intenção moralizadora ou pedagógica. Os textos queriam-se comedidos, para que não pusessem em causa valores vigentes, e tivessem uma intervenção social puramente educativa e, isso aconteceria bastante, de acordo com a intenção, senão note-se a tendência para apenas sugerir, através do recurso a reticências, frases que poderiam ser menos adequadas à leitura, nestes termos exemplificativos:

“Só direi de passage, e direi bem,
Que hum farsante peralta, que não tem
Com que matar a fome, e quer ser ouzado
Gastar, como o senhor apotentado:
Há de ser... Não lho digo por decência;
Mas he muito bem clara a consequência”.³

Ora, essa intenção interventiva aplicava-se também no que tocava aos gastos em modas e luxos outros, assim como na repreensão dos exageros. Tais causas, podemos perceber em alguns dos folhetos aqui reunidos. Nesse contexto não podemos deixar de referir, por exemplo, a crítica bastante óbvia e popular na segunda parte de *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia*, onde se satiriza a tentativa de subversão da ordem de alguns, através das modas. Provavelmente teria sido esta uma obra de sucesso. Afinal, conta com uma “outra avançada”,⁴ sobre o mesmo assunto. Assim, se conta uma história, de: “Huma piquena rãa, que pretendia/ Igualar no

¹ Mas, temos exemplos anteriores de autores bem sucedidos, como Baltasar Dias, muito elogiado entre o povo iletrado, e tendo sido privilegiado por D. João III, em 1537, para imprimir livros. Com temas e estruturas tradicionais mas, com características inovadoras, usando de uma linguagem emotiva, simples e denunciando bastante atenção ao quotidiano popular, cativaria muitos leitores.

² SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.15.

³ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.7.

⁴ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.4.

tamanho hum boi, que via, (...)/ tudo ella bufando tanto inchou,/ Que à força de inchar arreventou:/ Clara moralidade percebemos,/ E muitas destas rãs no mundo vêmós”.¹

Também podemos encontrar exemplos de defesa de comportamentos desviantes da norma, em textos sob a licença da real mesa censória, o que aconteceria porque, mesmo na apologia do luxo e da extravagância se iam fazendo ressalvas de carácter pedagógico, e usando sentidos irónicos, como acontece na *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*, de F. M. G. S. M., que termina com a seguinte conclusão, altamente moralizadora, pelo *memento mori*:

“Gaste e torne a gastar no seu asseio
O flamante Peralta, mas no meio
Da sua peraltice não se esqueça,
Que a vida acaba, apenas que começa:
Desvelado o Rei sirva, ame a Nação;
E traga seda a montes no verão,
Precioso veludo pelo inverno,
Mas lembre-se da morte, adore o Eterno.”²

Ora, isto seria o mesmo que dizer que, nada de errado havia com relação aos gastos, desde que se respeitasse a Providencia e a Nação, o que não estando contra o poder estatal nos últimos pontos, estaria relativamente ao primeiro, deitando por terra as intenções de contenção e ressalva económica. E, como tal, não se pense que a censura representaria o único método que procurava travar e destruir as publicações de cordel menos queridas. Forjaz Sampaio descreveria esta literatura que aqui abordamos como “folhetada incómoda”,³ e de facto disso se tratava em bastantes ocasiões e aspectos. Porém, mesmo com as restrições existentes havia quem tivesse a coragem de acentuar os seus ditos, sublinhando-os e prescrevendo-os com frases como: “Obre-se assim, e ralhe quem ralhar”.⁴ Obviamente muita dessa força provinha da carapaça que constituía o anonimato característico.

¹ *Queixas de Clorindo ou reprehçam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.7.

² F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.14.

³ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.8.

⁴ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.14.

Relativamente às restrições, não podemos deixar de notar que, não obstante as ditas, os populares puderam aproximar-se mais dos textos dramáticos, privilégio até então mais deixado aos cortesãos. Estes últimos davam então mais atenção ao teatro italiano, enquanto o povo se ia deliciando com os autos.

Cada vez mais a literatura atingia mais público. Até os analfabetos lhe chegavam pela representação dramática ou pela audição de leituras a voz alta. Baltasar Dias era pobre e no entanto, citara eruditos como Ovídio ou Cícero, e apesar de cego, ia editando as suas obras com a ajuda de um copista. E agradava a vários estratos sociais pela sua dimensão bicultural, por escrever em prosa e em verso e, por debruçar-se muito sobre a crítica social.¹

Então a partir do século XVIII, sobretudo, e até ao terceiro quartel do XIX, em que em algumas praças da baixa lisboeta como noutras ruas portuenses, ou mesmo em outros países, quais França ou Espanha, frequentemente se vendiam estes folhetos, autos, comédias, relações, entremezes e trovas, com nomes pitorescos e que a tantos agradavam, tal tipo de “literatura panfletária”² foi tendo grande difusão, chegando até aos lugares mais isolados. Entre originais, traduções, adaptações e reedições, a época de setecentos teria realmente sido de grande produtividade quanto ao cordel.

Existia também um público mais exigente, atento e numeroso, do que antes. Muitas oficinas imprimiam este tipo de literatura, das menos, às mais conceituadas. Embora a maioria se produzisse em Lisboa, sabemos que entre os finais do Século XVI e a segunda metade do século XVIII, principalmente depois da unidade política forjada por Filipe II, se contaria com uma rede de divulgadores, que transcendendo o nosso país, comportavam também Barcelona, Madrid, Sevilha, Salamanca...

No início do século XVI apenas as classes elevadas se davam ao luxo de “consumir” literatura. Já no final do século se sentia um maior número de leitores e de acessos. Pouco a pouco, foi-se alargando aos pequenos proprietários e nobres provincianos. Pelos séculos XVII e XVIII essa massa acrescentava ainda alguns camponeses abastados, assim como comerciantes e artesãos. Mesmo no século XIX a população ainda era muito debilmente alfabetizada,³ pelo que se tratou – evidentemente – de um processo lento. Os letrados tinham sempre grande relevância, pois podiam transmitir oralmente, aos analfabetos, os textos que tinham em mãos.

¹ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.13.

² SARAIVA, António José & Óscar Lopes (2001). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora. p.533.

³ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.14.

E, realce-se a vivacidade desta literatura, que assim oralmente transmitida, tomava ainda mais graça porque lida, contada... Afinal, ainda no século XVIII a literatura que se dependurava nos cordéis, sabia-se bem, destinava-se muito a ser ouvida. Tomando em conta a interactividade, refira-se, aliás que, este meio divulgava imensa literatura dramática, já desde o século XVI. Note-se que mesmo os romances de longas linhas eram repetidos e recitados entre a população. Que forma mais concreta quanto à vivência da literatura do que vendê-la ao povo para que para além de lê-la a pudesse também representar?

A ascensão económica e social da burguesia gerara um maior poder económico para uma mais larga faixa populacional e acabaria por renovar, de certa forma, a sensibilidade e os gostos. O preço dessas publicações também era mais baixo do que o dos livros comuns, quase inacessíveis à maior parte da população. Assim como o aumento do número de letrados também se apresentava como elemento coadjuvante a este panorama. A isto juntamos, ainda, o facto de se distinguirem vários locais de venda, uma vez que, no século XVIII havia ainda mais tipografias e, que até as reais se dedicavam à produção de folhetos de cordel. E assim, tudo convergia para que os folhetos de cordel atingissem um público vasto e de diversos estratos sociais, mesmo dos mais analfabetos. Comprovando o seu sucesso, Maria José Moutinho dos Santos refere-nos um folheto que no século XVIII assinala o gosto por estas publicações, sendo esse *Conversacion llorada de um librero de la villa de Madrid hecha a outro amigo, em e lancho de su Plaza, por el infausto suceso que tuvo com la venta de sus libros en la corte de Lixboa*, onde um livreiro reclamaria dos gastos dos portugueses em folhetos, não sobrando muito para gastar nos seus livros.¹

Muitos aspectos, características comuns, impeliam a associação entre o “cordel” e o “popular”. Mas, nem sempre seria lida apenas pelos menos cultos e nem sempre se encheria só de noções simples, sendo que na literatura dramática de cordel há linguagem, temas e estilos bastante diferentes do vulgo e gosto popular. E, quando revelando dicções características do povo, ou diferentes dialectos cheios de arcaísmos, só se comprova a imensa riqueza destes tetos a nível linguístico.² E, se na conexão entre oralidade e escrita no “Cordel”, devido ao nível geralmente pouco elevado de literacia dos compradores acabaria por permitir que se atingisse um grupo mais alargado de interessados, isso não implica que dele fizessem parte apenas os populares. O público era heterogéneo em gosto, nível e riqueza. De composição variada, dele constavam homens populares e fracamente instruídos e pouco

¹ SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.10.

² CORREIA, João da Silva (1935). *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*. Porto: Ateneu Comercial do Porto. p.19

abastados, burgueses, homens cultos e poderosos, cortesãos, aristocratas e mesmo o rei. Não faltavam ainda particulares que também faziam espectáculos teatrais nas suas casas, em momentos de celebração de acontecimentos importantes, tentando assemelhar-se um pouco à imagem dos “homens de corte”.

Devemos, também referir a importância de um suporte em papel muito particular, neste contexto de divulgação. Os folhetos eram geralmente vendidos por homens, os papelistas, homens por norma embrulhados em trapitos sujos e remendados, que deambulavam “pelas ruas mui choquentos”,¹ com eles pendurados, como acontecia mais correntemente no caso dos cegos, ou “estabeleciam-se” pelos cantos e recantos, como féis companheiros dos barbantes ou cordéis esticados, dos quais pendiam os mais diversos folhetos.²

Muitas obras inicialmente escritas para um público mais culto foram sendo adaptadas, vendo as suas histórias e personagens, na envolvimento de um sistema de tradicionalização, delas fazer muitas leituras e edições, que rapidamente se tornavam essas obras populares. A exemplo podemos referir: a Princesa Magalona, Roberto do Diabo, a Imperatriz Porcina, João de Calais ou a Donzela Teodora...³ Cultos e populares inspiravam-se, pois, não raras vezes, nas criações uns dos outros, consciente ou inconscientemente, e disso temos imagem em *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*, de João Correia, que nos exemplifica este aspecto com várias apresentações de correspondências e paralelos entre as duas, embora, obviamente, nem sempre sejam semelhantes a aplicação das ideias ou a abordagem dos temas. Pelo que, podemos, aliás, encontrar na literatura popular aquilo a que João Correia chama de “consagração” dos textos, muitos dos quais, cultos. A vida prática concede ao povo uma capacidade mais perspicaz de expor e resolver problemas complexos, e, geralmente não sendo tão pontual, aposta em abordagens mais globais, dirigindo-se ao particular, ao geral, ao dinâmico e ao estático.⁴ Isto explica-se, ainda, na medida em que o povo geralmente só conservaria o que fosse agradável, belo, artístico.

¹ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.8.

² Cf. LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. pp.3-4

³ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.6.

⁴ CORREIA, João da Silva (1935). *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*. Porto: Ateneu Comercial do Porto. p.10

Os assuntos seriam variados, de modo a agradar a uma vasta camada populacional. Por exemplo: alguns autos, também entremezes, novelas de cavalaria, livrinhos de feitiçarias e outras artes, testamentos, descrições de eventos, críticas de sociais, relações de acontecimentos extraordinários ou simplesmente de casos estranhos, éclogas, sátiras, vidas de santos, relações históricas ou fantásticas, autos, diálogos, lendas, comédias, avisos, conselhos, orações, tratados de divulgação científica, narrativas cavalleirescas, notícias militares, narrativas histórias, relações diversas...

Isto, embora em Portugal, ao contrário do que aconteceu em França, por exemplo, os feitos e curiosidades históricas não tenham tido tanto lugar como tema de folhetos, como mereciam.¹ Ainda assim, possuiríamos, como têm vindo a demonstrar os nossos actuais estudiosos deste tema, um rico espólio “memorialista”² em diversidade temática e em número, equivalente a grande quantidade de cordel. – entenda-se que se trata de um gosto já remissivo ao século anterior.³ Destaca-se também, evidentemente, também o frequente recurso ao tema do “amor”, em qualquer dos seus objectos, moral ou material, num registo bem típico da lírica popular tradicional.⁴

Escolhiam-se mais regularmente, para publicação, obras que garantissem um escoamento mais rápido e que já tivessem tido sucesso em outros países. A maioria dos folhetos apresentava texto dramático, mas apareciam também muitas histórias insólitas, curiosas ou exemplares, vindas do estrangeiro ou escritas por nacionais. Alguns de autores anónimos e outros de grandes autores como Voltaire, Molière ou Corneille que figuravam entre os outros nos barbantes. Daí a importância das traduções, pois afinal muitas das obras preferidas pelos compradores eram de origem estrangeira.

Os títulos significativamente curtos ou extremamente longos – os folhetos de título curto apresentavam, geralmente, o protagonista, em traços essenciais, enquanto que, os títulos mais compridos anunciavam, normalmente, situações cómicas, bizarras ou inesperadas. Os leitores mostravam-se receptivos às inovações mas, apreciavam o sentimento de familiaridade com a obra que adquiriam. Para gerar curiosidade no público usavam-se frequentemente

¹ Cf. LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. p.8

² Cf. SARAIVA, António José & Óscar Lopes (2001). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora. p.534.

³ Nesta linha, consta, para além da vasta publicação de folhetos, da edição manuscrita de uma obra atribuída a Frei Alexandre da Paixão, um diário de acontecimentos curiosos que teriam acontecido no reino português entre 1662 e 1680, de título *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, que ilustra bem o gosto português por essas obras que tanto contavam situações insólitas como faziam propaganda religiosa e política.

⁴ CORREIA, João da Silva (1935). *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*. Porto: Ateneu Comercial do Porto. p.11

adjectivos que indicavam surpresa ou novidade como por exemplo “novo”, “verdadeiro”, “extraordinário”, etc. Assim, gerava-se a previsão de um relato inédito e surpreendente, que na sua maioria iria, afinal, decalcar, ainda que nem sempre objectivamente, estruturas anteriores.

Às vezes acompanhados de grandes gravuras, decorados de frisozinhos, tentavam atrair o leitor mas, não narravam só por si a história completa contida no folheto. Não serviam para clarificar de todo a mensagem, mas aludiam ao tema, reduzindo-o ao essencial e atraíam, não raras vezes, o leitor ou o curioso analfabeto. Para além disto, havia também o anúncio sonoro do título que constituía factor coadjuvante dessa publicidade. Títulos garrafais ou muito extensos, formando uma mancha apelativa assim como as ilustrações adicionadas. Ilustrações, normalmente simples e ingénuas, mas sem perderem a profundidade.

Facto curioso, no entanto, e de referir é que, sobretudo até finais do século XVI, as estampas ou gravuras que geralmente acompanhavam os folhetos nem sempre tinham ligação com o texto que ilustravam, o que acontecia dada a impossibilidade para variar muito por parte dos editores, que trabalhavam ainda em condições algo precárias. Todavia, há que notar também, nem todos os volantes e folhetos seriam acompanhados de ilustração, mesmo no século XVIII, período áureo desta literatura. Disso são exemplo os panfletos que reunimos à nossa reedição, que não apresentam gravuras muito elaboradas, apenas alguns emblemas ou pequenos frisos decorativos que, adequados a qualquer texto, não possuem relação directa com qualquer deles, o que não é de estranhar, uma vez que, “na maioria das vezes, a ligação entre gravura e conteúdo do texto é aleatória e aquela aparece como simples motivo decorativo”.¹ Mas, mesmo esses frisos algo geometrizados tinham a sua importância, afinal, eram, tantas vezes, uma marca da casa impressora.

Havia, ainda, publicidade mais evidente, pelo anúncio de novas publicações ou referências bem assinaladas às casas impressoras, inseridas nas últimas páginas dos folhetos, ou seja, as condições sociais, culturais e económicas permitiram maior tiragem e divulgação de “Cordel” no século aqui estudado.² Não sendo, também, de menosprezar a bela capitular que inicia um texto, sob a autoria de um F. M. G. S. M. , *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*, e que aproveitamos para mostrar no “Apêndice II” desta introdução.

¹ SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.8.

² Cf. LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. pp.7-9.

Embora não impressos em materiais de grande qualidade, estes textos não deixavam de ter as suas riquezas. A nível literário, por exemplo, não deixavam de apresentar vários recursos e ornamentos. As hipérboles eram quase regra, para que se comovesse ou divertisse o leitor. Os padrões narrativos eram muito semelhantes. Assistia-se, progressivamente a uma uniformização, marcada pelo que se pode chamar de “variação na repetição”.¹ Que o cuidado com o embelezamento do texto não fosse posto de parte nesses textos populares, é referido por exemplo num dos que por nós seleccionados:

“Porém que digo nisto? Eu adivinho;
Hão de julgar me perco no caminho,
Por quanto inda que apodo os meus escriptos,
Deste modo querendo ornar meus dictos,
Parece que se aparta o pensamento
Do seu primeiro, e principal intento;
Porém toda a razão não acompanha
A quem este descuido assim me estranha”.²

E, não apenas o público pouco letrado se dedicava à criação de literatura para folhetos, como também os profissionais dos sectores mais instruídos, como era o caso de médicos, advogados, professores, actores, militares e até alguns escritores famosos, sob o seu nome, ou sob anonimato, como chegou a fazer Camilo Castelo Branco.³ Talvez por temerem a censura ou a perda de prestígio literário, ou mesmo, quaisquer outras intempéries, como refere um dos autores, que se diz: “dos bravos ventos abrigado,/ debaixo da coberta alapardado”,⁴ escondendo o seu vulto para se livrar mais facilmente de críticas directas e “obrigações” de resposta.

Os cegos tinham, normalmente, privilégio, nestas funções. D. João V chegaria mesmo a permitir que tivessem direito a obras e locais de exclusividade para venda e, eram ainda directamente abastecidos pelos autores dos folhetos ou pelos editores dos ditos.⁵ E, alguns destes “privilegiados”, para além de venderem folhetos, compunham-nos e publicavam-nos,

¹ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.17.

² *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.11

³ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.19.

⁴ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.16.

⁵ LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. p.4

obtendo, por vezes, privilégios régios pela sua condição física. A exemplo temos Baltasar Dias, que no século XVI, sob essa graça, compunha, publicava e vendia.¹ Mas, e embora se chamasse frequentemente a este tipo de literatura, “literatura de cego”, havia conflitos de concorrência entre estes e o livreiros, e mesmo ainda entre cegos, pois havia os que estavam sob a protecção da Irmandade do Menino Jesus dos Homens cegos e os que não². Os que mais vendiam os folhetos eram os cegos, salvaguardados pela Irmandade do Menino Jesus dos Homens cegos; mas também os cegos não pertencentes á tal Irmandade; os impressores aspirantes a livreiros; os “volanteiros”, que vendiam porta a porta e praticavam preços competitivos; os livreiros e alguns comerciantes, em loja aberta.

As mensagens desses textos são de um modo geral preciosamente genuínas, afinal, não passavam de histórias onde se podia satirizar até a igreja ou o rei. Assim, divulgavam-se também os folhetos eróticos,³ ainda que na sombra, onde as personagens sendo poderosamente livres eram capazes de se contraporem à cultura envolvente. Em todos eles, a essência podia até ser imaginativa, mas, não podemos desacreditar que transmitia imenso do que seriam os ideais e anseios dos nossos antepassados. Destaque-se a intervenção da Igreja, que via em muito deles um incentivo ao profano, à luxúria e ao ócio e o papel da Inquisição, e da Real Mesa Censória ou de Exame de Livros que, exercendo a sua função, muito censuraram, travando vários autores.

A linguagem é bastante directa mas, não deixa de ser cheia de significado. Alguns folhetos preservam linguagem ou vocábulos eruditos, provavelmente por se inspirarem e quase colarem a textos de grandes autores. Contudo, na maioria dos casos, e até para que se tornassem mais acessíveis, os textos viram a sua linguagem adaptada, e sentiram a introdução de expressões e outras características de pendor popular, como é o caso dos provérbios.

É frequente, em textos deste género, o retrato das famílias da pequena e média burguesia, com a sua criadagem, sendo que, em alguns, se nota a adequação da linguagem a cada personagem. A presença dos criados e, em alguns casos, a sua demarcação formula um meio de o povo ter lugar na acção dramática, dando-nos a conhecer, hoje, também, mais dessa classe, que então tão desprezada em literatura. E, na moda? Será que os criados não tinham papel relevante nessa esfera? É verdade que não tendo poder económico, não podiam pagar os luxos da moda para si mesmos mas, não podemos deixar de reparar na referência de Chantal,

¹ Cf. LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. p.9

² NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.14.

³ GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve. p.33.

quando nos assinala que o marquês de Pombal sentira um indício do terramoto debaixo dos pés, “antes de tocar para que o criado negro viesse vesti-lo”.¹ Eram, efectivamente, os criados que vestiam os nobres. Então, quem melhor do que estes populares teria consciência do que estaria na moda?

Urge, também, ter em conta a consciência dessas figuras populares quanto às vantagens e desvantagens das modas. Criticando os excessos, dando razão ao seu patrão conservador, um criado diria: “Num ai dubeda, a cá o meu patrom num quer que os filhos casquilhem, mas num deve nada, e tudo anda lo dinheiro na man”.² Outro defendendo os amos casquilhos, porque deles herdaria os trajes, proclamaria: “(De resto direi o que me parecer, pois como sou herdeiro dos trastes de meus amos (...) não tenho mais remédio que seguir o seu partido afim de que me não levantem a razão, fazendo-me andar à ligeira em vestia por amor das lamas)”,³ ou até admitindo já ter escrito acerca das modas vários versos que lhe renderam “bons vinténs”⁴ e prometendo continuar, porque alguns deles já escreviam e até faziam décimas.⁵ Estariam então os populares afastados das questões relativas à moda, por nem sempre lhe poderem aceder economicamente? Sendo ainda de questionar: Não constitui uma grande inovação que uma sociedade que até então tivesse pouco acesso à literatura, para além de a ver cada vez mais acessível tivesse também a oportunidade de a criar?

Enquanto que no século XVII vigorara o gosto pelos romances e baladas cantados, no século XVIII essa tendência desvanecer-se-ia, sobretudo, entre a aristocracia, que daria preferência às modinhas brasileiras, às óperas italianas, aos ballets. Todavia, o povo continuava a interessar-se por eles, pelo que continuariam a figurar no teatro de cordel. Outra temática também bastante apreciada era a de ordem mítica e messiânica, relevando tudo o que envolvesse uma certa magia, esperança ou surpresa.

“Durante os séculos XVI e XVII a inexistência das revistas de moda ou dos catálogos de loja levava a que a divulgação do traje estivesse confinada às fontes documentais e gráficas existentes”,⁶ daí a importância fulcral de documentos como os que aqui se editam, os folhetos de cordel, que em conjunto com as caricaturas, as pinturas, as esculturas, a dramaturgia, as crónicas e a literatura, sobretudo a romanesca e a sátira, divulgavam as modas de então. A nível performativo não consta que houvesse grandes eventos de tal modo que, o mais próximo

¹ CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”. p.25.

² *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.8.

³ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.6.

⁴ *Ibidem*. p.9.

⁵ Cf. *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. pp.10-11.

⁶ DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*. Lisboa: Quimera Editores Lda. p.13.

que teriam de modelos seriam as pequenas bonecas de porcelana que trajavam uma miniatura do que seria o resultado final de uma criação de moda.

No século XVIII, trajar bem era já sinónimo de “vestir à moda”. E, as novidades, que inicialmente vinham de boca em boca, do estrangeiro, através da corte, centro difusor de novidades, onde se inspiravam sobretudo as classes mais elevadas, já que essa era quase restrita à nobreza. Só assim, lentamente, se ia introduzindo nos grupos sociais inferiores, percorrendo as populações urbanas, onde, mesmo assim, o processo de democratização da moda demorava o seu tempo, contando sempre com algumas resistências, como tão bem percebemos pelo grupo de folhetos em análise.

A importância dada ao “bem vestir” começou a ser tal que, se faziam, regularmente, jogos de aparências com intuito de mostrar um estatuto social que não se possuía de facto. Assim, vestir bem, seguindo as modas, nem sempre era sinónimo de riqueza, afinal havia “franças pobres”.¹ Nas palavras de uma personagem bastante peculiar de cordel, uma frança, que dispõe o seu testamento ao público, por não aguentar a pressão de uma pragmática contra o luxo, vemos isso mesmo. A dita, sendo ou não sincera no seu arrependimento, acabaria por proclamar: “Jamais, não quero apparecer garrida,/ Outro modo tomar quero de vida (...)/ Nunca mais usarey de compusturas,/ Nem menos tratarey já das unturas,/ Porque nellas se pondera/ O querer parecer mais do que era.”²

Pelos fins do século, então, já se divulgavam as novidades em matéria de vestuário. As referências espalhavam-se por muitos folhetos, espelhadas na preocupação das personagens em “seguirem a moda” para trajarem à moderna. Nascia, pois, um certo desprezo pelo tradicional, gerando uma facção apologista das novidades, tanto que os que mantinham as modas antigas, defendendo o vestuário do passado eram frequentemente apelidados de: “gingas”, “góticos”, “antiquários”, “antigualha do tempo das adagas”,³ amantes dos usos sebastianistas⁴... Podemos citar como exemplo as palavras de uma personagem em particular, uma dama conservadora, aborrecida, que se queixa das investidas de uma outra, mais da moda, dizendo: “Sempre quando me vê acha alguma cousa que notar-me ora estou mal penteada ora he alto espartilho, enfim com tudo se omite”.⁵

¹ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.10.

² Ibidem. pp.5-6.

³ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.6.

⁴ Ibidem.p.11.

⁵ Ibidem. p.8.

Assim se faziam ouvir os apologistas das modas, “defendendo a sua causa (...) em Decimas, Entremezes, até nas Odes, Canções, Romances e Madrigaes”¹, criticando os tradicionalistas que os censuravam, e valorizando, desta forma, o diferente, o estrangeiro.:

“Meus senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralar: há tal abuso!
Em sahindo uma cousa fora d’uso,
Satyras logo. Hum velho não consente;
Senão o que elle usou; impertinente
Mofa de quanto vê; e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando,
Faz com secas suarmos o topete,
Louvando o velho e sério minuete (...)”²

Na literatura de cordel são as personagens conservadoras, frequentemente: o marido, o pai, o amigo velho, que defendem o antigo, o tradicional, por ser honesto, sério e digno, conseguindo, convencer os filhos das suas opções na maioria das vezes, para que se cumprisse a intenção pedagógica. Esses conservadores que, para causarem má impressão aos fascinados pelo novo, aplicam exemplos, definindo sanções para os que não seguissem a tradição. Não há uma crítica pura e ingénua da novidade, atacam-se os abusos, porque se quer a “harmonia” de antes.

A voz do filho de um conservador surge-nos, assim, a exemplo: “Eu vou-me verificando no que diz meu pai, o certo he que as pessoas antigas como tem experiência fallao verdade em muitas cousas, os portugueses são excessivos nas modas e agora he que me vou deenganando”³. Como também podemos citar um pai nas suas preces, dizendo: “A minha filha não tem dom e baste-me que Deos lhe dê alguns dons com que se distinga pelas suas virtudes que he o que mais dezejo que o mais não serve de nada”⁴; ou ainda quando prega a sua influência sobre os filhos, alegre de conseguir os seus intentos, assim: “(...) vosses senao fossem as minhas impertinências hiao tomando amor amor aquellas vaidades e pegando-lhe a tinha, mas graças a Deos que se emendarão”⁵. E, tome-se em atenção a expressão popular

¹ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.5.

² F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.8.

³ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.7.

⁴ *Ibidem*.p.9.

⁵ *Ibidem*.

“Graças a Deus”, ou da referência a Deus, também na citação anterior, que não surgem aqui por acaso, uma vez que, como veremos, de seguida, a Igreja tinha algo a dizer sobre as modas e fazia-o, tantas vezes, pela voz dos moralistas.

Como referimos mais alargadamente no capítulo anterior, os moralistas diziam da moda, ser condenável, quando gerasse a queda dos valores. E, os mais conservadores sentiam que, efectivamente se perdiam os valores, mostrando o seu saudosismo não raras vezes, como acontece pela voz de uma personagem que critica os modos dos outros da moda, dizendo a uma velha sécia: “D. Pol. o senhor Raimundo he hum bixo sem cultura, mas elle não havia nunca de tratar seu pai como o seu filho prendado trata a V. m. Os sebastianistas criavao os seus filhos com mais respeito”¹. Isto demonstra que moralmente, se permitia somente a moderação, para que se preservassem valores, e de tal modo que, cada um deveria aspirar apenas ao que lhe fosse legítimo. As mulheres, poderiam cometer alguns excessos, por exemplo, desde que para agradar o marido, já nos homens a affectação não tinha tantas ressalvas. Assim, “queixa-se Clorindo”: “Mas já disse, e inda o repito agora,/ Se deve desculpar numa senhora,/ E julgar-se também por bagatellas/ Tantas mil invenções se acham nellas;/ Mas num homem? Oh Deus, que horror tamanho/ Da natureza, e da rezão estranho!”²

Mas, de um modo geral, deveria manter-se a salvaguarda para preservar a honra. As criticas dos moralistas, por exemplo, não seriam dirigidas ás esposas que viviam vida de recato, nem às outras mulheres que habitassem casas de família, mas, àquelas que exibissem “os seus exageros” publicamente. Moralmente, os adornos excessivos seriam vistos como laços demoníacos - porque havia muitos que concordavam, desde os sectores mais ou menos evidentes da sociedade, em que, essas “modas que os portugueses affectao demaziadamente, e as mulheres ainda mais fazem um luxo diabólico, que destroí as casas, consome o dinheiro que era para sustento delas, e emfim, faz uma dezordem.”³ Isto, provavelmente porque a sua imagem, a desses laços, seja aliada a concepções já decorrentes de pensamentos anteriores⁴. Note-se, assim, que esta perspectiva em relação à negatividade dos laços, enquanto símbolo e mais tarde alargada, é uma imagem já proveniente do pensamento humanista, mas que se vai arrastando até ao das Luzes. Afinal, como sabemos não há cortes absolutos que destaquem

¹ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.15.

² *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p. 14.

³ *Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força* (1789). Lisboa. p.2.

⁴ Na *Carta a D. João III*, por exemplo, Sá de Miranda usa imagens de paz para elogiar o trabalho do bom rei, realçando a sua posição enquanto governante de um povo. Mas, faz duras criticas à falta de virtude cortesã, apontando os ávidos e recomendando-lhes arrependimento. Diz que os maus armam laços, isto é, armadilhas. A imagem deste género de laço é bastante usual no pensamento humanista, sendo notada em poetas como Álvarez Gato e Gomez Manrique.

períodos, a História é contínua, e apenas a recortamos em períodos, em nosso auxílio, graças às diferenças mais marcantes que se vão esboçando e realçando, mas há sempre sentimentos, noções, imagens que se arrastam ao longo dos tempos e, nem todas se desvanecem simultaneamente.

Numa perspectiva pragmática, a questão da aparência importaria mais à mulher solteira, que necessitaria de seduzir um possível marido. Note-se a importância da aparência neste século. Temos já uma imagem dessa concepção, por exemplo em *El mágico prodigioso* de Cálderon de la Barca, uma “comédia de santos”, que não tendo sido escrita para “cordel” ilustra o pensamento da sua época, abordando uma temática que se encontra, fundamentalmente concentrada no exercício do livre arbítrio. Também se entende a dualidade humana e se faz uma crítica religiosa aos valores da cultura ocidental em pleno século XVIII, através, mais uma vez, de uma história repleta da constante tensão entre os planos físico e espiritual. O Demónio usa das fraquezas de Cipriano para o encaminhar para um falso Deus, uma vez que a sua alma seria atingida pela instabilidade, assim que endeusasse a figura de Justina. Cipriano é primeiramente atraído pelos encantos superficiais da donzela. Atraem-no a sua beleza e o seu discurso, embora ainda não a conheça verdadeiramente. Sobrevalorizando o aspecto exterior, encantado pelos domínios da aparência, o futuro mártir começa a menosprezar os dons do espírito.¹

A importância das aparências, enganosas, tantas vezes, fazia com que homens e mulheres se apaixonassem por formosuras físicas em detrimento das espirituais. O trajar à moda, implicava, desta forma, um rompimento com o passado, incitando a uma subversão, num ímpeto de novidade que geraria uma dicotomia entre fascínios e recusas. Se bem que também se podia vislumbrar, de lés a lés, alguma ponderação, presente, por exemplo, em expressões como: “ (...) estas modas assim como são úteis por alguns princípios, são também prejudiciaes por outros muitos”² ou “Não hei de sustentar impertinente,/ Que não deve vestir andar decente/ Hum moço cortesão, mas de maneira,/ Que não dispenda huma manhã inteira/ Em se tocar (...)”.³

¹ O amor sensual acarreta o engano e afasta Cipriano da espiritualidade. Digamos que, o amor a Justina afasta o “mago” do amor ao verdadeiro Deus, pela forma como é conduzido esse sentimento de fundamento ilusório.

² *Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos* (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.11.

³ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.8.

O luxo e a moda, viviam-se e discutiam-se em panfletos e folhetins, “críticas a montes”,¹ entre defesas e acusações, “sátiras mil”² e elogios às novas modas, subversão aos valores e críticas à ostentação e ao luxo. Falava-se sobretudo da mulher nesses textos, a qual se criticava, na maioria das vezes, definindo-a detentora de um papel transgressor em vários domínios: consumo, ousadia, falsidade, ambição... Mas, o que importava, sobretudo, era falar sobre a moda, tanto a masculina como a feminina, que sendo tantas vezes criticada e ridicularizada na literatura de cordel, pelo que vários autores teriam feito negócio em torno deste tema. E, deve dizer-se que, alguns desses que o faziam seriam, por vezes, ironicamente, também seguidores das modas, como podemos compreender pela revolta de uma personagem que a esses censura, dizendo:

“(...) olhao os outros, e não se Olhão a si: se com prudente reflexão voltassem a vista já ao seu comportamento, já ao seu estado talvez rasgassem os insultantes papeis que contra as pobres senhoras continuamente escrevem: eles são os mesmos que vigiam as modas para no-las apresentarem (...)”.³

Atente-se, também, que, mesmo dentro de um grupo específico, por exemplo, o grupo que a favor das modas, seria possível encontrar conflitos, como por exemplo nos demonstra a *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A DEFESA DAS MADAMAS a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens*, onde encontramos homens peraltas que na defesa do seu género dizem que: “(...) são inferiores e menos dignas de censura as modas”⁴ que usam, explicando que as “críticas feitas as madamas sobre as modas com que se adorna são justas e deverão ser multiplicadas”⁵ e damas sécias a argumentar, pelo seu lado, que poderiam usar modas mais extravagantes do que eles “por direito de sexo” e propondo para esses homens punições, pois não seguiam as orientações aconselháveis ao seu género robusto, que deviam ser as “empresas sublimes”, as armas ou as letras.⁶

Eram menos os que defendiam a moda, objectivamente, no papel – já que na prática o sucesso da moda contrariava essa tendência – mas, como podemos imaginar, existiam, senão atente-se em novo exemplo:

¹ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.11.

² Ibidem.

³ Ibidem.p.9

⁴ Ibidem.p.6.

⁵ Ibidem.

⁶ Cf. Ibidem.pp.6-8.

“Aquella honra, e valor, que somente herdei de meus avós (...) forao quem me animou a declarar-me à vossa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as Musas frenéticas vos tem dado nos vastíssimos campos de huma Satyra descarada. Bem vejo que o meu auxilio he muito diminuto; porém como um pão com huma fatia accomoda mais, esta a razão porque alinhavei este papelinho, a que levantei o falso testemunho de Satyra, e reverente vo-lo offereço”.¹

Referindo as modas, alguns autores escreviam sátiras ou poemas simples, havendo também aqueles que se inspiravam em fontes eruditas, fazendo uma adaptação que serviria tão apenas a simplificação do texto para que a mensagem pudesse ser absorvida por camadas menos cultas. E, a mensagem poderia ser tida por essencial se tocante a assuntos de ordem moral, o que acontece relativamente a grandes obras “clássicas” de conselhos e “avisos” como: a *Carta de guia de Casados* de D. Francisco Manuel de Mello; *La família regulada* de Frei António de Arbiol; *Casamento Perfeito*, de Diogo de Paiva de Andrada; ou *Medulla theologiae moralis, facili ac perspicua methodo resolvens casus conscientiae* (1645) que se continuaria a publicar e a traduzir, com sucesso, ao longo do século XVIII. Textos estes muito diversos, que doutrinando e moralizando, e dirigindo-se especificamente às mulheres, se referiam, não raras vezes, à moda, e que, tendo outro destino, não deixavam de inspirar muitas dessas obras que repousavam em romances de cordel. Mais pequenas e baratas, estas criticavam acontecimentos e anunciavam novidades, muitas vezes com referência directa e objectiva às modas, dos quais são exemplo os textos aqui seleccionados.

Os defensores das modas, por sua vez, criticavam os seus opositores, já que alguns sectores económicos acham vantagens na mobilidade e na alteração dos modos de trajar e viver, numa perspectiva de evolução social e estímulo económico.

A popularidade dos folhetos sobre modas exprimia-se, sobretudo, pelo gosto das caricaturas que eram então actuais, pintando o quotidiano. Faziam-se referências ao predomínio das modas francesas, apesar das pragmáticas, essas leis que pretendiam abrandar aquilo que alguns viam como “(...) Luxo cauzador do eterno damno/ Do riquíssimo Império Lusitano”,² enquanto que outros tomavam os modos como “hum bem da sociedade”.³ Afinal

¹ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.4.

² *Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.10.

³ F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.14.

ainda persistia o gosto pelo grandioso, pelo exibicionismo, como pelo teatral, que se exporia também em extravagâncias, não apenas nos modos e nos movimentos, como nos trajes, tanto que, num dos nossos textos seleccionados, encontramos as seguintes palavras acerca dos peraltas:

“Aquelles em fim, cujo adorno, mais próprio para huma scena, que para andar entre gente, se reduz a hum ridículo chapéo, que de tal só o nome e a copa conserva; (...) d’hum celebre penteado, a que chamam *Alagré*, ou de Poupa, (...) tem por obrigação andarem dezabotoados continuamente (...) para mostrarem a todos a renda, não da bolça, porém da camiza; (...) obrigados a usar d’hum espadim, ou florete de duas argolas, e ainda que mais fossem, seriam poucas para eles, (...) e d’hum relógio que nas cadêas traga uma enfiada de campainhas, e chocalhos, que de longe os faça conhecidos (...)”.¹

Ir-se-iam, também, adoptando termos que definissem os seguidores das modas: “sécias”, “peraltas”, “casquilhos”, “tafulas”; que se exibiam, frequentemente, pelas assembleias e teatros, buscando reconhecimento social. Assim, alguém escreveria: “Mas eis que encontro hum bando de Tafues/ Com fraques verdes huns, outros azues,/ Disputando raivosos altamente,/ Qual dos Theatros he melhor a gente,/Que representa, toca, dança e pinta.”²

Note-se, aqui, a importância da imagem, no contexto da evolução social, possibilitada pela maior mobilidade da moda. Neste desvio de atitude, opera-se a mudança, pela subversão dos modelos antigos e tradicionalistas. Os moralistas reclamavam a dignidade, o respeito, o exemplo. Mas, as transformações iam-se sucedendo, causando “profundas transformações da silhueta”. Assim, elogiava-se a gordura, em formas arredondadas e as anquinhas esboçavam bem esse gosto. Embora esse estilo nem sempre agradasse tanto à facção masculina ou aos grupos mais conservadores, tal como podemos inferir do seguinte excerto: “Porém outra madama com tal arte/ Vem figurando o mal de hydropezia (...)/ He mal que inda às meninas delicadas/ Faz de repente gordas e annafadas;/ Porém isto he vestidas, que na cama,/ Torna-se magra, e tizica a madama.”³

Tomava-se, também, cada vez, mais preocupação com a limpeza, ou pelo menos, com o “parecer limpo”, de tal modo que, alguns folhetos chegam mesmo a criticar a existência de

¹ Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. pp. 2-4.

² Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.11.

³ Ibidem. p.9.

uma falsa limpeza e a importância dada apenas ao que se vê, à aparência – questão que introduzimos já no capítulo I. Assim, havia quem satirizasse, dizendo:

“Os bofes da camiza sem demora,
“Vão fugindo do peito para fora,
Pela pouca limpeza que vai dentro;
E porque o ponto atinjo, agora entro
A supor, que a camiza he de maneira,
Que há dez dias a trouxe a lavandeira.

Só os bofes que estão nella pregados,
Forao inda que à pressa bem lavados (...)”¹

E, também:

“A cazaca deve ter huma dúzia d’algibeiras despostas por andares humas sobre as outras, e de cada huma dellas deve andar pendurado hum trapo pintado de labirintos, e terá cuidado de nunca puxar por elle para não lhes publicar as mazelas, para o que será bom trazelo pregado com hum alfinete”.²

Ou, ainda: “Esse pescocinho grande/ He, e com razão to digo;/ Para encobrir as mazelas/ Do pescoço e coleirinho.”³

Alguns folhetos indicavam também cuidados a ter com o rosto, tanto para elas como para eles. Ora, isto, conjugado com todo o aparato veemente dos seus trajes e modos conduziria a uma efeminação evidente do homem, como podemos observar no capítulo anterior.

Havia os que adoravam e os que abominavam as novas tendências. Mas, positivas ou negativas, sempre havia críticas. Mais tarde, criticar-se-iam, também, as novas modas, os vestidinhos estreitos, que transformavam o aspecto da mulher, dando-lhe formas mais esguias, tendências influenciadas pela adesão ao Traje Império.

Quanto ao traje, toda a novidade aplaudida tinha sempre o reverso do fascínio, na sua contestação, contestação essa que, graças aos folhetos, poderia ser também difundida, senão

¹ *Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.4.

² *Ibidem*. p.3.

³ *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.7.

note-se o poder destes textos, na proclamação de um autor que diz, abertamente, causar aborrecimento aos seguidores das modas, com os seus escritos, dos quais já havia seguimento:

“Mas repizar não quero nos meus ditos,
O que já se tem visto em meus escritos.
O rediculo disto he ponderado
No primeiro papel, que tenho dado
A todos os peraltas de Lisboa,
Que inda agora os ouvidos lhes atroa”.¹

E, praticamente todas as publicações eram acolhidas, mesmo que umas tivessem, claramente, mais sucesso do que outras, “a pobreza imaginativa, a deficiência da expressão escrita traduzia-se em produções menores que, apesar de tudo, mereciam, ao que parece, aceitação por parte do público”.² Embora, essas, mais pobres, fossem, obviamente, criticadas pelos mais cultos. Ora isto acontecia porque como já referimos, essas obras eram economicamente acessíveis, não só pela precariedade do material em que se publicavam, como pelos autores, que sob o anonimato se sujeitavam a fracos ganhos. E, estando disponíveis também a um público menos exigente, esses folhetos seriam rapidamente escoados. Quanto às de mais sucesso, por entre as várias camadas sociais, investia-se em várias edições, ou até em novos textos de “continuação”, afinal havia quem fizesse disso o seu sustento³. E, não são apenas os versinhos e entremezes sobre modas “em que os cegos de continuo ganhão o seu vintém”⁴ que se distribuem, mas também aqueles que permitiam a certos defensores das modas, a compra de mais alguns asseios, como nos conta Valete – um pseudónimo – no prefácio de uma “falsa sátira”,⁵ dizendo: “(...) recompensai mo com as vossas moedas de dez reis, a fim de que possa ser hum decente defensor do vosso partido, não só escrevendo, mas imitando o vosso asseio”.⁶

Note-se que, quando falamos de “sucesso”, referimo-lo em sentido significativo, já que, se chegavam mesmo a gerar polémicas, contando com grupos opostos, contra e a favor

¹ *Queixas de Clorindo ou reprehensão amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.7.

² SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. p.14.

³ Ibidem. p.18.

⁴ *Graciosa, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.1.

⁵ Cf. F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira. p.4.

⁶ Ibidem. p.4.

de certos textos publicados. A qualidade literária poderia nem sempre ser a melhor mas, é de relevar a popularidade da literatura de cordel nesta época, atentando-se que as escolhas temáticas não seriam, provavelmente, inocentes, assim como a aplicação de posições, até porque, não se esqueça que, muitos destes textos conseguiam sucesso, ludibriando de modo subtil, frequentemente, os olhares da censura, dando ao público o que pretende ler, mesmo que supostamente sob “nobres” intenções.¹

Para além dos textos com feição moralizante, dedicados à sociedade, ao gosto, às modas, ao casamento, havia até os que continham “instruções dirigidas aos pais sobre a forma de educar e orientar os seus filhos, tornando-os virtuosos e úteis à pátria honrando com isso suas famílias”,² sendo que este último ponto poderia abarcar todos os anteriores, preocupações essas também abordadas nas correspondências e sermões relativos a peraltas e sécias. E, há mesmo quem afirme: “Huma regra geral tenho assentada,/ Que affectação em tudo he desgraçada,/ E que a todos agarada a singeleza,/ Por quanto he filha só da natureza.”³

Afinal, para “os pais ensinarem bem os seus filhos, devem admiti-los às coisas úteis, e convenientes (...) para que não sejam néscios, e viciosos”⁴. Então demonstravam, frequentemente desagrado contra as novas modas, mesmo quando permitiam que os filhos as seguissem, afirmando: “ellas são péssimas: hum honesto traje a todos he agradável; o serio foi, he, e sempre há de ser a verdadeira moda”⁵. Em alguns desses textos, como argumentação, podemos encontrar referências àqueles que brilharam na História sem que atentando a vaidades:

“Em fim, os grandes homens tão raros
Os maiores heróis, os mais preclaros (...)
Em fim, os grandes homens que tem dado
Pela boca da fama hum grande brado,
Nenhum foi minimamente cuidadozo
No grande ornato, e no vestir pompozo.”⁶

¹ Cf. SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor]. pp.17-18.

² Ibidem. p.29.

³ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes* (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.14.

⁴ *Relação de huma carta escrita às peraltas em a qual se lhe apontam os ridículos trastes de que usão e o escândalo que causão com o seu mão viver, dando-se-lhe nesta prudentes concelhos para evitarem tão mãos costumes, hindo acompanhada com hum romance e Idilio Catholico, que na terceira parte desta sahirá à luz. Segunda Parte por hum anonymo* (1787). Lisboa: Officina de Francisco Borges de Sousa. p.14.

⁵ *Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens* (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes. p.13.

⁶ *Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia* (1783). Parte Segunda. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves. p.5.

A crítica ao luxo e modas era uma realidade e coexistia em consonância com o discurso moral e estatal, a não ser nos textos clandestinos. Os moralistas defendiam uma relação estreita entre “traje e dignidade pessoal”. Para que se mantivesse a tal dignidade usava-se até de exemplos das sagradas escrituras para condenar excessos e profanidades da moda. Impregnavam-se os textos de mensagens normativas, com críticas aos gastos “sumptuários” em adornos e trajes, impelindo a ideia de “que tudo faz o luxo demasiado,/ que de luxo se passa a ser peccado”.¹ E, a mensagem pedagógica deveria ser atendida por muitos, senão não teríamos a representação de aborrecimentos como o do filho que escreve a seu pai, que lhe havia chamado “peralta”:

“(…) o carácter das pessoas, a que nesta corte se dá o título de Peralta; o qual V. m. me manda junto com as suas maduras, e estimáveis advertências (...) V. m. trocou o sobreescrito, que aparentemente não diz com a contextura da carta, a qual fica muito impressa na minha memória, para della me aproveitar; fazendo-me assim digno da sociedade civil, e ocupando-me utilmente ao serviço da República, único e verdadeiro trabalho de hum homem, que deseja ter reputação entre os mais (...)”²

Acresce que isto era, também, um assunto de interesse para o estado, uma vez que a usurpação de certos símbolos de qualidade podia pôr em causa a organização da hierarquia social com os excessos sumptuários. Assim, aplicavam-se algumas pragmáticas, sobretudo contra o luxo, estabelecendo leis para que cada um andasse segundo a sua qualidade e também de modo a garantir estabilidade social, evitar gastos excessivos e criticar a ostentação usurpadora. Daí que houvesse grande interesse, por parte dos autores e casas impressoras, em obter autorização/aval de impressão das autoridades censórias. Assim, uma das personagens dos textos seleccionados para a presente edição diz-nos mesmo:

“A pragmática já me não espanta,
Antes já me parece boa, e santa,
Porque a todos acode
A não gastar ninguém mais do que pode:
E já com ella as Françaes Portuguezas

¹ *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor* (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz. p.5.

² *Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas* (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa. p.8.

Não fazem a seus pays tantas despesas (...)
Assim fica sendo a tal pragmática
Remédio prodigioso
Para evitar este mal contagioso.”¹

Porém, notar-se-ia sempre o desejo de ascensão social de grupos menores e, assim, muitos membros da pequena burguesia mostravam-se descontentes, usurpando, tantas vezes, modos, modas e até formas de tratamento, uma vez que o desejo de ascensão social era bastante elevado.

Infelizmente, porém, muito do que era composto nestes folhetos viria a cair no esquecimento, graças também ao anonimato, tomando a impessoalidade ou a colectividade, tal era a fluência da transmissão oral relativamente a estas obras. E, uma grande quantidade de textos terá sido provavelmente perdida, senão, note-se que tardiamente se começaram a abordar este tipo de obras para estudo. Isto tendo em conta que remonta este exercício literário popular já à época medieval. Depois, como sabemos, na edição dos textos de cordel prezava-se a economia. Facilmente dobráveis, inicialmente brochados. A tinta vê-se numa distribuição pouco uniforme, numa edição fraca, com baixa qualidade de impressão e de papel que mesmo em formato pequeno, raramente se faziam conjuntos superiores a 15 páginas. Note-se ainda que, muitas vezes, não há sequer paginação, e, por outro lado, há abundância de gralhas tipográficas. Ainda que a circulação de textos não se abalasse, até porque se vendiam mais, essencialmente porque se dispunham acessíveis, tanto em conteúdos como em preços, poucos, de entre a vasta quantidade original, resistiriam à erosão do tempo. Tantas vezes maltratados pela meteorologia e pela vida, desprezados assim que lidos, como se se tratasse de lixo.

E, pouco a pouco, findo o século XVIII, durante largos anos se desvalorizaria a literatura de cordel, um produto maioritariamente dirigido e às vezes criado no seio desse aglomerado, que supostamente não teria cultura por estar demasiado ocupado com tarefas de foro prático e sem tempo para reflexões...² E, até o nosso Sá de Miranda, profundamente justiceiro no seu avaliar de um desconcerto do mundo, acabaria por menosprezar a literatura popular, repudiando a linguagem comum, em prol das inovações italianas. Ainda assim, através das suas descrições são-nos retratadas muitas das diferenças sociais e

¹ ----, *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor*. Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz, 1751. p.4.

² Cf. GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve. p.25

comportamentais, que esboçam um contexto explicativo destes posicionamentos¹. Montaigne, por exemplo, chega a admitir-lhe alguma beleza, mas, trata-se tão só de uma beleza primitiva, numa relação em que a graça seria concedida pela espontaneidade ingénua.

Embora pelo despontar romântico, se começasse a valorizar um pouco mais esta arte no que respeita a estudos, havia também alguns românticos que seguiam ainda raciocínios semelhantes ao de Montaigne², assim como a Igreja e o Estado que não lhe sendo coadjuvantes, reprimiam consideravelmente as artes populares sob o pretexto de as considerarem profanas.³ Ainda assim, desta primeira atenção aprofundada às riquezas populares “surgiu uma civilização cuja existência se ignorava, com uma abundância de materiais que surpreendem os mais cultos.”⁴ São textos importantíssimos, reveladores de costumes e usos que por vezes permitem esboçar uma reconstituição social de épocas anteriores. Teófilo Braga, por exemplo, é apologista desta teoria, considerando a literatura popular como tendo soberba importância cultural, tanto a nível histórico como étnico. Devemos ter ainda em conta a importância significativa da literatura de cordel “na codificação memorial das aquisições comunitárias”⁵ e como meio de descoberta das vivências culturais passadas.

Só por meados do século XIX e sobretudo com Garrett se começaria a incidir verdadeiramente sobre os estudos folclóricos, não em grande quantidade mas, com significativa qualidade. Sendo de referir, ainda, que este nosso grande escritor se interessou e prestou atenção à temática da “moda”, privilegiada neste estudo. Repare-se inclusivamente na edição de um almanaque sobre modas; para a qual colaborou este autor em conjunto com Luís Francisco Midosi: *O Toucador. Periódico sem política*, em 1822. É esta obra digna de referência. Afinal, trata-se nada menos do que o primeiro jornal português dedicado às mulheres e com significativa atenção sobre as modas.

Porém, é a Setecentos que devemos maior reflexão no nosso estudo e, debruçando-nos sobre tal época, e relacionando-lhe o frenesim de e pelas modas, não poderemos, sem dúvida, menosprezar o papel da Literatura de Cordel. Afinal, os tais papelinhos que das mãos dos cegos pendiam, chegariam às vistas de todos, dos mais aos menos influentes, quer pelo tilintar dos excessos das modas, na expressão da sua defesa, ou no debater de um saudosismo

¹ Cf. GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve. pp. 27-56.

² Cf. Ibidem. pp.28-29.

³ Cf. Ibidem. p.56.

⁴ LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa. p.5

⁵ NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros. p.23.

impaciente, exprimindo negras críticas. Porque a moda foi e é produto da criação artística, e que pelo apelo à sensibilidade, como pelo levantamento de questões estéticas, sempre levou e levará a debates contínuos, com amantes de vários partidos.

Conclusão

Finda esta excursão por uma época de transformações profundas, atentamos, a ocidente, na evolução de várias facetas de uma sociedade europeia que, fascinada pelo brilho de Versalhes, se rendia ao timbre magnífico dos dourados, por um lado, sem perder uma objectiva precisa em prol de um racionalismo necessário, por outro. Embrenhando-nos ainda mais na nossa caminhada, estimulados pelo desejo de perceber uma estética embrionária, seguindo, de mansinho, por uma floresta de ambiguidades, fascínios e recusas, espreitamos aquela tendência que leva o Homem a aprimorar-se, no seu aspecto exterior, perante os outros e perante si mesmo. Então, ousando um pouco mais, abrimos a cortina que revelaria a representação do nosso povo às Luzes de uma época que, inicialmente áurea e inspirada de francesismos, se renderia, em última instância, à necessidade de se espelhar a uma Fénix, transformada... Ainda assim, sem deixar de lado o tal primor, sem nunca perder o orgulho que carrega o gosto, e que faria correr não pouca tinta para cordel, entre pesadas críticas e doces louvores. Quanta importância poderiam ter uns papelinhos, então? Quanta importância terão, hoje, para nós? E, que importância?

Reflectimos sobre a moda. Já se reflectia, também, aos finais do Antigo Regime... E, são tantas as perspectivas com que a abordar e com as quais ela se relaciona directamente! Pensando atentamente essa questão da necessidade de nós, Homens, melhorarmos a nossa imagem, colmatando possíveis falhas da natureza, temos não só a proeminência de um mecanismo de moda como um tema de interesse antropológico, no sentido da importância e até do papel funcional que se foi dando à roupa durante muito tempo. Embora a moda como a conhecemos hoje se procure afastar ao máximo dessas noções de funcionalismo, para abrir portas à criação pura, do domínio do privilégio e da excepção, contudo, não pode deixar de lhe interessar que, em tempos mais longínquos, o Homem se tenha vindo a servir do seu corpo para se evidenciar, pois as primeiras atitudes de modificação corporal devem ser vistas como um ponto de partida e não como um desenvolvimento.

Toma-se como seguro então que a moda começa quando incentivada pela estética – ainda que o termo tenha sido tardio quando ligado ao conceito actual – pela sociedade e pela psique. Ora isso já se evidencia claramente no século XVIII, coadjuvado pelo florescimento verdadeiro da reflexão estética, mas, ainda assim, não constituindo uma total novidade. Afinal o movimento rumo à substanciação do que seria a “moda” já partira de muito antes. Pois, como já percebemos, a moda foi e é naturalmente atacada pelas oscilações periódicas,

fenómeno que faz parte da sua instabilidade. De qualquer modo, pouco a pouco, forma-se o ciclo. É inevitável. O novo estilo torna-se moda e o anterior prevê a sua queda quando “passa de moda”, embora havendo períodos de passagem de um estilo para o outro, ou, por vezes também, acontecendo em simultâneo, ou outras vezes, algum desfasamento, mas costumando haver sempre uma certa relação recíproca de dialéctica. E, de resto, como todos sabemos, os cânones do belo vão-se modificando e adaptando aquando e de acordo com as vivências de cada época.

Urge, contudo, realçar que, todo o acessório de que nos valemos para nos enfeitarmos faz de nós “artificiais”, na medida em que acrescentamos coisas à naturalidade nua do nosso corpo, mas após esta viagem, tomamos essa artificialidade como natural ao Homem de sociedade, com valores e regras a seguir, sendo ainda mais natural, pelas qualidades da sua natureza de ser criativo e autónomo. Há, pois, uma necessidade natural, humana, de nos “personalizarmos”, de nos destacarmos relativamente aos animais irracionais. E, no entanto, não será interessante reflectir no tanto de irracional que têm as leis da moda, à imagem das leis da arte, no escape ao esquema cómodo, na continua necessidade de quebrar a regra anterior?

Mas, para além da exposição de diversos pontos de interesse, dispostos e relacionados com o tema escolhido, teremos, de facto, proposto uma só conclusão nuclear? Pensamos que seria forçado e até pretensioso e falaz fazê-lo. Afinal, como vimos, a sociedade desde sempre se interessou por moda, esse fenómeno que vive de referências da Estética, que por sua vez está implícita à Arte, não deixando esta última de se aplicar a áreas como a Literatura, que sempre faz e vive da História...

Trata-se, claramente, de um tema demasiado rico para ser esgotado em tão poucas páginas. Assim, o presente estudo apenas pretende ser introdução, dando embora conta da vastidão das matérias e procurando suscitar sintéticas reflexões. Quanto a conclusões, deixamos ao leitor esse papel, pedindo-lhe que o faça através da apresentação, que se segue, de uma pequenínssima amostra do que seriam as modas em cordel, operando revoluções mesmo antes que uma outra, na política, se operasse.

Fontes e bibliografia:

AMBROSE, Gavin & Paul Harris (2008). *Diccionario visual de la moda*. Barcelona: Gustavo Gili.

ARAÚJO, Ana Cristina (2003). *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Assembleia curiosa, e observador académico, distribuída em folhetos para utilidade dos curiosos (1788). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.

BARTHES, Roland (1981). *O sistema da moda*. Lisboa: Edições 70.

BAUDRILLARD, Jean (1990). *As estratégias fatais*. Lisboa: Editorial Estampa.

BARRETO, Gil (1761). *Relação do transito que passou Maria Gorita, acontecido em uma cidade de Granada, a qual andava em traje de homem, várias proezas que fez, e a morte que teve. Exposta à sempre máxima e discreta curiosidade do vulgo*. Lisboa: Oficina de Joze Felipe.

BIZET, René (1925). *La mode*. Paris: F. Rieder et Cia. Éditeurs.

BRAGA, João (2004) *História da moda. Uma narrativa*. São Paulo: Editora Anhenbi Morumbi.

BUSEMBAU, Herman, S. J. (1690) *Medulla da theologia moral, aonde se resolvem com facil, & perspicaz methodo os casos de consciencia*. Lisboa: Oficina de Manuel Lopes Ferreira.

CALAFATE, Pedro (2001). *História do pensamento filosófico português. Vol. III*. Lisboa: Editorial Caminho.

CARDIM, Pedro (1998). *Cortes e cultura política no Portugal do Antigo Regime*. Lisboa: Edições Cosmos.

Carta que escreveo hum filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas (1771). *Parte Primeira*. Lisboa: Oficina de Caetano Ferreira da Costa.

CÉZAN, Claude (1967). *La mode, phénomène humain*. Ariège: Edouard Privat Éditeur.

CHANTAL, Suzanne (1970). *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”.

CHEVALIER, Maxime (1978). *Folklore y Literatura: El cuento oral en el siglo de oro*. Barcelona: Editorial Crítica.

CORELLA, Jayme de (1721). *Pratica de el confessorio y explicacion de las 65 proposiciones condenadas por la santidad N. SS. P. Inocencio XI. Su materia los casos mas selectos de la Theologia moral. Su forma un dialogo entre el confessor, y poniente*. Coimbra: En la Empreza de Juan Antunes.

CORREIA, João da Silva (1935). *A literatura popular portuguesa em correlação com a literatura culta*. Porto: Ateneu Comercial do Porto.

DESCAMPS, Marc-Alain (1979). *Psychologie de la mode*. Paris: Presses Universitaires de France.

DORFLES, Gillo (1990). *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70.

DUARTE, Cristina L. (2004). *Moda*. Lisboa: Quimera Editores Lda.

DURAND, Gilbert (1993). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70.

ECO, Umberto (2004). *A história da beleza*. Algés: DIFEL.

F. M. G. S. M. (1783). *Satyra em louvor das modas ou ESCUDO DA PERALTICE: obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.

FRANÇA, José Augusto (1965). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

FRANZINI, Elio (1999). *A estética do século XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa.

GARRETT, Almeida (1993). *O toucador. Periódico sem politica*. Lisboa: Vega.

GIBALDI, Joseph (1998). *MLA Style Manual and Guide to Scholarly Publishing*. New York: Modern Language Association of America.

Gracioza, e divertida farça ou o novo entremez intitulado A defesa das madamas a favor das suas modas, em que deixao convencida a paraltisse dos homens (1742). Lisboa: Oficina de António Gomes.

GUEDES, Natália Correia & Ana Maria Brandão (1980). *Traje de criança e brinquedos*, Lisboa: Museu Nacional do Traje.

GUERREIRO, M. Viegas (1978). *Para a História da Literatura popular portuguesa*. Amadora: Biblioteca Breve.

HART, Avril (2009). *La moda de los siglos XVII-XVIII en detalle*. Barcelona : Gustavo Gili.

JANSON, H. W. (2007). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

KÖHLER, Carl e Sichart (2005). *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes.

KRISTEVA, Julia (1974). *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva.

LANG, Peter (1991). *Oralité et littérature / Orality and Literature. Actes du XIème Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée (Paris, août 1985)/ Proceedings of the XIth Congress of the International Comparative Literature Association (Paris, August, 1985)*. New York: Peter Lang Publishing Inc.

LAVER, James (1989). *A roupa e a moda. Uma história concisa*. S. Paulo: Companhia das Letras.

LIMA, Fernando de Castro Pires (1963). *Literatura de Cordel. Separata do I volume das actas do 1º congresso de etnografia e folclore*. Lisboa.

LIPOVETSKY, Gilles (1989). *O império do efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

LOURENÇO, Maria Paula Marçal (2003). “Os séquitos das rainhas de Portugal e a influência dos estrangeiros na construção da “sociedade de corte” (1640-1754)”. *Penélope – Revista de História e ciências sociais*. 29: 49-82.

LOWENTHAL, Leo (1961). *Literature, Popular Culture and Society*. USA: Prentice-Hall, Inc.

MARCO, Joaquin (1977). *Literatura popular en España en siglos XVIII y XIX*. Madrid: Taurus.

MIGUEL, Julio Arrechea et al. eds. (2005). *Dicionário de Pintura. Séculos XIV – XVIII*. Lisboa: Editorial Estampa.

MORAIS, Franco (1990). *A essência da arte. Por uma Estética à Luz da Sabedoria*. Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural.

MOUTINHO, José Viale (1980). *Histórias jocosas a cavalo num barbante : o humor na literatura de cordel sécs. XVIII-XIX*. Porto : Nova Crítica, imp.

NOGUEIRA, Carlos (2003). *Literatura de Cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Apenas Livros.

Nova Sátira ao formidável chapeo e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande, e a bulha que tiverão os apaixonados de ambos os theatros (1789). Lisboa: Oficina de António Gomes.

Novo entremez intitulado A Receita de ser peralta ou de casquilharia por força (1789). Lisboa.

PASTOUREAU, Michel (1996). *O tecido do diabo. Uma história das riscas e dos tecidos listrados*. Lisboa: Editorial Estampa.

PRAT, Lucy e Linda Woolley (2008). *Shoes*. London: V&A Publications.

Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes (1782). Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves.

Queixas de Clorindo ou reprhençam amigável das modas extravagantes, e prudente exame de ridicularia (1783). *Parte Segunda*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves.

RACINET, Auguste (2003). *Complete Costume History: from ancient times to the 19th century*. London: Taschen.

Relação de huma carta escrita às peraltas em a qual se lhe apontam os ridículos trastes de que usam e o escândalo que causão com o seu mão viver, dando-se-lhe nesta prudentes concelhos para evitarem taõ mãos costumes, hindo acompanhada com hum romance e Idilio Catholico, que na terceira parte desta sahirá à luz. Segunda Parte (1787). Lisboa: Oficina de Francisco Borges de Sousa.

RODRIGUES, Vera & Carlos Spodka (1988). *Nove séculos de Moda*. Lourosa: Escola C + S de Lourosa.

SABINO, Marco (2007). *Dicionário da Moda*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Lda.

SANTOS, Maria José Moutinho dos (1987). *O folheto de cordel : Mulher, família e sociedade no Portugal do séc. XVIII : 1750-1800*. Porto : [Edição do Autor].

_____ (1989). “O luxo e as modas em textos de cordel da segunda metade do séc. XVIII”. *Revista de História*. 9: 137-164.

SARAIWA, António José & Óscar Lopes (2001). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

SÉBILLOT, Paul (1913). *Le Folk-Lore: Littérature orale et ethnographie traditionnelle*. Paris: O. Doins et Fils. Editeurs.

SIQUEIRA, Joaquim Manoel de (1771). *Carta de máximas e conselhos, que mandou hum pay a seu filho peralta nesta corte para a perfeição da vida civil e christã, dada a publico por*. Lisboa: Officina da Viúva de Ignacio Nogueira Xisto.

SORCINELLI, Paolo (2008). *Estudar a moda. Corpos, vestuários e estratégias*. São Paulo: Senac.

SYNNOTT, Anthony (2001). *The body social. Symbolism, Self and Society*. New York: Routledge.

TEIXEIRA, Madalena Braz & Madalena Ataíde Garcia (1989). *Traje erudito e Traje popular portugueses*. Macau: Leal Senado.

Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites, e adornos fez huma França, por causa da nova pragmática, querendo reformarse, deixar o mundo, e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores gallas, e fazendo outras obras pias, como nelle pode ver o fleumático leitor (1751). Cataluna: Empresa de Francisco Guevarz.

TOCQUEVILLE, Alexis (1989). *O antigo regime e a revolução*. Lisboa: Editorial Fragmentos.

TORTORA, Phyllis, & Keith Eubank (1994). *Survey of Historic Costume*. New York: Fairchild Publications.

VIGARELLO, Georges (2004). *História da beleza*. Lisboa: Editorial Teorema Lda.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1983). *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Porto: Livraria Civilização Editora.

Sítios e Páginas da Internet:

“Almeida, Sueley Creusa Cordeiro de” (2005). *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no império português. XVI - XVIII*. Acedido 25 de Agosto de 2010. <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/16361/O-sexo-devoto:-normatizacao-e-resistencia-feminina-no-imperio-portugues- -XVI- -XVIII.html> .

“Bluteau, Rafael” (1712). *Vocabulario portuguez e latino, autorizado com exemplos dos melhores escritores, portuguezes e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. João V, pelo Padre Raphael Bluteau*. Acedido 2 de Setembro de 2010. http://purl.pt/13969/2/1-2771-a/1-2771-a_item1/index.html .

Novo dictionario da língua portugueza, composto sobre os que até ao presente se têm dado ao prelo, e accrescentando varios vocábulos extrahidos dos clássicos antigos, e dos modernos de melhor nota, que se acham universalmente recebidos (1806). Acedido 2 de Setembro.

http://books.google.pt/books?id=ubQGAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Novo+dicionario+da+lingua+portugueza:+composto+sobre+os+que+at%C3%A9+o+presente+...&source=bl&ots=nOlhfWlfiV&sig=mHPizHPHxzbV6Ls5CSbo8j8gL0k&hl=pt-PT&ei=k8OQTPXvK4yl4AaJsunNDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

“Marques, José” (1764). *Novo dictionário das línguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores autores, e do vocabulário portuguez, e latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Dictionarios da academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, etc, com os nomes próprios das nações, dos reinos, das províncias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, etc*. Acedido 10 de Setembro de 2010. http://books.google.pt/books?id=-uI-AAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Nouveau+dictionnaire+des+langues+fran%C3%A7oise+et+portugaise:+tir%C3%A9+des+meilleurs+...+Por+Jos%C3%A9+Marques&source=bl&ots=LLqw8w4RFS&sig=sULf5wXA4oUw55VCRV6Jqa5n87M&hl=pt-PT&ei=u7-QTJW1L9P64Ab0_qi_Dg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBUQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false .

Índice Onomástico Remissivo:

ANDRADA, D.....	82	GUERREIRO, M. V.....	64, 66, 75, 88, 89
ARBIOL, A.....	82	F. M. G. S. M.....	5, 8, 12, 14, 18, 21, 24, 53, 68, 78, 82, 85
ARAÚJO, A. C.....	15, 32, 61	HART, A.....	41, 46, 51
ATAÍDE, M.....	40, 45	KÖHLER, C.....	39, 45, 54, 60
BARTHES, R.....	8	KRISTEVA, J.....	23
BAUDRILLARD, J.....	5	LAVER, J.....	16, 24
BARCA, P. C.....	80	LIMA, F. C. P....	71, 72, 73, 74, 75, 89
BARRETO, G.....	26	MELLO, F. M.....	82
BRAGA, J.....	10, 31	MIRANDA, S.....	88
BUSEMBAU, H. S. J.....	56	MORAIS, F.....	12
CALAFATE, P....	16, 28, 29, 56, 57	MOUTINHO, J. V.....	65
CAMÕES, L. V.....	4	NOGUEIRA, C.....	62, 66, 68, 69, 71, 74, 75, 89
CHANTAL, S.....	20, 22, 35, 38, 40, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 62, 76	PASTOUREAU, M.....	41
CORELLA, J.....	55, 56	PRAT, L.....	47, 48, 54, 56
CORREIA, J. S.....	65, 70, 71, 72	RODRIGUES, V.....	42, 51, 54
DORFLES, G.....	5, 6, 7, 27, 29, 35	SANTOS, M. J. M.....	65, 66, 67, 70, 73, 85, 86
DUARTE, C. L.....	27, 31, 62, 76	SARAIVA, A. J.....	69, 72
DURAND, G.....	7, 17	SIQUEIRA, J. M.....	17, 24
ECO, U.....	9, 12, 13, 28, 32, 79	SYNNOTT, A.....	4
FRANÇA, J. A....	34, 36, 45, 50, 58	TEIXEIRA, M. B. G.....	39, 40, 45
FRANZINI, E.....	11, 15, 16, 18, 19, 28, 29	TORGA, M.....	29
GARRETT, A.....	89	VIGARELLO, G.....	4, 12, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30
GUEDES, N. C.....	27, 39		

[Apêndice I]

Novelo de cordel

Antologia

Critério de edição. Observação geral:

Fizemos uma transcrição fiel do original. Actualizamos apenas o indispensável à inteligibilidade dos textos, na pontuação e na grafia. Também recorremos a imagens de rosto para ilustrar a apresentação dos sobreditos, de modo a tornar a lição mais fácil e atractiva.

ASSEMBLÉA

CURIOSA,

E

OBSERVADOR

ACADEMICO,

DISTRIBUIDA EM FOLHETOS

PARA UTILIDADE

DOS CURIOSOS.



LISBOA:

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO DE M.DCC.LXXXVIII.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral,
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*



**Assembleia curiosa e observador académico, distribuída em folhetos para
utilidade dos curiosos**

Lisboa: Oficina Simão Thaddeo Ferreira, 1788.

Sobre as modas

Na verdade, confesso que não sei se o mundo foi sempre, em todos os tempos, o mesmo, ou se tem mudado no presente século de natureza. É esta uma questão “difícil” de decidir. Mas por algumas observações que a este respeito tenho feito, quase que posso seguramente dizer, que ao menos nos costumes tem variado muito o Mundo, ou os homens que o habitam. Para estabelecer por certa e quase infalível esta resolução, basta olhar para a grande variedade, que a cada passo se encontra nisto a que ordinariamente se chama “Moda”, porque já nenhuma condição que seja usa para seu adorno de coisa, que lhe esteja bem ao corpo ou ao semblante, que não seja da forma que se costuma.

Tudo do antigo, ainda que seja rico, e excelente, ou se despreza, ou se desmancha: ricos adereços de pescoço e orelhas, excelentes jóias e muitas outras peças, com a recomendação de que se faça uma e outra de mais aparato e de melhor gosto, porque o que se manda desmanchar já se não usa, com o que se vêm a ter dois prejuízos, que são os feitios que custaram os primeiros, e os outros mais excessivos, que custam os segundos. E tudo se sofre porque é moda.

Tenho observado pessoas de ambos os sexos, umas com certas cabeleiras e outras com um género de adornos na cabeça, que parecem figuras esquisitas pela grande oposição. Que cada coisa no seu género tem com o semblante de cada um, quando de outra forma trazendo o que concorda com o seu parecer, fariam outra vista muito diferente. Mas é tão poderosa esta ideia da Moda, que até parece vence o amor-próprio que devia puxar para cada um se fazer mais agradável à vista dos outros.

A coisa que melhor descobre a pequenez do nosso espírito é a sujeição que temos às modas, quando se estende ao que pertence ao gosto, ao modo de viver, à saúde e à consciência. Esta ou aquela iguaria se acha desterrada das mesas porque não é moda

e, sendo até agora excelente e boa, porque não está em uso perdeu o gosto e já é insípida e desagradável. Seria pecar, presentemente, contra a moda, se pretendêssemos sarar da febre sem ser por meio da sangria. Seria um defeito contra a moda, se cada um cuidasse exactamente de pagar a seus credores, deixando de fazer algumas despesas supérfluas e inúteis só porque é moda. Fazerem-se, finalmente, por se não queixar da moda, até cada um vive como quer, e não como deve e é justo.

O certo é que há também homens da moda. Um homem da moda é um de muito pouca duração, porque toma em si a mesma natureza das modas, e nem sei que estas sejam por muito tempo permanentes. Mas com esta diferença, que se é de pouco merecimento, e que dessa se deve fazer pouco cabedal, em breve tempo passando a moda da sua estimação, porque intrinsecamente não tem valor algum, fica no estado do desprezo e de tal sorte aniquilado, que posto a um canto ninguém para ele olha.

Mas o que é homem de merecimento e de virtude, este nunca se aniquila, e se despreza de todo, porque sempre subsiste em alguma parte e por algum respeito, pois a exterioridade da moda, com a qual se acha menos precisado, não passa de todo por ele, por haver ainda muita gente que estima o bom pelo que é, sem respeitar o costume, nem atender as modas. É igualmente estimável, ainda que por agora se não estime tanto, quanto merece ser estimado. Tem a virtude, a felicidade de bastar a si mesmo, porque pode muito bem passar sem quem o admire, sem ter partido e sem ter protectores. A falta de apoio e de aprovação não somente não o ofende, mas o conserva, o apura, e o faz de cada vez mais perfeito, ou esteja em moda ou fora de moda, nunca deixa de ser virtude.

Mas, já que passamos de uma moda para a outra moda, isto é, da moda das coisas para a moda das pessoas, será preciso discorrer com mais alguma força. É muito para admirar ver como um homem, que quer fazer alguma fortuna neste mundo, há-de torcer seu próprio génio e revestir-se das condições que não tem para conseguir o seu premeditado fim, por ser muito diferente a qualidade dos homens que se estimam, somente porque está em moda a qualidade que se pretende.

Se dissermos aos homens que um fogueteiro tem muita virtude, logo ouviremos dizer, pois se tem virtude, que a guarde, que é um homem dotado de espírito e de engenho agradável e divertido nos limites da modéstia e da discrição. Logo respondem: “muito bom será para ele, que tem um bom juízo, muito cultivado, que sabe muito e que é bem instruído”. Nesta prática mudam folha perguntando, ou que horas são, ou que

tempo faz, ou que outra coisa de semelhante natureza, por se não verem obrigados a fazer caso de semelhante homem.

Mas se dissermos que outro homem tem qualidades em tudo muito opostas e contrárias a estas, logo se ouve dizer: “tomara ver esse homem”, e fazem todas as diligências para que seja conduzido à sua presença, recebe favores, consegue a boa aceitação e prontamente é admitido na sua familiaridade, porque tem as circunstâncias que estão em moda, e que se acha com as qualidades do estilo novo.

Contudo, porém, não posso deixar de dizer, que uma destas pessoas da moda é como aquelas ervas inúteis, que nascem por si mesmas nas sementeiras, onde sufocam as espigas, diminuem a colheita e ocupam o lugar de alguma coisa melhor e útil, que não tem outro preço, nem bondade mais que aquela que recebem de um capricho ligeiro, que nasce e cai quase no mesmo instante. Hoje se vê elevado, todos o estimam, consegue estimações e aplausos, mas passando também por ele a moda, em breve tempo se vê desprezado, desfavorecido e entregue ao riso do povo. Mas enquanto não passa a moda, ele vai passando muito bem, e melhor que os outros, que é o que lhe importa.

Pelo contrário, uma pessoa de merecimento, ainda que não seja da moda, é uma flor que se não distingue pela cor, mas sim que se chama pelo seu nome, que se cultiva pela sua bondade, e pela sua fragrância. É uma das graças da natureza, uma das coisas, que fazem vistoso o mundo, que é de todos os tempos e que é de uma moda antiga, que nossos antepassados estimaram muito e que depois deles também devemos estimar. É um lírio ou uma rosa, a quem a displicência, ou antipatia de alguns lhe não poderá fazer a sua intrínseca estimação, ainda que a moda não consinta o adorno de semelhantes flores.

Finalmente, para tornarmos ao nosso principio, já que dele nos apartamos insensivelmente, apenas uma moda tem destruído outra moda, que se acha da mesma sorte arruinada por outra mais moderna, que também há-de ceder à outra que se lhe seguir, a qual certamente não há-de ser a última. Tal como isto é ligeireza dos homens. Com estas revoluções passa um século, que pôs todas estas aparências na classe das coisas passadas e que já não existem, e a moda então mais curiosa e que dá mais gosto à vista é a que for mais antiga. Ajudada, esta, do tempo e das idades, conseguirá a mesma estimação, porque perdendo-se a memória de seu uso, aparece outra vez no mundo como coisa nova. E eu, se fora pessoa de cabedais, e pudesse ter esperança de uma

dilatada descendência, para poupar as despesas que levam estas negregadas¹ modas, deixaria vinculadas todas as minhas alfaias, e mais preciosos adornos e ornamentos que tivesse, e os que não fossem sujeitos a uma corrupção fácil, para os meus vindouros usarem delas depois de passados cem anos. Porque nesta revolução de tempo, estavam já providos daqueles trastes, que hão-de principiar então a ser outra vez moda, porque discorro que isto de modas tem um curso periódico, que de cem em cem anos torna todo o passado a aparecer como novo, e recebe um uso de novidade, como se fosse invenção do presente.

Ultimamente, não posso deixar de confessar, que estas modas assim como são úteis por alguns princípios, são também prejudiciais por outros muitos. O particular se utiliza, o comum se arruína e destrói. Algum dia quando era moda a conveniência e não a vaidade, ficavam as viúvas e órfãos mais bem acondicionados na falta de seus maridos, e pais: porque me lembra contar certo escrivão dos órfãos antigo, que nos seus princípios, fazendo-lhe inventário dos bens de algum oficial mecânico, iam ao rol para partilha alguns púcaros de prata, cordões de ouro, cadeados de aljotares,² memórias de ouro, roupa branca e muito poucos vestidos, com o que não ficavam os filhos nus, porque o inventário era de substância, segundo a sua qualidade. Mas depois que pegou a peste das modas e se fez contagiosa ainda para o comum, nos inventários que fazia, apenas se achava um móvel da primeira espécie; e tudo eram capas de recortados, mantilletes, roupinhas, lenços de pescoço, aventais; que posto no meio da casa, era uma feira da ladra, de sorte que com tanto vestido ficavam todos sem ter que vestir nem comer.

Agora, digam os apaixonados das modas: Qual destes dois estados é melhor, se é o da moda ou do estilo antigo? Resolva cada um para si o que quiser, que eu se tivesse família, faria o que entendo, e o que não digo.

¹ Infaustas, trabalhosas.

² Pequenas pérolas verdadeiras das ostras.

20
NOVA
SATYRA

AO FORMIDAVEL

CHAPEO,

^E
ANQUINHAS

QUE APPARECERAÕ NO PASSEIO DO

CAIS GRANDE,

E A BULHA QUE TIVERAÕ OS APAIXONADOS
DE AMBOS OS

THEATROS.



LISBOA

NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

M. DCC. LXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros.

II

Nova sátira ao formidável chapéu e anquinhas que apareceram no passeio do cais grande e a bulha que tiveram os apaixonados de ambos os teatros.

Lisboa, na oficina de António Gomes. 1789

No quente mês a que se deu o nome Agosto,
Indo eu ao cais da praça onde o busto
Do rei José primeiro está montado
Num soberbo e arrogante figurado
Cavalo, que parece estar marchando
Com aquele pai da pátria memorando:
Numa tarde “calmosa”, insuportável
Sem que Favónio¹ respirasse afável;
Já quando Febo² trilha com os Ethontes
Lá para os subterrâneos horizontes;
E quando suportar ninguém podia
Ao imundo fedor da maresia;
Finalmente, naqueles intervalos,
Vinham *madamas* de faustoso asseio
Recrear-se dengosas a passeio.

De todas as nações ali concorrem
Afectados *messieurs*, que em vão discorrem:
Qual traz airoso, fugitivo fraque,
Com famosos escudos de *tambaque*.³
Qual o crespo topete com polvilhos,
Todos seguindo da ignorância os trilhos,

¹ O vento do Oeste, filho de Astreu e Eos. Também conhecido por Zéfiro, na mitologia grega. Geralmente indica uma brisa agradável e próspera, embora no texto se reclame falta dessas tedências.

² Epíteto de Apolo, Deus “da divina distância”, da beleza, da harmonia... Filho de Zeus e Leto, conhecido pela sua capacidade de iluminação e julgamento.

³ Talvez referindo-se a “tambaqui”, um peixe escamoso, de nome científico “*Colossoma Macropomum*”. A comparação dever-se-ia à rugosidade dos acessórios, com textura comparada às escamas.

Um com cutelo à cinta, que desbanca
Aqueles a quem chamam de obra branca.
Outro vem com calções açafreados,
Sapatos de castor, de dois passados,
Nunca deixando alargatadas meias,
Inda que em todo o extremo sejam feias,
E as fivelas, que ainda que eu quisera
Riscá-las como o círculo da esfera,
O maior compasso não podia,
A cópia descrever. Nem eu havia
Na descrição parar, vendo o chapéu
Que deixa de se opor à luz do céu;
Porque d'abas faminto, e imperceptível,
Quase que tem virtude de indizível!

Tornam pigmeus chapéus a andar na tola,
E torna o povo a manquejar¹ da bola:
Agigantados foram já, porém
Não serem, hoje, grandes lhes convém.
Talvez procurem nisto a união:
Neste tempo haveria mais razão;
E como hoje andam as cabeças ocas
De francesismos empestadas, loucas;
Com justa causa os pesos reviraram
Das cabeças aos pés, onde firmaram
Alicerces de prata desmarcados
Por não serem dos ventos derrubados.

Eu acho-lhe razão, porque uma vez
Vi um corpo aerostático, francês
De um forte vento ser arrebatado,
E foi cair no longo mar salgado;

¹ Coxear. Neste caso aplica-se a expressão “manquejar da bola” no sentido de “enlouquecer”.

Porque um destes senhores todo é ar;
Leve no fato; leve no pensar;
Leve nos passos; leve nos vinténs!...
Mas onde, juízo, te deténs?

Por este lado vejo mil *Madamas*
Com roupas altas por temerem lamas...
Mas não foi mal constante, não senhor,
Disto é causa o grandíssimo calor.
Que a estação do tempo mesmo pede
Que a gente o fato seu de si arrede.

Se acaso vou passar por esta banda
Outrem este caminho me demanda,
O corpo viro, e vou para acolá;
Mas um, que caminhando vem de lá
Muito veloz da fala, bola e pés
Me empurra para trás. Torno outra vez
A caminhar aqui por esta parte;
Porém outra *madama* com tal arte
Vem figurando o mal de hidropezia,¹
Que ao perito Boerhave² enganaria.
É mal mui folgazão, gosta de largas,
E por isso anda solto nas ilhargas.
É mal que ainda às meninas delicadas
Faz de repente gordas e anafadas;
Porém, isto é vestidas, que na cama
Torna-se magra e tísica a *madama*.

Mas como ia contando: A tal francesa

¹ Síndrome que ocorre nos peixes, quando com retenção de líquidos, o que resulta num inchaço abdominal, com consequências adversas para todos os seus órgãos.

² Boerhaave (1668-1738), humanista, médico, anatomista e botânico neerlandês, que muito se destacou nas áreas em que exerceu funções.

No exterior, *in totum*,¹ portuguesa
Vinha com tal chapéu, que foi preciso,
Que me abaixasse logo de improviso
Para passar o tal senhor cometa,
Que só a sombra me deixou pateta.

Mas, enquanto admirado fico olhando
Da chapeleta o vulto venerando;
De *peraltas*, um grande turbilhão,
Qual furioso, rápido tufão,
Sem eu querer, do cais me deita fora.

Lá me fica o chapéu! Minha senhora,
(Que não sei se é chapéu, ou chapeleta)
Se acaso for doméstico planeta,
Já que tanta grandeza em si descobre,
Influa. Faça rico um triste pobre;
Que se fizer que eu venda os meus papéis,
Um presente lhe faço de pastéis.

Assim, com vozes tristes suplicava
Ao tremendo chapéu, que passeava
Na confusa Babel, ou novo cais,
Onde vai crescendo mais e mais
O montão dessas gentes ociosas,
Umas modernas, outras muito idosas;
Umas lânguidas, ternas, desmaiadas,
Outras já carcomidas, mas pintadas.

Uns vêm muito completos, outros sujos;
Uns são *peraltas*, outros são marujos.
Enfim, um solapado formigueiro,

¹ Do Latim, significando “na totalidade”.

Que arromba o cuidadoso fazendeiro,
Umas saindo, outras logo entrando,
Outras por cima vão trepando,
São retratos fiéis e originais
Do grande ajuntamento ali do cais.

Mas eis que encontro um bando de *tafues*¹
Com fraques verdes uns, outros azuis,
Disputando raivosos altamente,
Em qual dos teatros é melhor a gente,
Que representa, toca, dança e pinta.

Uns dizem: que a dos Conde se requinta,
Outros, que a do Salitre leva a palma,
Outros, que ambas são corpos, mas sem alma.

Razão daqui, resposta de acolá.
Tem daqui, tem dali, e tem de cá;
Mas como vão crescendo as sem razões,
Entram-lhes, a apinhar, os cachações.²
Qual puxa pronto o virginal florete,
E dez mil furos pelo vento mete,
Qual traz à luz, do ventre da bengala,
Um estoque.³ Porém, como uma bala
Em vez de se defender ali a honra
Foge sem se lembrar o que é desonra;
E quando já de longe se resguarda
Grita: O'lá sentinela? Ó'la da guarda?

Qual enxame d'abelhas, que inquieto,
E revolvido foi por indirecto

¹ Ou “tafuis”, aqueles que gostavam de festas e jogo, os *casquilhos*, extravagantes, janotas.

² Bêbados.

³ Derivado do francês “estocade”, uma espada comprida, ou até do italiano “stocco”, arma mais curta do que a espada, mas mais pontiaguda.

Rapaz, que alvoraçado vaga aos murros,
E elas, o ar fendendo com sussurros
Os voos vão seguindo a abelha-mestra;
E qual veloz, qual mais sagaz e destra
No tolo vai pregar o seu ferrão;
Assim da guarda um pronto batalhão
Correndo vem caladas, as baionetas,
E circulando o rancho dos patetas,
Vozes se escutam: Cerca; ó lá? Tem mão.
Alto senhores: Aquietar...senão...
Assim o esbelto oficial dizia
Que aquele corpo bélico regia:
Que motim, que desordens foram estas?

Eis que responde um *chibante*:¹ Temos festas?
Pois eu lhe ponho tudo em limpos pratos:
Vinha eu a conversar com estes patos
Sobre o teatro que nos dá mais gosto,
Quando aqui o senhor de largo rosto,
Com vestido bordado de gordura,
E presunções de sábia criatura,
Quis negar o louvor e a primazia,
Que, sem ser injustiça, se devia
Ao pasmoso teatro cá debaixo.
Porém, senhor, custou-lhe o “desencaixo”;
Que por louvar a casa do Salitre,²
Aqui mesmo lhe dei um bom alvitre.

Mas perguntando-lhe agora o militar:
Vossa mercê é homem de ganhar?
De que vive? Tem trato ou benefício,
É de feitos fiel ou tem ofício?

¹ Alguém muito vaidoso, que usa roupas da moda, bastante caras e pomposas.

² O que contem sal. Substância salina. Nitrato de potássio.

Responde-lhe o basbaque: Não senhor.
Eu, de sardinhas, sou contratador,
De arenques, escalado e peixe-agulha.
Então porque motiva tanta bulha?
Lhe retruca o aluno de Mavorte;¹
Mas com estilo já ríspido e forte.

E perguntando a outro que ali estava
A ocupação de que se sustentava,
Respondeu, que em fazer alguns recados
Via assim, de algum modo, compensados
Os seus passos, fugindo à fome feia,
Que nos ociosos inda mais se ateia.

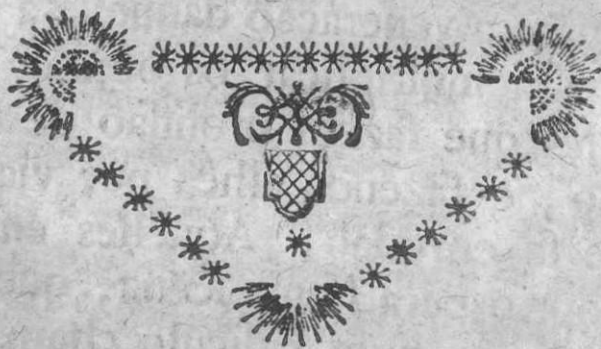
Os mais lhe dizem: Nós somente o jogo
Nos sustenta. Eis responde: Bravo! Logo
Vossas mercês terão destino certo;
Que dali a perderem-se estão perto.
Porém eu, que de agora seu amigo
Me confesso, vou dar-lhe pronto abrigo:
Senhor cabo de esquadra, estes senhores
Vejo que são uns honrados maganões,
Que podem vir a ser uns vis ladrões;
Mas o céu quer que eu tenha humanidade
Prendendo com grilhões a ociosidade.
Leve-me estes indignos malcriados,
Presos, ao general para soldados;
Que evitamos, assim, de haver vadios,
*Madres e hydras*² de tantos desvarios.

¹ Ou Marte, Deus da Guerra.

² Segundo o *Novo dictionário das línguas portugueza, e franceza...com os nomes próprios das nações, dos reinos, das províncias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, etc* (1764), a “hydra” é um “género de cobra, tão peçonhenta, como formosa à vista (...) de ordinário vive na água e nos charcos”.

1/2
BIBLIOTHECA PUBLICA
1833

CARTA,
QUE ESCREVEO HUM
FILHO A SEU PAI,
EM REPOSTA DE OUTRA;
EM QUE SE DESCREVE O RIDI-
CULO TRAJE
DOS
PERALTAS:
PARTE PRIMEIRA



LISBOA, M. DCC. LXXI.

Na Officina de CAETANO FERREIRA DA COSTA.
Com licença da Real Meza Censoria.

III

Carta que escreveu um filho a seu pai, em resposta de outra; em que se descreve o ridículo traje dos peraltas: Parte Primeira

Lisboa: Oficina Caetano Ferreira da Costa, 1771.

Pai e senhor: Eu me vi assaz perplexo com a sua carta. Vendo, depois de venerar como era justo, conselhos tão acertados, como os que V. m. nela me dirige, na verdade, os mais conducentes para entreter aquela civil sociedade, que tão precisa se faz entre os mortais, eu fiquei, digo, perplexo e confuso, vendo que V. m. me dá o título de peralta, quando o meu modo de viver e costumes em nada se conformam com os daqueles a quem nesta corte se atribui semelhante alcunha. Com ela distinguem aqueles que pela dissolução da sua vida, altivez do seu trato, extravagância do seu traje se fazem a todos reparáveis, aqueles que, em outro tempo, tiveram as denominações de: *casquilhos*, *bandalhos*, *peralvilhos*,¹ etc.

Aqueles zelosos e contínuos cultores da Deusa Gaudiosa, que seguindo com as acções as máximas épícuras, propõem-se por única felicidade o passar o breve tempo da vida, que só deviam empregar ao serviço do rei e da pátria, em divertimentos, jogos, assembleias, teatros, praças, músicas e templos, não para veneração daquele a quem são consagrados, mas para multiplicar os objectos do seu divertimento. Aqueles que fazem profissão de viver sempre à custa do trabalho e fazenda alheia por via dos repetidos calotes em que se enredam. Aqueles, enfim, cujo adorno, mais próprio para uma cena, que para andar entre gente, se reduz a um ridículo chapéu, que de tal só o nome e a copa conserva. É verdade que para os contentar e suprir-lhes a falta das abas, de que totalmente carecem, lhes embutem uma chapa redonda muito desmarcada, a que chamam botão, uma presilha com semelhança de calabrês d'alcatruzes, um arame grosso, que lhe deixe o que algum dia foi bico feito boca de funil. Compõem-se d'um célebre penteado, a que chamam *alagré*, ou de *poupa*, porque iguala a da mais alterosa nau, e de murros, pelos muitos que na penteadura levam dos cabeleireiros, que assim se vingam da falta de paga que experimentam. Consiste esta esquisita composição de

¹ Alguém com pretensões exageradas de elegância e vaidade. O mesmo que “peralta”, “janota” ou “casquilho”.

cabelo em dois caracóis, anéis, ou crespos, que o maior repolho de uma horta capucha é nada à vista deles, e porque receiam aparecer com cara descoberta com esta e com as mais deformidades, puxam artificialmente pelo penteado até ao meio das faces, ficando assim escondidos naquela densa mata.

Também se lesam em meia arroba de estopa e em uma peça de fita preta, de que compõem um tal e tão grosso rabo ou chouriço, que mais parece trança, a qual lhes chega a fustigar as pernas, servindo-lhes assim d'ãoite.

Mais um lençol dos maiores, que enrodelham no pescoço, ficando com ele tão disformemente inchado, que parecem por ali mais grossos que na barriga, que conforme as regras da peraltice rigorosa deve andar vazia sempre. Depois, tem por obrigação andarem desabotoados continuamente, ainda que o nordeste contra eles afie os mais activos sopros, desacomodo a que se sujeitam, para mostrarem a todos que tem renda, não na bolsa, porém na camisa.

A casaca deve ter uma meia dúzia d'algibeiras, dispostas por andares, umas sobre as outras, e de cada uma delas deve andar pendurado um trapo pintado de labirintos e, terão cuidado de nunca puxar por ele para não lhes publicar as mazelas, pelo que será bom trazê-lo pregado com um alfinete. A vestia deve ter as abas tão curtas que não cheguem a ter três dedos d'altura. Deve, contudo, andar metida debaixo dos calções e o pano que daquela se poupa, com alguns côvados mais, serve para fazer os cox desta, que deve ter largura que acomode umas poucas de dúzias de botões e casas, e juntos estes com os que deve ter pelas ilhargas até acima, vem a levar mais do que a mesma casaca. As tal e a vestia devem, infalivelmente, no Inverno, ser forradas de felpudas peles, com que se assemelham com muita propriedade aos brutos, cujas peles trajam e cuja irracionalidade imitam.

As meias hão-de ser de textura tão laça e transparente, que possam servir de rede de camarões. Quem unicamente faz fortuna com semelhantes sujeitos são os sapateiros, que lucram meio por meio da moda de calçado de que eles usam, de tal sorte que lhes chega facilmente para dois pares de sapatos o couro que até então se gastava num só par, ficando aqueles com esta poupança tão acanhados, que a não ser com algum telescópio será muito difícil divisá-los. Têm porém a comodidade de poderem descalçar-se e calçar-se sem primeiro ser preciso alargar as fivelas para esse ministério. São obrigados a usar d'um espadim ou florete de duas argolas, e ainda mais fossem, seriam poucas para eles, que tanto precisam delas. E d'um relógio que nas cadeias traga

um enfiada de campainhas e chocalhos, que de longe os faça conhecidos, bem como a uma cobra-cascavel, que pelo guizo se pressente.

A estranhável extravagância de tudo o que fica dito tem dado assunto às invectivas de algumas pessoas, que sem paixão à consideração, não sendo a menos engraçada a seguinte proposta em um romance, feito por modo de diálogo entre um pai e um filho, que há pouco tempo me chegou á mão:

Romance

Quem são uns, meu pai, que eu vejo,
Com tal modo e tal feitio,
Q'entre os mais, sua figura
Só serve d'espanto e riso?
Andando muito afectados,
Pelas ruas aos saltinhos,
Querendo mostrar a todos
Que são belos dançarinos?
Que trazem seu chapéu
Pelos cantos tão comido,
Que sem trabalho, a copa
De toda a parte a diviso?
Que trazem nele um botão,
De vulto tão desmedido,
Que julgo a marca seria
A pedra d'algun moinho?
Que do cabelo os canudos
Trazem em grande desvio,
Cada um ainda maior
Q'um requeijão bem crescido?
Que nas costas pendurado
Trazem um forte rabicho,
Com três palmos de grossura,
E alguns trinta de comprido?
Que no pescoço, enrolada,

Segundo o que bem distingo,
Eu apostarei que trazem
A vela d'algum navio?
Que trazem uma casaca
Por tão galante feitio,
Que o que falta nos canhões
Tem os claros de comprido?
Com trezentas portinholas,
Com trinta mil escaninhos,
Com os quais a todos mostram
A sua falta de siso?
Que da vestia um só bocado
Eu apenas lhe diviso;
Pois o grande cós das calças
Tem o mais resto escondido?
Um espadim com mil fitas
Trazem por um modo lindo,
Tão pendurado em argolas,
Q'aos joelhos anda unido?
Um relógio, também, trazem,
Com tais dengues,¹ tais bonitos,
Que d'um capelista a loja
Não ter tantos imagino?
Enfim trazem uns sapatos
Tão célebres, tão esquisitos,
Que para lhe ver o couro
Um microscópio preciso?
Todas estas coisas, ele,
Inda bem, não tinha dito,
Quando o pai sábio e prudente,
Assim lhe diz: Meu bom filho,
Todos esses que tu vês,

¹ Manhas, melindres.

Que bem me tens referido,
São *peraltas*, que há algum tempo,
Se chamaram *peralvilhos*.
Esse chapéu que lhes vês,
Com um botão tão desmedido,
De tal tamanho e tal peso,
Com razão lhes foi preciso.
Pois entenderam que o vento
Os levasse, como infiro,
Por esses ares. Pois andam
De miolo tão vazios
Esses *bugres*,¹ que assim trazem
Em tudo tão desunidos,
São para as grandes orelhas
Lhes darem franco caminho.
Se imaginas ser cabelo
O grande chicote, é delírio.
Pois eles só se compõem
D'estopa, trapos ou linho.
Esse pescocinho grande
É, e com razão to digo,
Para encobrir as mazelas
Do pescoço e colarinho.
Com esse traje que vestem
Bem se fazem conhecidos,
Não por sérios, nem por graves
Mas por asnos e vadios.
Se cuidas, trazem relógio,
O maior engano é isso,
Que esse molho de cadeias,
Com chocalhos, com brinquinhos,
Costumam esses *peraltas*

¹ Plural de “bugre”, alguém herege e/ou depravado.

Trazer, por modo bonito,
Ou preso d'uma cebola,
Ou n'algibeira cozido.
Enfim, todo o mais adorno
Destes grandes peralvilhos,
Como ao mais é humilhante,
Não me canso a referir-to,
Só te digo que abomines
Esses trajes, tais *casquilhos*,
Pois de todos, geralmente,
Se fazem aborrecidos.
E só cuides em servir
A Deus e ao teu rei, com brio.
E também servir à pátria
Com o desvelo que é preciso.
Pois, assim ficarão todos,
Com diferença conhecidos:
Tu por um bom cidadão,
Eles por tolos indignos.

Este é o carácter das pessoas a que nesta corte se dá o título de *peralta*; o qual V. m. me manda. Junto com as suas maduras e estimáveis advertências, na sua carta, em cujos termos bem se manifesta, que ou lá se forma ideia totalmente diferente da significação deste nome, ou V. m. trocou o sobrescrito, que aparentemente não condiz com o contexto da carta, a qual fica muito impressa na minha memória, para dela me aproveitar, fazendo-me assim digno da sociedade civil e ocupando-me utilmente no serviço da república, único e verdadeiro emprego de um homem, que deseja ter reputação entre os mais e viver com aquela decência, honra e probidade que é devida.

Deus guarde a V. m. por dilatados anos como desejo.

20

NOVO ENTREMEZ
INTITULADO
A RECEITA
DE SER PERALTA
OU DE CASQUILHARIA POR FORÇA

IV

**Novo entremez intitulado: A receita de ser peralta ou de *casquilharia* por
força**

Lisboa: 1787

Fabício (pai de Roberto e de Jacinta)

Jacinta

Roberto

Felizarda (criada)

D. Policarpia

Gervásio Silbo

Marçal (um galego)

Um mestre de florete

CENA I

Fabício, Jacinta, e depois, Roberto

(Em casa de Fabício)

Fab. – Concertai-me esta cabeleira e ponde-me o pescocinho que quero ir para a alfândega.

Jacin. – Meu pai, ainda é muito cedo. Coma primeiro alguma coisa, que está a manhã muito fria, e então irá...

(Para a criada) – Felizarda! Felizarda!

Feliz. – Senhora.

Jacin. – Vai assar num instante um bocado de lombo para o pai almoçar antes que saia para fora!

Fab. – Não dizeis mal minha filha, porque como não dormi esta noite estou muito moído. Onde está o Roberto?

Jacin. – Ele estava no seu quarto, e ainda agora procurou por V. m. para lhe tomar a bênção.

(Para a criada) – Felizarda vai fazer o que te digo. E tira uma garrafa de vinho e põe logo a mesa!

Feliz. – Eu vou correndo, e daqui a pouco pode vir o senhor.

Rob. – Vinha dizer a V. m. que não saísse tão cedo, que está a manhã frigidíssima. Dê-me a sua bênção.

Fab. – Ora eu fiz-lhes, a vocês, a vontade em os levar à função¹ de sua filha, porém uma vez o fiz e cento me arrependi. Perdemos uma noite sem que, nem para que.

Rob. – Não, a função esteve bonita e aproveitou-se bem a noite.

Fab. – Tu chamas aquilo aproveitar a noite e eu chamo-lhe destruí-la. Ainda estou tonto com o que lá vi. Filhos, vai-se perdendo tudo. Estas modas que os portugueses afectam, demasiadamente; e as mulheres ainda mais, fazem um luxo diabólico, que destroem as casas; consomem o dinheiro que era para sustento delas, e enfim, fazem uma desordem.

Jacin. – Mas V. m. bem viu, que eu, fui com toda a compostura, sem nada de affectação.

Fab. – E deitaram-vos fora? Não fizeram de vós muito caso? E quantos haveria que gravassem o vosso *frenteado*² sem caraminholas?

Rob. – É verdade que lá estavam algumas cabeças importantes.

Fab. – Eram tantas as donas sirigaitas que fiquei azoado, porque lhes conheço melhor do que vocês a árvore de geração. E que me dizem da vossa prima Silveria, com uns apanhados que parecia daqueles *Anjos de Nuvem de Teatro*? E quando saiu a

¹ No sentido de “festividade” ou “evento social”.

² Refere-se à imagem que apresentavam.

dançar, cuidei que era um cavaleiro de praça de touros, com cocares e dragonas de fitas. Enfim, é uma miséria!

Jacin. – Não há dúvida que estava *demasiada*.

Rob. – Também a prima Quitéria tinha um toucado despropositado.

Fab. – Minha irmã tem asneado muito com os enfeites das suas filhas depois da grande amizade de D. Policarpia, porém, lá tem seu pai que as governa.

Jacin. – V. m. reparou nos caseados novos da prima Silveria?

Fab. – Eu não tomo sentindo nessas coisas senão por demais.

Rob. – Pois são umas cadeias de nova invenção, são de trancelim de retrós com seu ouro tecido e borlas que custam mais do que umas de aço.

Fab. – E já as suas primas tem essa novidade?

Jacin. – Só Silveria e D. Policarpia é que lá tinham as tais cadeias.

Fab. – Tomara que me dissessem que crime fez aquela pobre seda dos vestidos para a irem arrastar? Até agora eram os vestidos das viúvas antigas. Há maior desatino?

Rob. – V. m. não reparou em uma D. Fortunada, que ficou ao pé da tia?

Fab. – Sim, uma que tinha mais de vinte penachos sobre o “*tombório*” de *Maфра*.¹

Jacin. – Não senhor, era uma que tinha um vestido cor de goivo.²

Fab. – Ah, já sei que tinha pelo cabelo acima uma enseada de *lancedos*?³

Jacin. – Justamente, era uma altura desmarcada de poupa e tão cheia de flores e fitas como uma laje de capela..

Fab. – Quem era aquele badameco que dançou um minuete aos pulinhos com muitos tremidos de pernas e que trazia uma toalha de mãos em lugar do pescocinho?

Rob. – Era o Silvestre, um rapaz que tem grande presunção de dançar.

Fab. – Parecia-me coisa feita de azougue pelo que bulia com braços e pernas.

Rob. – É muito presumido e afectado.

Fab. – Eu não podia suportar o juízo quando via a cabeça de D. Policarpia, com um filho que tem vinte anos, a ilharga, e com trezentos salsichões dependurados no cabelo, e dois paios de cabelo de vide atrás das orelhas. Ainda que a gente não queira há-de murmurar por força. E o marido ali para um canto com um semblante angustiado, chorando. (*Ri-se muito*) Estas *asnidades*, é capaz de se fazer delas um entremez!

¹ Referindo-se, provavelmente, ao zimbório da torre-palácio de Maфра.

² Flor de um arbusto, que geralmente branca, de início, mas que logo se torna lilás.

³ Laços, enfeites...

Rob. – Eu julgo que ela aqui vem logo, pelo que me disse o filho.

Fab. – Também eu logo venho para casa, que não lhe quero dar lugar a meter-vos na cabeça algumas parvoíces de modas como é o seu costume. (*Vai-se*)

Jacin. – O pai pela-se com medo de D. Policarpia.

Rob. – É por extremo afectada e o Gervásio é uma miséria. Eu não desgostava das modas mas quero fazer a vontade ao pai que tem razão com muitas coisas.

Jacin. – Deixa-me ir pôr-lhe a cabeleira e o pescocinho.

CENA II

Roberto, Gervásio, Marçal

Ger. – Venho pedir-te um favor, Roberto.

Rob. – Se for coisa que eu possa estás servido.

Ger. – Queria dar aqui, nesta sala, dois ou três dias lição de florete, porque temos lá carpinteiros e esta casa é boa e não te fará isso *discomodo*,¹ e se quiseses também tomarás lição.

Rob. – Eu não disponho nada sem dar parte a meu pai, mas eu vou ver se ainda aí está, porque ia para a alfândega, e se, trago já a resposta.

Mar. – Com que vossa mercê quer agora aprender a matar gente!

Ger. – É bem ópio, pois qual é o homem prendado que não sabe florete?

Mar. – Quantos os que eu conheço e que lhe tomara a *chepa*, que nunca em sua vida brigaram.

Ger. – Mas se brigarem vão certificados, porque em se lhe fazendo uma finta pregam-lhe dois botes de terça ou de quarta que os mandam para o outro mundo.

Mar. – Esteja *quedo* não vai a matar gente. Vossa mercê há-de ser *rixe* pela folha o que o matara de mosquitos as estocadas.

Ger. – Não estou para te sofrer, se és tolo eu não tenho culpa disso.

Mar. – Vossa mercê, pelo que vejo, entende bem dessas coisas.

Ger. – Esta casta de prendas não é para galegos.

Mar. – As *buchobas* eu o *demo* se como quatro murraças eu não lhe dava cabo da pele.

Ger. – Em eu sabendo dar quatro botes, mando para toda a geração dos galegos.

¹ Incómodo.

Mar. – Grande valente se perdia em vossa mercê, mas tomara eu por minha a terra que lhe havia de fazer trilhar com as *gambeas*.

Ger. – Aos murros serias tu mais forte do que eu, mas com um florete na mão eu te faria a caridade.

Mar. – *Má ochas* se eu lhe fugira sem nada nas unhas. Que só com quatro socos o faria meter as pernas, o potro.

Rob. – Lá falei ao pai e diz que sim, como é por três dias que está a casa pronta.

Ger. – Belo belo, pois então manda o Marçal que dê recado ao mestre de florete e que lhe ensine onde há-de vir, e que lhe diga que venha logo porque minha mãe vem cá para me ver dar lição.

Mar. – Que vá eu lá agora? Nunca lho cante, *num ai* pinga de *aiagua* em casa é melhor ir buscá-la para se beber do que chamar gente para brigar.

Rob. – Podes ir de caminho quando fores para o chafariz, ora faz isso meu Marçal.

Mar. – *Entonus* que *digerei* eu ao tal mestre?

Ger. – Diz-lhe que venha aqui a casa do senhor Fabrício e que traga os floretes.

Mar. – Se ele quiser virá, e senão lá se avenha. (*Vai-se*)

Ger. – Então Roberto que tal dancei eu ontem à noite? Que te pareceu aquele minuete da corte?

Rob. – Muito bem.

Ger. – Também tu não dançaste mal aquele minuete com tua prima Quitéria mas teve o defeito de te não afectares nada. É preciso, quando deres a mão, fazer este ar de braços. Olha para mim...assim...que esta é a última *francoisa*, e deves também fazer naquele passo do canto, em lugar de balancé uma pirueta nas pontas dos pés...toma sentido, faz a pirueta roda.

Rob. – Eu acho que o minuete é uma dança séria e não deve ser afectada.

Ger. – Isso é *antigualha* do tempo das adagas! Olha que minuete que dançou Silvestre, e que figura pintada com aqueles passos batidos e aqueles joelhos que parecia que tinham machas-fêmeas!

Rob. – Também eu ouvi dizer bem mal da tua dança e fazer zombaria quem o entende: “Na verdade ele é um boneco que parece se move por arames!”

Ger. – Tu dirás coisas! O Silvestre que é um brinco tomara eu dançar como ele. Enfim, são opiniões de quem tem mau gosto.

Rob. – O Silvestre é muito afectado nas suas coisas. Aquelas fivelas são boas para uns *correções de sege*, e aquele pescocinho de um aleijão.

Ger. – Por isso eu digo que tu tens perdido o bom gosto. Tomara eu que já me acabassem umas fivelas que tivessem dois tantos daquelas.

Rob. – Fazes muito bem. Eu se bem que não sei o que é bom gosto, que me irei remediando como poder.

Ger. – Enfim, o teu *jarra*¹ é lâmina de importância. Não quer que tu apareças como os rapazes do tempo.

Rob. – E a tua mãe deixa-te...aprova quantas asneiras tu queres fazer sem lhe dar que te chamem tolo e *peralta*.

Ger. – Eu vou buscá-la, porque me quer ver dar a lição. (*Vai-se*)

Rob. – Eu vou-me verificando no que diz meu pai. O certo é que as pessoas antigas, como tem experiência, falam verdade em muitas coisas. Os portugueses são excessivos nas modas e, agora é que me vou desenganando.

CENA III

Roberto, Jacinta e Felizarda

Rob. – Mana, vá-se preparar, que vem logo D. Policarpia ver a lição ao filho, e não tarda nada.

Jacin. – Aquela criatura é louca. Com aquele filho e seus enfeites, o juízo de ambos não pesa meia onça. Se eu me guiara pelo que ela me disse, ainda ontem, a respeito de modas, não faltaria que ouvir do pai.

Rob. – Bem podia ela deixar-se daqueles enfeites, porque há muito que tem cara de avó, mas, de cada vez está pior. A vaidade com que dançava ontem, fazendo remoinhos com os braços, que julgava que ninguém lhe fazia sombra. E a mim, parecia-me uma fragata arfando com vento pela proa.

Jacin. – Eu cuidei que morria quando dançou uma contradança, que as rebecas iam muito depressa... Vendo-a botar os bofes pela boca fora, que julguei que rebentava de canseira.

Rob. – Ai, bateram! Suponho que é o pai.

Jacin. – Queira Deus que Felizarda tenha o jantar pronto.

¹ Com o sentido de “velho”. Refere-se ao pai de Roberto.

Fab. – Vim mais cedo para casa, por conta destas visitas, que não quero que nos apartem sem jantar, nem a que a tal dona *fúfia*¹ venha fazer zombaria da nossa mesa portuguesa. Porque a ceia há-de ser servida à francesa, com pajens e copeiros? Com que então o peralvilho do rapaz vem para cá dar lição de espada preta?

Rob. – Sim, senhor. Quer agora aprender florete, e vem a mãe vê-lo, que é doida por ele.

Fab. – Quem lhe dera muito açoite, porque com aquelas vontadinhas e esquipações acaba de o botar a perder de todo. Ele é um estouvado, que pouco lhe falta. Vamos jantar. (*Vai-se*)

CENA IV

Marçal e o Mestre de Florete

Mest. – Aqui é que me mandam vir para dar lição a um discípulo?

Mar. – Ele não é filho cá de casa, diz que vem aqui tomar lições, que o tal moçoilo mora no bairro alto.

Mest. – E que tal será a paga? Porque eu não quero trabalhar e depois ter histórias. Tenho muito discípulo e não preciso ensinar sem que me paguem logo. Quem é o pai do tal moço?

Mar. – Quanto pai, em casa, não é peixe nem carne. A elas é que governa tudo. E é uma *sécia*, por outro estilo, não quer senão *francesias*, e tráz cada penacho que é uma tormenta!

Mest. – Nem por isso é o melhor, porque quanto mais *francesia*, maior calote.

Mar. – *Num ai* duvida, a cá o meu *patrom num* quer que os filhos casquilhem, mas *num* deve nada *e tudo anda lo* dinheiro na *man*.

Mest. – Isso é o verdadeiro porque, quem paga bem e não faz *sécias* é porque estima a verdade. Pois diz a esse fidalgo que eu vou dar uma lição e que logo venho. (*Vai-se*)

¹ Extravagante, festeira...

CENA V

Fabício, Jacinta e Felizarda

Fab. – Não gosto destas visitas, porque a tal D. Policarpia é demasiadamente intrometida, sempre quer governar as casas alheias, e que todos sigam as suas loucuras e corram atrás das modas, como ela.

Jacin. – Sempre, quando me vê, acha alguma coisa que notar-me. Ora estou mal penteada, ora é alto o espartilho! Enfim, com tudo se omite.

Feliz. – Pois ela estava bem penteada. Tinha uma poupa de canos, que lhe ficou de alguma *regateria* das danças dos touros da aclamação e, pareciam os canudos, na cabeça, uma enfiada de “dilongueirões”.¹

Fab. – Assim é... (*Ri-se muito*)

Feliz. – Ora, deixa-me, aquilo também é demasiado em uma criatura que já tem nos cantos dos olhos bem grandes pés de galinha.

Fab. – É verdade que já tem tantas rugas como eu. (*Ri-se*)

Também vocês, se não fossem as minhas impertinências, iam tomando amor aquelas *asnidades* e pegando-se-lhe a tinha. Mas, graças a Deus que se emendaram.

Jacin. – Eu fazia aquelas coisas como rapariga sem experiência, quanto que vi que V. m. se desgostava tanto, eu, como meu irmão, não quis mais dar-lhe motivo de se enfadar.

CENA VI

D. Policarpia, Fabício, Jacinta e Felizarda

D. Pol. – Aqui venho fazer-lhe uma visita, senhor Fabício, e à sua amável filha, porque são pessoas que muito venero.

Jacin. – Obrigada, minha senhora.

Fab. – Minha senhora, agradecemos o seu favor e a sua visita nos faz grande honra.

D. Pol. – E como passou, de ontem para cá, a senhora D. Jacinta?

¹ Referindo-se possivelmente aos “lingueirões”, moluscos acéfalos, de concha viválve, com forma cilíndrica.

Fab. – A minha filha não tem “Dom” e baste-me que Deus lhe dê alguns dons com que se distinga pelas suas virtudes, que é o que lhe desejo, que o mais não serve de nada.

D. Pol. – Ai, não se faça rabugento! Deixe-se dessas portuguesadas antigas, que já estamos em outro século!

Fab. – Eu julgo que o nosso século não é tão distante como daqui a Cacilhas e, não conhecíamos no passado estas *casquilharias* e estas *francesias* arrenegadas da fábrica nova e, tínhamos grande estimação às portuguesadas do nosso tempo.

D. Pol. – Coisas dirá! Pois acha que não está agora mais apurada a sociedade que no seu tempo? E que a gente tem ainda aquelas bisonharias¹ dos antigos?

Fab. – No nosso tempo não havia estes toucados, mas havia mais dinheiro. Não gastava, uma senhora, dois dias para armar um cabelo na cabeça, com uma turbamulta² de trapalhada. Então comíamos chouriços com ovos. Agora trazem-nos V. m. no toutiço e pendurados na cabeça.

D. Pol. – Tudo é o mesmo, os toucados deste tempo ou as sem-saborias que então se faziam.

Fab. – V.m. ainda havia de alcançar os cabelos de escova, com suas farripas no cachaço e um pente de bico que tomava a testa mas, em um minuto estava uma cabeça preparada. Havia bons brincos de ouro com diamantes, broches de muito preço, e agora há fitas e pérolas falsas e canquilharia.

D. Pol. – Não senhor, eu não alcancei tal. Eu imagino que V. m. me tem por alguma velha da sua idade.

Fab. – Não senhora, eu não pretendo saber os seus anos. Basta-me que tenha passado os meus sempre com honra, desejando que os meus filhos não façam loucuras e que não tenham o nome de alguns que eu conheço.

D. Pol. – Eu tenho um, mas posso ter a vaidade que não há que se lhe dizer. Ele dança bem, aprende francês e, agora, florete, sabe jogar o bique, aponta a banca e joga *seven*.³ Perde com um desembaraço, como quem tem um milhão de seu. É muito vivo e, as senhoritas gostam muito dele. Eu desejo-lhe fazer a vontade porque tem aquele ar esbelto afrancesado. Quando entra em uma casa, fazendo cortesias de dança, tem uma

¹ Bisonhices, ingenuidades, acanhamentos.

² Confusão de gente, grande aglomerado de pessoas.

³ Jogo de cartas, assim como o bique.

graça que é uma loucura! Agora lhe mandei, eu, fazer um anel de crisolitas, destes da moda, com que o rapaz ficará um brinco.

Fab. – Pois eu tenho outro sem nenhuma dessas raridades, mas é muito obediente a seu pai. Não sabe jogo nenhum, não perde o seu dinheiro. Não quero que seja brigão nem que aprenda a dar estocadas. Quero que todas as suas prendas se reduzam a ser bem quisto, ter boa fama e ser homem de bem. Não lhe mando fazer anéis de crisólitas porque não quero o rapaz com um broquel no dedo e pendurado de um anel abaixo. Mas em lugar dessas macaquices, por minha morte, não terá credores à porta e ficar-lhe-á com que passar.

D. Pol. – Bem digo eu a V. m., ama usados sebastianistas e não gosta deste que é mais delicado. Ora diga-me, achou V. m. bem feito que fosse, ontem, a sua filha, a uma função em que havia tanta gente que sabe vestir, com um penteado ordinário sem uma poupa de cantos, sem uns chorões pretos, umas algibeirinhas que fazem tão bom corpo, e que todas reparassem com que fosse tão simplesmente vestida?

Fab. – E diga-me, ela não ia asseada? O seu vestido não era muito decente? O penteado não era honesto? Não andava bem, sem copiar, por não ter anquinhas postiças? Não passou belamente sem choradeiras? Escandalizou-se de que lhe não dessem “Dom”? Pois se ela estava satisfeita e eu contente, que nos importa, a nós, que critiquem? Porque não levava os penachos como os cavalos do embaixador de França, porque não tinha a cabeça entrapada, porque não trazia cauda varrendo a casa, por isso valeu menos?

D. Pol. – Já vejo que é incurável a sua teima, mas agora quero eu empenhar-me por ela e, quero que V. m. lhe faça um favor!

Fab. – Como eu não sei o favor, não posso responder a V. m.

D. Pol. – Ande, peça a seu pai que lhe compre estas cadeias da moda para o relógio, que é a coisa mais da moda que há agora, senhor Fabrício! Eu, que me faça esta mercê, não me diga que não, porque desconfio.

Fab. – Nem V. m. há-de desconfiar. Tem razão para querer obrigar-me ao que não é do meu gosto. Ela tem um relógio que era de sua mãe, não é mau. Aquelas cadeias não lhe fizeram nenhum mal. O dinheiro que eu havia de gastar nisso aplica-se para coisas de mais precisão e assim, minha senhora, ficamos uma maravilha.

D. Pol. – Ah, que se eu tivera uma fêmea assim, como tenho um macho, eu a traria às mil maravilhas. Anda bem a moda não aparecesse, já ela a havia de ter.

Fab. – Enfim, V. m. ainda pode ter muitas fêmeas e muitos machos e exercitar com eles essa generosidade.

D. Pol. – Ai, V. m. meteu-me à bulha? Eu não imaginava que D. Policarpia era figura de zombaria.

Fab. – Nem eu de ter esse atrevimento.

CENA VII

Os sobreditos, Roberto, Gervásio, o Mestre de Florete e Marçal

Ger. – Minha mãe, minha mãe, aqui está, já, o senhor mestre! E traz os floretes para me dar lição! Quer V. m. ver-me?

D. Pol. – Quero, meu filho, porque estimo que tu saibas tudo. O senhor Roberto não há-de querer saber esta prenda, porque como já não se briga com adagas, não há-de ser da aprovação do senhor Fabrício.

Rob. – Como eu não espero dar ocasião a que me insultem, porque não hei-de ofender ninguém, não preciso desta prenda.

Fab. – O senhor Raimundo não foi muito curioso de florete. Creio também que não me excede na dança nem no francês. Também não sei que jogasse o bisque e, contudo, V. m. assim lhe fez conta.

D. Pol. – Pois, porque ele é um bicho sem cultura nem delicadeza. Não quero que o filho o imite.

Fab. – Faz muito bem, minha senhora. Isso é discorrer como se espera da sua grande capacidade.

O Mestre de Florete com Gervásio. Entram na lição.

Mest. – Ponha-se em figura. Não deite o corpo sobre o joelho... Assim!

D. Pol. – Tens linda figura Gervásio, mas, endireita mais o corpo!

Mest. – Avance o corpo, da parte direita. Tenho o florete nesta altura, e não de tanto peito... Assim, parta!

D. Pol. – Assim não fica com bom ar, senhor mestre. O rapaz nessa figura fica desairoso.

Mest. – V. m. quer que eu o ensine a dançar ou a jogar as armas? Ponha-se em guarda. Parta, pronto! Incline a cabeça sobre o braço quando tirar o bote em terça... Assim, parta!

D. Pol. – Eu hei-de dizer o que entendo, senhor mestre, repare...

Mest. – V. m. faz mal em gastar o seu dinheiro, sabendo ensinar a seu filho.

D. Pol. – Não sei, mas tenho visto algumas figuras pintadas com melhor desplante.

Mest. – Pois, minha senhora...toma os floretes...por essas figuras pintadas pode belamente aprender o seu filho, que eu não o sei ensinar.

D. Pol. – Senhor mestre, V. m. é muito assomado! Quem quer ter discípulos e ganhar a sua vida não há-de ser tão fogoso e deve ter mais paciência.

Mest. – Quando eu meter alguns empenhos para que V. m. me dar este discípulo, então terá V. m. a liberdade de me dar esses conselhos.

Ger. (Para a mãe) – V. m. quer meter-se em tudo. Vá cuidar da sua costura, que isto, cá, pertence aos homens!

(Para o Mestre) – Senhor mestre, não se embarace com o que fala quem não sabe. Vamos continuando...

Mest. – A senhora sabe muito, eu é que não sei nem quero sofrê-la, nem ensinar a V. m.

Ger. – Ora aí está! Lá se foi o mestre com trezentos diabos, por sua culpa! E se eu, agora, lhe dissera uma asneira seria bem merecida.

(Para Roberto) – Oh meu rico Roberto, vai ver se o podes mover a que torne.

Fab. – Roberto não tem jeito para persuadir. Melhor é que vá vossa mercê.

D. Pol. – Eu estou com pena de que fizesse agora desgostar meu filho. Gervásio, não te enfades, que amanhã virá outro mestre.

Ger. – Há-de vir um dardo que me parta! V. m. é capaz de fazer zangar o diabo!

Fab. (Aparte. Para D. Pol.) – O senhor Raimundo é um bicho sem cultura, mas ele não havia nunca de tratar seu pai como seu filho prendado trata V. m. Os sebastianistas criavam os seus filhos com mais respeito.

D. Pol. – Deixe-me, senhor, que bem me basta a aflição em que estou por desgostar o meu Gervásio.

Fab. – É aflição digna de fazer chorar uma pedra.

D. Pol. – Não te mortifiques, meu filho, que amanhã te mandarei buscar pano para um vestido novo.

Ger. – Eu não quero cá os seus vestidos, nem quero nada. Hei-de ir-me embora, sentar praça para a Índia.

Fab. (Aparte) – Outros irão lá com menos merecimentos...

D. Pol. – Queres tu um mestre francês de florete? Eu to mando chamar custe o que custar, que sendo francês há-de ser melhor do que o outro que não te punha em bom ar.

Fab. (Aparte para D. Pol.) Dê-lhe V. m. um mestre que o ensine a ser bem criado, que não se atreva a insultar a sua mãe, que o mais, não importa nada. Bom é o ter prendas, mas, é melhor ter juízo e respeito.

D. Pol. – Senhor Fabrício siga V. m. os seus projectos, que eu cá seguirei os meus.

Ger. – Eu vou procurar o mestre para que me dê lição em sua casa, onde V. m. não possa meter o seu colherão! (*Vai-se*)

Fab. – Minha senhora, tome o meu conselho. Tudo o que é demasiado é vicioso... Nós, que fomos criados com estas portuguesadas, sempre vivemos e fomos estimados estrangeiros. Depois que se introduziram estas *francesias*, tudo está contaminado, os pobres maridos e os pobres pais vêem-se loucos com enfeites para as mulheres e filhas. E isto de que serve?

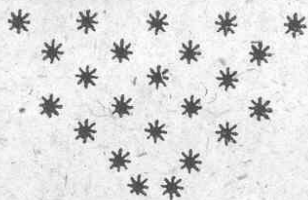
D. Pol. – Serve de fazer distinguir a gente bem-criada da grosseira, e mostrar o bom gosto moderno no vestir e no tocar.

Fab. – Quanto a mim, eu farei o que me ditar a razão e a experiência. E fique V. m. certa que sempre hei-de seguir os passos dos portugueses que nos criaram e amar os costumes sérios, decente.¹

¹ O texto original não termina em “decente”, seguindo-se-lhe a expressão “e francezias affectadas”, todavia, entendemos que, muito provavelmente, estará em falta alguma palavra por gralha tipográfica, na medida em que, toda a coerência disposta ao longo do presente entremez dita a rejeição de Fabrício quanto às modas affectadas, devendo-se ter ainda em conta a falta de coerência da frase no modo de origem. Assim, decidimos banir a dita “falha”, referindo-a apenas em nota, no sentido de, na presente edição, melhorar a compreensão do leitor, procurando, todavia, não adulterar a mensagem do texto inicial.

TESTAMENTO,
E ULTIMA DISPOSIÇÃO
QUE DE SEUS ORNATOS,
ENFEITES, E ADORNOS
FEZ HUM A
FRANCA,

⁵
— POR CAUSA DA NOVA PRAGMATICA,
Querendo reformarse, deixar o
o mundo, e entrar em Reli-
giaõ,
*Repartindo primeiro pelos Conventos
pobres as suas melhores gallas, e
fazendo outras obras pias,*
Como nelle póde ver o fleumatico Leitor.



CATALUNA:
En la Empr. de FRANCISCO GUEVARZ.
Año 1751.

V

Testamento e última disposição que de seus ornatos, enfeites e adornos fez uma França, por causa da nova pragmática, querendo reformar-se, deixar o mundo e entrar em religião, repartindo primeiro pelos conventos pobres as suas melhores galas e fazendo outras obras pias, como nele pode ver o fleumático leitor.

Cataluna: Empren. de Francisco Guevarz, 1751.

Deste mundo, já bem desenganada,
Só procuro ter vida reformada,
Porque não tem enganos
Quem no mundo procura desenganos.
Até agora cuidei só em brilhar,
Vendo que tudo havia de acabar;
Tratava só de andar desvanecida.
Vendo, havia de ser tão curta a vida;
Lembrava-me cuidar na compostura,
Sem nunca me lembrar da sepultura.
Na rua só mostrava os aparatos,
E a minha casa tão falta de ornatos;
Na rua mostrava só o *luzimento*,
E a minha casa falta de alimento.
De que me aproveitavam tantos faustos,
Causando a meus pais tamanhos gastos?
Talvez sendo-lhe credores
Tendeiros da capela e mercadores.
Trabalhando noite e dia
Para manter a minha *francesia*.
Sem me causar abalo,
Dar-me a barriga às vezes um estalo.
A pragmática já não me espanta,
Antes já me parece boa e santa,

Porque a todos acode
A não gastar ninguém mais do que pode.
E, já com ela, as *franças* portuguesas
Não fazem a seus pais tantas despesas,
Em galões, *tissus*,¹ rendas de ouro e prata,
Em que se consumia
Tanta riqueza que no reino havia.
Assim que, fica sendo a tal pragmática
Remédio prodigioso,
Para evitar este mal contagioso.
De que me aproveitava ir à missa,
Se a minha devoção era cobiça
Somente de que algum meu *galant* visse,
E toda a *sécia*,² a minha *bandarrice*;³
Que aos amantes servia
De provocar idolatria
A tantos *reconcomios*⁴ que inventavam
Para adorar-me, como me adoravam?
Assim que vinha a missa, a principiava,
Mas nunca via quando se acabava,
Porque com minhas manas conversando,
O tempo todo assim se ia passando.
Dizendo, enfim, por *sécia*, em voz delgada:
Ai, mana a missa foi mui dilatada!
E saindo da igreja com efeito,
Jamais satisfazia ao preceito.
E voltando, ora a trás, ora adiante,
Os olhos para ver se vinha o amante,
Com passo brando a cada, enfim, buscava,
E logo à janela me assomava,

¹ O mesmo que “tecido”, em francês.

² Usando-se em vários textos para definir o estilo das extravagantes *franças*, no presente texto entender-se-á, sobretudo, como “beleza” ou derivados.

³ Actuação própria de um *bandarra*, alguém “vadio” e despreocupado.

⁴ Desejos impacientes, ansiosos...

Com o leque na mão,
Para mitigar o ardor do mau carão.
E quer fosse Verão, quer fosse Inverno,
Este, enfim, era o meu fadário eterno.
Os sermões da Quaresma a ouvir ia,
No domingo de tarde, à freguesia,
Que conforme os estilos
Era *sécia* nas franças ir ouvi-los,
Sendo conhecido engano,
Os outros, não ouvir todo o ano.
Mas isto era só porque queria
Fazer publica a minha bizarria.
As novenas também não me escapavam,
Porque sabia que lá me esperavam
Alguns *sécias* amantes,
Que na asneira do amor eram constantes,
Sendo os seus *facécios*¹ *luzimentos*,
A causa de seus loucos pensamentos.
Que tudo faz o luxo demasiado,
Que de luxo se passa a ser pecado.
Este progresso dos meus tenros anos,
Me fez colher, por fruto, desenganos,
Pois já não quero andar *empavezada*,²
Como nau de alto bordo, em guerra armada,
Engolfada no pélogo³ profundo
Das vaidades do mundo.
Jamais, não quero aparecer garrida,
Outro modo, tomar quero, de vida,
Que pelo que distingo,
Só agora, os meus olhos, vou abrindo.
Nunca mais usarei de composturas,

¹ Facécias, as histórias simples que se contam entre o povo.

² Como um pavão.

³ Oceano.

Nem menos tratarei já das *unturas*,¹
Porque nelas se pondera
O querer parecer mais do que era.
Deste mundo me quero já apartar,
Que o saber viver é o bom brilhar.
Quero viver recolhida,
O restante da vida.
Mas antes que possa ir,
Os meus ornatos quero repartir.
E porque este é o meu intento,
Determino fazer meu testamento.
Conventos pobres serão meus herdeiros,
E juntamente meus testamenteiros,
E ficarão obrigados
A darem cumprimento a meus legados.
As minhas meias bordadas,
Que das *franças* sempre foram desejadas,
Que conservo há muitos anos,
Se darão aos frades franciscanos.
E poderão trazê-las
Todos os que tiverem falta delas,
Mas deixo-lhas com as obrigações
De me rezarem muitas orações,
E no “dia de finados”,
Todos se mostrarão de mim lembrados,
E no coro todos juntos,
Me farão um ofício de defuntos.
Todas as minhas pedras falsas
Se dêem às carmelitas descalças,
Que posto são proibidas,
No seu convento serão admitidas.
E lhe deixo, de mais a mais,

¹ No século XVIII popularizam-se muito os óleos para untar o corpo, perfumados ou não, com intentos de beleza ou de “saúde”.

Duas caixinhas cheias de sinais,
Porém, por tenção minha,
Rezar-me-ão sempre uma ladainha,
Também um calendário,
E cada uma sempre o seu rosário.
Todos os meus espartilhos,
Determino se dêem aos padres grilos.
E a minha fita da cintura,
Com toda a sua rica bordadura,
Como peça principal,
Quero que a traga só o provincial,
Porque com esta ideia
Lhe poderão chamar rica correia.
Mas por seu falecimento
Ficará esta correia ao seu convento,
E na forma que quiserem
Me farão os sufrágios que poderem,
E farão por mim muitas orações,
E três ofícios de nove lições.
Trinta saias, que tenho, de veludo,
Por ser obrigação em que mais cuido,
Com toda a sua guarnição,
Aos padres de Rilhafoles¹ se darão.
E por este legado,
Lhe deixo muito encarregado,
Que no fim do refeitório
Todos me cantarão seu responsório.²
Também quero ser lembrada
De Francisca, que foi minha criada,
Que nunca, jamais, foi moça de enredos,
Sabendo muito bem dos meus segredos.

¹ A Casa de Rilhafoles foi fundada pelos padres vicentinos (São Vicente de Paulo), em 1717, com autorização de D. Tomás de Almeida, cardeal patriarca de Lisboa.

² Canto litúrgico interpretado por um solista, do qual os versos entoados são respondidos por um coro.

Que se coisa profana eu intentava,
Ela sempre melhor me aconselhava,
E por esta atenção,
As minhas contas de ouro lhe darão,
Dar-lhe mais não me atrevo,
Suposto que ainda muito mais lhe devo.
Todas as minhas roupinhas
Quero se dêem às feridas francesinhas.
A melhor delas, que é rica peça,
Quero que só a traga a abadessa,
E por sua morte é do meu contento,
Que fique bem guardada no convento,
Que tendo tanta prata e tanto ouro,
Nela conservarão um bom tesouro.
Isto, lhes deixo, com as obrigações
De vigílias, jejuns e orações,
Que tudo será aplicado,
Por quem lhe deixou este legado.
As minhas escovas de escovar,
Aos cegos papelistas se hão-de dar,
Porque andam pelas ruas mui “choquentos”,¹
E causam nojo às portas dos conventos.
E todo o cego que quiser brilhar,
Se poderá com elas escovar,
Mas com tal condição,
Que hão-de rezar cada hora uma estação,
Cada dia um rosário,
E cada mês de missas um trintário.
Isto mando, isto quero, isto desejo,
Porque os cegos têm tempo de sobejo.
À minha lavadeira,
Porque nunca faltou à terça-feira,

¹ Despenteados e sujos.

Com a roupa lavada,
Ainda que bem rota e bem montada,
Quando quiser casar
Se lhe dará o meu ferro de encrespar,
E também o meu toucado
Para servir no dia de noivado.
E para melhor compostura
Dar-se-lhe-á o remédio da *untura*,
E também um frasquinho de água de flor,
E arrátel e meio de alcanfor,¹
E alguns ingredientes,
Que nos noivos são mui convenientes.
Deixo que as minhas mantilhas
Se dêem às freiras Grilas,
Que nelas isto não será desdouro,²
Por terem muita prata e muito ouro.
Duas charpas³ também de *luzimento*,
Que muito brilharão no seu convento.
E para as suas funções mais principais,
Lhes deixo seis caixinhas de sinais.
E por estas premissas,
Me mandarão dizer quinhentas missas.
Os meus penteadores muito finos
Quero se dêem aos padres Teatinos,⁴
Que sendo muito brancos, sem matizes,
Deles podem fazer sobrepelizes.
Também as minhas roupas de esguião,⁵
Determino, outro fim se lhes darão,
Que não servindo já para vestir,
Para toalhas poder-lhe-ão servir.

¹ O alcanfor branco é também conhecido como “naftalina”, podendo o seu uso ainda estender-se à *untura* corporal, quando em óleos, que se crê terem propriedades benéficas à pele.

² Descrédito ou desvalor.

³ Faixa larga e comprida, de tecido, que servia de cinto ou de boldrié.

⁴ Da Ordem Regular de S. Caetano de Thiene, fundada por este santo em 1524.

⁵ Pano de algodão ou linho fino.

E me dirão por esta obra pia,
Duas missas cantadas cada dia,
E sobre a sepultura
Cantar-me-ão um responso com ternura.
Dois “circilios”,¹ que tenho, primorosos,
Mando, se dêem a alguns religiosos,
E seria de muito meu contento
Se dessem a alguns frades de S. Bento,
Que poderão trazê-los
Por serem sempre faltos de cabelos.
E por estes legados,
Me farão três ofícios bem cantados.
As minhas belas tranças de cabelo
São para as Recolhidas do Castelo,²
Que as cortei depois desta lei nova,
Por não querer levá-las para a cova.
Também lhes deixo os meus pentes,
Que para enfeites são convenientes,
Também linhas, agulhas e dedais,
E mais uma caixinha de sinais,
Que de tudo isto herdeiras
Ficarão sendo minhas merceeiras.
Deixo toda a minha fitaria
Às *franças* pobres da freguesia,
E, outro fim, orlas, franjas e penicos,
E também meia dúzia de “abalicos”,
Uma frasqueira de água de flor,
E o mais, que se achar no toucador,
Que é o meu sentido

¹ Por “cilícios”.

² Com linhas filosóficas como a de Foucault, que apoiam a restrição da vontade, em favor da disciplina, os séculos XVII e XVIII são salpicados de “fórmulas gerais de dominação”. Nesse âmbito existia, por exemplo, a instituição “Recolhimento do Castelo”. Um dos muitos recolhimentos de então. Segundo Suely Almeida, do sobredito passavam a participar aquelas que eram indesejáveis na sociedade de corte, por ameaçarem a sua harmonia ou costumes de algum modo, ou aquelas que órfãs, viúvas, grávidas, ou em situação diversa de fragilidade.

Tudo por elas seja repartido.
Aos Arrábidos, lá, de S. José
Dar-se-lhe-á o meu rico guardapé,¹
Todo de prata e ouro matizado,
Porque só neles é bem empregado.
E por este legado só queria,
Que me dissessem uma missa cada dia
E que me aplicassem as suas abstinências,
E todas as mais suas penitencias.
O meu relógio de ouro, da cintura
Logo se entregará ao padre-cura.²
Não haja nisto erro,
Porque quero, me faça o meu enterro,
Com muitas irmandades,
E dos conventos, as comunidades,
E toda a clerezia,
Quanta houve na minha freguesia.
E também quero nela
Me faça instituir uma capela.
A minha roupa branca, que se achar,
Aos meninos órfãos se há-de dar,
Que de branco vestidos,
Não lhe serão os meus trajes proibidos,
E quando eles não queiram usá-los,
Bem os podem vender ou empenhá-los,
E o produto seja
Para a obra acabar da sua igreja.
E por estes legados
Todos de mim se mostrarão lembrados.
À minha mana, Dona Marcelina,
Que na amizade me foi sempre sina,
Lhe deixo todos os meus canotilhos,

¹ Saia que se usava por debaixo do vestido principal.

² Pároco.

E mais a minha borla dos polvilhos,
Dois leques de marfim,
E um vidrinho de óleo de jasmim,
De *pós de França*, quatro papelinhos,
E de *água de Córdova* seis frasquinhos,
Outro vidrinho mais de *águas de Hungria*,
Que tudo isto pertence à *francesia*.
Também o meu relicário,
Quero, se dê às freiras do calvário,
Que como tem relíquias verdadeiras,
Se poderão livrar de feiticeiras.
Deixo-lhes os meus vidrilhos,
E também dois arrates de polvilhos,
Pois vejo sua pobreza,
E com isto passarão com mais largueza.
Mas quero que me cantem as lamentações,
Missas, ofícios e muitas orações.
As minhas palatinas de arminhos
Quero, se dêem aos padres inglesinhos,
E por agradecimento
Far-me-ão um funeral no seu convento,
Com missas e com música e sermões,
E outro fim, com muitas orações,
E para mais clareza,
Se cantarão na língua portuguesa,
O que assim se recomenda,
Para que tudo assim melhor se entenda.
Os meus peitilhos bordados,
De mim tão estimados,
Por sua perfeição,
Às Freirinhas Flamengas¹ se darão,

¹ Chegadas a Portugal, governava Filipe II, fugidas dos Países Baixos, porque o convento da sua Ordem, em Alkamaar, estaria geograficamente perto dos conflitos de então. Integrariam, por cá, a Ordem das Clarissas.

Para deles tirarem muita riqueza.
E por evitar zelos,
Só as principais poderão trazê-los,
Porém hão-de rezar um calendário,
E todos os dias, um aniversário.
A minha capa forrada de arminhos
Se dará aos Padres Capuchinhos,¹
Porém com condição,
Que somente se dê ao guardião,
Que se não quiser trazê-la,
Poderá empenhá-la ou vendê-la.
E por esta herança
Terão todos, de mim, sua lembrança
Com a sua *capucha* e harmonia,
E me dirão uma missa cada dia,
E depois de matinas
As suas costumadas disciplinas.
À minha vizinha mais chegada,
Que é uma pobre *frança* mui honrada,
Lhe deixo o meu espelho cristalino,
E duas capas, também, de esguião fino.
E para se tratar mais anelada
Lhe darão um frasquinho de pomada.
E para a sua filha
Deixo-lhe uma caixinha de macilha.
O meu espelho de toucar,
A uma carvoeira o mando dar,
Pois tenho compaixão,
Que não traga brunido o seu carão,
Por quanto é coisa muito de estranhar,
Que uma carvoeira se não saiba lavar.
Mas esta deixa é com condição,

¹ A Ordem dos Capuchinhos é aprovada como ramo da primeira ordem de S. Francisco de Assis, pelo papa Leão X, em 1517.

Que cada infante reze uma estação.
Os meus manguitos e as minhas pulseiras
Mando, se dêem a duas regateiras,
As mais apuradinhas e asseadas,
Chanfalonhas,¹ briosas, desgarradas.
E por este legado
Cantarão cada noite o oitavo,
E também cada dia
Hão-de gargantear um arrepia.
As tigelas de cor, e mais pomada,
Que dentro de minha casa for achada,
Os sinais, alfinetes e brancura,
Fitas velhas, corais,
Por duas negras buçais
As quero repartidas,
Que as negras também querem andar garridas.
E a condição é,
Que hão-de cantar o seu *paracumbé*.²
Os meus penteadores de tocar
A uma cozinheira os mando dar,
Para deles fazer um enxoval,
Que não haja outro igual,
Com tanto que por esta obra pia,
Me reze um rosário cada dia.
E os meus apontados de rodilhas,
São para as “carquejeiras” de Cacilhas,³
Suas filhas casar.
Isto com condição,
Que não as casarão com fragateiros,
Senão com pescadores *altieiros*.

¹ Mal-arranjadas, desarrumadas.

² Dança de influência africana, popular no Brasil durante os séculos XVII e XVIII.

³ Vendedoras de carqueja, de Cacilhas.

Aos Padres Barbadinhos,¹
Como são pobres e faltos de alinhos,
Mando que se lhe dêem doze camisas,
Por entender que lhes são muito precisas,
E seis sabonetes de cheiro,
Pois falta deles tem o seu mosteiro,
Que como são de cheiro singular,
Com eles bem se podem barbear.
E por agradecimento
Cada um cantará o seu momento,
E dois subvenites² bem garganteados,
Com sua voz sonora e bons trinados.
Os meus sapatos bordados
Mais primorosos, mais bem acabados,
E outros de meu uso, quotidianos,
Se darão aos padres Marianos,
Porque entre os seus ornatos
Tiveram sempre falta de sapatos.
E no seu mesmo convento
Quero se faça o meu enterramento
Com peça de tal posse remontada,
Que fique a corte toda admirada.
Assistirão a ele as religiões
Haverá música, haverá sermões,
E vendo depois isto, enquanto monta,
Toda a despesa será por sua conta.
Serão os meus herdeiros obrigados
A cumprir todos estes meus legados,
E para que com mais suavidade
Se cumpra a minha última vontade,
E sejam rectamente repartidos,
De tudo darão conta nos “rezidos”.

¹ Capuchinhos italianos que tiveram autorização para se instalar em Portugal em 1680.

² Cânticos litúrgicos.

22

Pag. 10

QUEIXAS
DE
CLORINDO,
OU REPREHENSÃO AMIGÁVEL
DAS MODAS ESTRAVAGANTES.

VI

Queixas de Clorindo, ou repreensão amigável das modas extravagantes

Lisboa: Oficina de Domingos Golsalves, 1782.

Antigos valorosos portugueses,
Que nas lanças, nas *grevas*,¹ nos arneses,²
E nas faias de malhas reforçadas,
Elmos, *morriões*,³ viseiras bem forjadas,
Estoques, capacetes e montantes,
Espadas reluzentes e brilhantes,
Se empregava somente o vosso gosto.
E com guerreiro aplauso, e fero rosto,
Nos campos, que circunda o frio Ganges,
Os esquadrões de bárbaras falanges,
Rompendo destemidos e valentes,
Entre tantas nações e tantas gentes,
Despregando as bandeiras Lusitanas
Inda mais que as gregas e romanas,
Nos lugares mais altos levantadas,

¹ Parte das armaduras antigas, destinada a proteger os joelhos e as canelas.

² Refere-se à armadura completa de um guerreiro.

³ Capacete de infante, com bordas acentuadas e elevadas, em forma de meia-lua.

Fizestes com que fossem respeitadas.

Os Castros o publiquem, juntamente
Os Pachecos, e Almeidas, e o valente,
E famoso Albuquerque, que inda agora,
Lá onde nasce a marchetada Aurora,
Em clara tradição corre o teu nome,
Que o tempo já não gasta, nem consome.

Erguei vossos honrados esqueletos,
E vinde repreender a vossos netos;
O tempo, lhes mostrai, da imortal glória,
Do qual perderam já toda a memória.

Cortejai se é possível sem demora,
Os costumes de então com os de agora,
E vereis em lugar do capacete,
Três covados¹ e meio de topete,
Seis varas de chapéu, que desmarcado,
Sobre as altas esferas remontado,
Fica, se não me engana a minha ideia,
Distante da cabeça, légua e meia,
Servindo de barraca, ou de choupana,
Que esconde, no seu fundo, a forma humana.

Só a vista lhe fica, com que atenta
Em seus pés, novo molde, o qual se inventa
Pelo famoso inglês, que usa de engenho,
De trocar-nos a prata pelo estanho.
Podendo sustentar com estas tretas,
À custa de *peraltas* e patetas,
Uma renhida guerra, há tantos anos,

¹ Medida de comprimento, com base na medida do antebraço, usada por várias civilizações antigas.

Com França, Espanha, Holanda e Americanos.

Por veludos pintados, fustões,¹ chitas,
E mais quinquilharias infinitas,
Pistolinhas de bronze prateadas,
E fivelas de estanho bem lançadas,
Levam quanto ouro lá se desenterra
Do famoso Brasil, na rica terra.

Sabem que em Portugal há louca gente,
Que o luxo reina agora, o que lhe patente,
Carregam seus paquetes, e vem logo
Com dez mil bugigangas fazer jogo.
E lhes corre o dinheiro como um rio,
E, nisto, Portugal fica vazio;
E porque em tanto mal se não procura,
C'o trabalho emendar tanta loucura,
Cresce a pobreza, crescem as maldades,
E, tudo quanto eu digo, são verdades.

Eu vos amo e vos louvo muitas vezes,
Discretos, valentinos,² ingleses,
Vós fazeis muito bem, se achais patetas,
De usar com gente louca as vossas tretas.

Assim podeis com grande aplauso e glória,
Dar um novo brasão à vossa História,
Fazendo rosto quase a todo o mundo,
Rompendo sem temor o mar profundo,
Nos pinhos despregando as largas velas,
À custa de grandíssimas fivelas.

¹ Panos tecidos em cordão.

² Fortes.

Além disto, fazeis que diligente
Trabalhe em vosso reino toda a gente.
Ao comércio aplicais todo o cuidado,
Tendes o vosso reino cultivado,
E pondeis nestas coisas muito estudo,
Estas, as armas, são que vencem tudo.

Mas, vós, do sacro pindo,¹ moradoras,
Dos bens que Apolo dá distribuidoras,
Inda outra vez as mãos me dai,
E, meu discurso, agora, encaminhai.
Demos volta aos *peraltas*, e veremos
Se inda haverá mais coisas que notemos.

Os bofes da camisa sem demora,
Vão fugindo do peito para fora,
Pela pouca limpeza que vai dentro.
E, porque o ponto atinjo, agora entro
A supor, que a camisa é de maneira,
Que há dez dias a trouxe a lavadeira.
Só os bofes que estão nela pegados,
Foram inda que à pressa bem lavados.
Que um coração aperta em laço estreito,
Para enfeitar aquele tenro peito,
D'um homem, que em mulher, por seu pecado,
Se vê, desta maneira, transformado.

Também por maior *sécia*, ou mais loucura,
Em cada lado estão à dependura,
De dois relógios, as cadeias belas,
O que eu ponho na classe das fivelas.

¹ Olimpo.

Asneira pode haver igual a esta!
Não vai do cotovelo, vai da testa!
Falta trazer mais dois dependurados,
Nas orelhas, os néscios enfeitados.

Discorro com bem claros fundamentos,
À vista de tão loucos pensamentos
(Porque o dinheiro nos baús não nasce),
Que em lugar de galinha tira alface,
O que, à janela, a boca esgravatando,
Dentre os dentes a finge estar tirando.

E porque a fome é negra e muito estreita,
Com a faca na mão, o vulto espreita,
Que depois de roubar, lhe tira a vida,
E, numa forca, a sua vê perdida.

Também da grata humanidade, por contrário,
Logo no meu canhenho, ou calendário,
Escrevo, cuidadoso, aquele nome,
De um, que sendo *peralta* morre à fome.

Inda outra vez pasmado vos invoco,
E com a rouca voz as nuvens toco,
Antigos valorosos lusitanos,
Que jazeis no sepulcro há tantos anos,
Vinde pregar a tantos mil *orates*,¹
Que o luxo fez tornar em bonifrates!

Vinde, correi, para notar as faltas,
De *casquilhos* rafados e *peraltas*,
Que a bandos, pelas ruas de Lisboa,

¹ Loucos.

Qual em baixo falsete a moda entoa.
Qual pondo a pontaria na janela,
Apresenta a grandíssima fivela,
A outra vã cabeça que se agrada,
De ver uma fivela desmarcada.

Já não é cortesão, não é polido,
Quem não escolhe o molde mais comprido,
Mais *façanhoso*, e feito por tal modo,
Que abarque o pé, e tome o couro todo.

Quem a fivela traz proporcionada,
Inda que seja prata bem lavrada,
É tratado por esta gente infama,
De grosseiro, jarreta, ou de *pastrana*,
Indigno para entrar nas assembleias,
Destas Vénus,¹ de agora, e *Panopeas*.²

Oh mundo, oh tempos, que loucura enorme
Pode causar um mal tão desconforme,
De ver com tanto horror dos meus sentidos,
Os homens em macacos convertidos!

De corpo esbelto e de cabeça à roda,
Sonhando na fivela e mais na moda,
Dos moldes que vão vendo namorados,
Se vêem Adónis³ mil, embasbacados,
Que riso causa, grande, a quem observa,
Tão louca, feminil, torpe caterva.

Ora merece bem mil apupadas,

¹ Aquelas que, como a Deusa, apaixonam a todos com a sua beleza.

² Nereidas

³ Comparados ao Deus, filho do incesto entre Chipre e Mirra. Por ser tão belo e formoso, foi amado por Vénus.

Quem dá pelas fivelas estanhadas,
Umás que tem de prata, e não mal feitas,
Só por serem mais curtas, mais estreitas.

Eu para conhecer um homem tolo,
E quanto ele é vazio do miolo,
Lhe olho para os pés, e logo subo,
A ver borde-fronte, e se descubro
Um fivelão enorme, e desmarcado
Topete, sobre as nuvens levantado,
Logo cá para mim constante assento,
Que tudo o que ali vai, somente, é vento.

Que o faça uma vadia, que à janela
Quer pilhar os mosquitos na costela,
E não tem outras armas com que o faça,
Lhe quero conceder tudo de graça.
Mas, que se ponha assim embonecado,
Um homem, que discorre e que é barbado,
E ponha tal cuidado e tal desvelo,
Em remontar às nuvens seu cabelo,
Ou num par de fivelas que lhe abarque
O seu pé de uma parte a outra parte,
Eu lhe faço por preço mui barato,
Tratá-lo de pateta, e mentecapto.

Pelas diversas ruas de Lisboa,
Puxando por dois lenços, já se assoa,
Mira a ninfa gentil, e logo escarra,
Sem ver por onde vai, na esquina marra.
“Coitado, como é tolo” – Eu só comigo,
Uma vez, e também mil vezes digo.

A manga da casaca muito estreita,

Que ao despir, muitas vezes, foi desfeita,
E do peito fugindo lá se esconde
No centro do espinhaço, ou não sei onde,
E por moda, ou por ser o pano caro,
Deixa a pobre barriga ao desamparo!

Acho graça também nestes patolas,
Que deram na invenção de largas golas.
Bravo, que nobre invento! Viva, é belo,
Merece entrar na conta do cabelo!
A gente que melhor nisto discursa,
Atenta que é melhor trazerem *mursa*,
Mas, por não lhes afrontar o coração,
Há outros que também dizem que não.

Um vestido bem feito, e bem talhado,
Que possa ser no Inverno abotoado,
Que agasalhe do frio, é jarretice,
E fora muito bem que se proibisse.
Que uns pobres quinhentistas que não sabem,
Nem o quando, nem como as coisas cabem,
São desonra das gentes entendidas,
Por as usarem quando são devidas.

Ah, que fortes cabeças! Todo o mundo
Com seus juízo claro e tão profundo,
Se devia reger, que justamente
Dariam sábias leis a toda a gente.

Serão estas, as armas poderosas,
Dignas de fama eterna, e gloriosas,
Com que do mundo, então, nas quatro partes,
Arvorastes os vossos estandartes,
Com glória universal, por tantas vezes,

Antigos e valentes portugueses,
Arrastando barbáricos pendões,
E rompendo milhares de esquadrões?

Seriam enormíssimas fivelas,
Com que o Ganges frio, as margens belas,
Ao grande rei do Lusitano Império,
Fizestes possuidor noutro hemisfério?

Seriam as que nas terras *transtaganas*,¹
Venceram tantas gentes mauritanas?
As que em Tanger, Ceuta, Mazagão,
Fizeram arvorar vosso pendão?

Ah, luxo causador de eterno dano
Do riquíssimo Império Lusitano!
Tu podes converter em vil pobreza,
Com tua perversão, tanta grandeza.

Para atalhar, desta corrente, os diques,
Nem os vigilantíssimos maniques,²
Nem os que mais ao bem do estado atendem,
Porque os males se extingam ou se emendem,
Podem bastar, pois, corre a louca gente,
Qual de um profundo rio, a grossa enchente,
Atrás do próprio dano, e toma tédio,
A quem as mãos lhe dá para remédio.

Das lições de Platão vou inferindo
Em seus conselhos sãos, que vai unindo
A sobriedade à forte ginástica,
A qual inteiramente consistia,

¹ Alentejanas.

² Referência às diligências policiais, aludindo ao Intendente Pina Manique.

Em formar nobremente a mocidade,
Em diversas Escolas na Cidade.
Nos fortes exercícios competentes
A tão bravos guerreiros, e valentes,
Como saíram da famosa Atenas,
Em que os heróis se contam por centenas.

Quem os fez neste mundo tão famosos?
Não foram os topetes espantosos,
As enormes fivelas desmarcadas,
Mas as letras, as lanças, as espadas.

Suponhamos que vem com mão armada,
Contrário o espanhol, à pátria amada,
Assolando, queimando, e destruindo.
Mostrar-lhes-eis, da fivela, o molde lindo,
Com três palmos e meio de largura,
Em lugar de espada ou lança dura?

Também o amável sexo feminino,
Há muito grande excesso e desatino
Nos enfeites de que usam, que igualmente
Causam riso também à sábia gente.

Acho coisa mui bela, e mui bonita,
Mais de uma peça introduzir de fita,
De modo mui estranho no toucado,
Deixando o chapelinho ao céu grimpado,¹
Nas estiradas pontas do cabelo,
À força de pomada e de desvelo.

Que sendo muitas vezes bem formosas,

¹ Lançado, arremessado.

Pelas medonhas poupas espantosas,
Transfiguradas ficam, de maneira,
Que são da fealdade a cópia inteira.

O mandarem tirar as almofadas
Das carruagens, as que vão toucadas,
Porque não vá tocar nos tejadilhos,
Já brancos da pomada e dos polvilhos.
E porque não lhe basta esta cautela,
Obrigada se vê, a ninfa bela,
A constranger seu corpo delicado,
Ou de levá-lo ali como esmagado.

Nisto dizer não quero que as senhoras e senhores
Se não adornem bem, mas gastar horas,
Em se fazerem feios por estudo,
Faz pascar um juízo que é sisudo.

Ficará menos bela a camponesa,
Ainda que vestida com pobreza,
Que o céu enriqueceu de formosura,
Só por não remontar a tanta altura,
Com estulto¹desvelo, e com cuidado,
O seu louro cabelo ao ar lançado?

Não fica tal, antes mais bela, e pura,
Se ostenta no seu rosto a formosura,
E não se farta a língua ambiciosa,
De louvá-la de bela e de formosa?
E não se enganará nem levemente
Por falta do toucado prepotente,
Quem na campina a vê, ou pobre aldeia

¹ Inapto, tolo.

Se ela será formosa ou será feia?

Oh quanto é bela em tudo a natureza!
As estrelas que vemos nessa alteza,
Espalhadas no céu sem compostura,
De lâmpadas servindo à noite escura,
Sem concerto se mostram, mas que acerto
Não vemos no seu mesmo desconcerto!

Se como um jardim se nos mostrassem,
Ou com luz uniforme só brilhassem,
Suposto que elas são tão luminosas,
Ficariam no céu menos formosas.

Parece um anel bem no dedo posto,
Porém, se cinco ou seis tivesse um rosto,
De alguma sorte ali dependurados,¹
Seriam para a vista desagradados,
E causaria horror, e fealdade,
Um semelhante adorno, na verdade.

E que diriam os tais, e que fariam
Se, agora, por meu mal me conheciam?
Porém dos bravos ventos abrigado,
Debaixo da coberta, “alapardado”,²
Por me livrar melhor, meu vulto escondo,
E se os ouvir gritar não lhes respondo.

¹ Talvez referindo-se aos sinais num rosto, comparados a estrelas.

² Agachado, escondido.



QUEIXAS
DE
CLORINDO,
OU REPREENÇAM AMIGAVEL
DAS MODAS ESTRAVAGANTES,
E PRUDENTE EXAME DE RIDICULARIA.
PARTE SEGUNDA.



LISBOA,
Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

Anno de MDCCLXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

VII

Queixas de Clorindo, ou repreensão amigável das modas extravagantes, E prudente exame de ridicularia – Parte segunda

Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves, 1783.

Debaixo da coberta, “alapardado”,
O triste pensamento, já cansado,
De retratar na leve fantasia
Os golpes da mortal melancolia,
Posto, já, noutro objecto se levanta,
E dos *peraltas*, novamente, canta.

Tu, ó piedosa musa, que me deste,
Para cantar ao som do vento agreste,
Em rústicas canções, castos amores,
Junto da clara fonte dos pastores,
Uma singela voz não mal ouvida!
Dá-me novos alentos, com que unida
A gostosa harmonia ao mesmo verso,
O faça retumbar pelo universo!

Teu risonho semblante grato e lindo,
A minha invocação alegre ouvindo,
Desça do sacro pindo, e venha logo
A minha fantasia encher de fogo,
Para que possa dar outra avançada
À gente de Lisboa aperaltada.

Com teu favor, eu quero dos *peraltas*,
Mostrar-lhes, por desprezo, as suas faltas,
E perguntar-lhes, se eles são nascidos

Para tão baixas coisas dos sentidos.
Se algum me diz que sim, é néscio e tolo.
Se responde que não, tem seu miolo
Muito desarranjado e descomposto,
Seguindo o que reprova só por gosto.

Conheço que o andar com pouco asseio,
De sua natureza é muito feio.
Mas faço distinção do que é polido,
A um louco farsante no vestido.
Também sei que de Hanibal¹ motejava,
Pela pouca limpeza com que andava.
O povo de Cartago, este defeito,
Não podendo sofrer em tal sujeito.
Mas ele no juízo e valentia,
Com que os bravos romanos combatia,
Mais fama conseguiu do que alcançara,
Se muito bem vestira e limpo andara.

E sei que Viriato² foi notado,
Só pelo exceder qualquer soldado,
No modo de vestir-se sem decoro,
Como bem o refere Lúcio Floro.³

César, aquele grande herói, que a fama
Por cem bocas no mundo inteiro aclama,
Nem trazia petrina,⁴ nem cingido,⁵
Trazia, como os outros, o vestido.
Por isso, “roupa larga” lhe chamavam
Aqueles, que esta falta lhe notavam.

¹ Hanibal Barca, grande general e estratega, nascido em Cartago (247 a.C - 183 a.C).

² Viriato (179-d.C. - 139 d.C.), desenvolveria táticas de guerra que lhe permitiriam defender honrosamente as terras lusas.

³ Ou Públio Aneu Floro (sécs. I – II d.C.), historiador clássico latino.

⁴ Cinto de couro com colchetes, cujas extremidades guarnecidas de rosetas de aço.

⁵ Cinto, geralmente de seda.

Mas deixaram de ser homens tão raros,
Os maiores heróis, os mais preclaros,
Ou de terem no templo da memória,
Majestoso lugar de fama e glória?

Enfim, os grandes homens, que tem dado
Pela boca da fama um grande brado,
Nenhum foi minimamente cuidadoso
No grande ornato e no vestir pomposo.

Por todos é sabido, que passando
O grande João de Castro, e reparando
Em umas ricas calças pespontadas,
Que um algibebe¹ tinha penduradas,
“Para quem eram” – pergunta, e ouvindo
Que eram para seu filho, as foi abrindo,
E fez em mil retalhos. Homem, dirás,
(Ordenou) – “Quando vier este rapaz,
Que armas compre e não ponha seu cuidado
Em adornos alheios de um soldado”.

Dom Álvaro de Castro,² esclarecido,
Não fora no Oriente assim temido,
Se não tivesse um pai, que desta sorte,
O fez um digno filho de Mavorte.

Eu tenho por verdade incontestável
Ser de juízo fraco e miserável,
Ou que mostra finais de mentecapto,
Quem faz um grande estudo em seu ornato.

¹ Alguém que vendia roupa, sobretudo usada, já bastante desgastada ou remendada.

² Filho do grande Vice-Rei D. João de Castro.

Quem, por ver uma ruga no vestido,
É capaz de sentir o ter nascido.
Quem sente uma aflição de ver somente
Coisa que leve pó lhe represente.
Quem traz uma escovinha, quem se escova
Cem vezes cada dia, e não reprova
Trazer um velho trapo n'algibeira,
Por tirar dos sapatos a poeira.

Quem seu desvelo põe n'um *chapeirão*,
Num estanhado e grande fivelão,
Numa manguinha unida e muito estreita,
Em um coraçãozinho, que lhe enfeita
Seu tenro, brando, peito delicado,
Afectuoso, meigo e namorado.

Mas, repisar não quero nos meus ditos,
O que já se tem visto em meus escritos.
O ridículo dito é ponderado
No primeiro papel, que tenho dado
A todos os *peraltas* de Lisboa,
Que inda agora os ouvidos lhes atroa.

Só direi de passagem, e direi bem,
Que um farsante *peralta* que não tem
Com que matar a fome, e quer ousado
Gastar, como o senhor “apotentado”,¹
Há-de ser... Não lho digo por decência,
Mas é muito bem clara a consequência.

E, para refrescarmos a memória
Apodarei meus ditos, vá d'história:

¹ Alguém com grandes posses económicas.

Uma pequena rã que pretendia
Igualar, no tamanho, um boi, que via,
Tomando em si o vento, perguntava
A outra rã, que ali também se achava,
Se era já no tamanho semelhante
A tão grande animal que vê diante?
Que não, a companheira lhe dizia,
E com razão de a ver inchar se ria.
Contudo ela bufando tanto inchou,
Que à força de se inchar, rebentou.
Clara moralidade percebemos,
E muitas destas rãs no mundo vemos.

Mas tornemos atrás, vamos notando
As coisas que se vão apresentando,
Que são tantas e tais, que bem pudera,
Se o louro Apolo o seu favor me dera,
Mil cadernos compor, e de tal modo,
Que pudesse estrugir o mundo todo.

Não hei-de sustentar, impertinente,
Que não deve, em vestir, andar decente
Um moço cortesão, mas de maneira,
Que não despenda uma manhã inteira
Em se toucar e pôr um grande asseio,
Por quanto da razão é muito alheio.

Nem que aceite em vestir simplicidade,
Como os filósofos da antiguidade,
Trazendo muito largos os vestidos,
Por não serem também escarnecidos.

O tempo tudo muda, tudo altera,
Os mesmos eixos da celeste esfera

Move continuamente, e deste modo
Se vira de alto a baixo o mundo todo.

Contudo, mostrarei que um homem sábio,
Em todo o tempo teve outro astrolábio,
Para no mar do mundo dirigir-se,
Fora de se enfeitar e de vestir-se.
Hipócrates¹ buscando, atento, um dia,
Demócrito,² de quem com pasmo ouvia,
Tantas coisas contar, desta maneira,
O viu (segundo diz) a vez primeira.

Posto à sombra de um plátano copado,³
De pé e pena, estava recostado,
De vestido grosseiro e mal cingido,
Num bosque solitário, divertido,
Com um livro na mão, em que escrevia
As reflexões de exacta anatomia,
Em morros animais, que ali se achavam,
Onde os mesmos répteis lhe não faltavam.

Hipócrates, no chão, vendo dispersos,
Tão grande copia de animais diversos,
Lhe pergunta a razão, e não lha esconde
Demócrito, que pronto lhe responde,
Que buscava saber que humor maligno
A um homem fazia mais ladino,
Sagaz, astuto, esperto e simulado,
E que daquele modo o tinha achado:
Que a cólera somente produzia
A grande astúcia, que nos homens via.

¹ Hipócrates (460 a.C. – 377 a.C.), era um *asclepiade* grego, ou seja, membro de uma família que durante sucessivas gerações se ocupava de estudar e ministrar cuidados de saúde.

² Demócrito de Abdera (460 a.C. – 370 a.C.), filósofo grego.

³ Com muitas folhas.

Pois que a raposa, que este amor mostrava,
Na secura do cérebro, nos dava
Desta verdade a prova, e juntamente,
O inquieto macaco e a serpente,
Os que abundando neste humor queimado,
O tinham com razão desenganado,
Sendo por esta causa mais astutos,
Que o resto universal dos outros brutos.
E, para conhecer os homens, era,
Que aquela anatomia ali fizera,
Podendo corrigir por ilação,
Dos que tratar podia, e dos que não.

Estudo pode haver mais proveitoso,
Do que um homem falso e caviloso,¹
Por meio de tão breves desenganos
Conhecer os embustes e os enganos?

E são evidentíssimas verdades,
Que de qualquer humor as qualidades
Influem nas acções, mas de feitio,
Que no homem se livra o alvedrio.

David, e outros alguns, os quais se apontam,
Obravam de maneira, que se contam,
Como extraordinários. “E porquê?” –
– Pergunta quem não sabe e quem não lê.

Porque um perfeito, ou bom temperamento,
Do qual depende muito o entendimento,
Por grande privilégio lhe foi dado,
Por quem o vento enfreia, e mar salgado.

¹ Fraudulento, hipócrita.

E, tanto este discurso em razão fundo,
Que, enfim, devendo Cristo vir ao mundo,
Foi com tal proporção de humores feito,
Que nunca se viu homem tão perfeito.
Pois, melhor que ninguém conhece e sabe,
Que o bom juízo, e a perfeição não cabe
Em um perverso e mau temperamento,
Oposto à clara luz do entendimento.

E por quanto Demócrito sabia,
Por meio de uma sã filosofia,
Que só do mau humor era gerado,
A perversão de um peito depravado.
Para tirar a prova e concludência,
Fazia aquela exacta experiência.

Porém que digo nisto? Eu adivinho,
Hão-de julgar me perco no caminho,
Por quanto inda que apodo os meus escritos,
Deste modo querendo ornar os meus ditos,
Parece que se aparta o pensamento
Do seu primeiro e principal intento.
Porém, toda a razão não acompanha
A quem este descuido, assim, me estranha.

Mostrar, eu quero, nisto, com certeza,
Que os sábios, estudando a natureza,
Ou no moral sistema, é bem patente,
Que à sociedade, enfim, a toda a gente,
Úteis nunca seriam, se os sentidos
Empregassem somente nos vestidos.

Corrijo da lição da humana história,

Que no famoso templo da memória,
Nenhum herói se conta esclarecido,
Só por andar *peralta*, e bem vestido.

Sei também que infinitos se numeram,
Pelas brilhantes coisas que fizeram,
Pelo caro juízo que mostraram,
E pelas sábias obras que deixaram.

Cuidar na gola enorme da casaca,
Que os ombros de alto a baixo lhe atarraca,
Num fivelão inglês de puro estanho,
Que iguala o mesmo pé no seu tamanho...
Nunca destes, o nome, na verdade,
Em bronzes, o há-de ler, vindoura idade;
Antes mesmo, inda agora, avaliados
São por néscios dos homens avisados.

Mas, além destas coisas, há também
Outras, que o ridículo convém,
Como nas assembleias, muito inteiro,
Pôr seus bisavós no grau primeiro,
Dizendo que fizeram mil proezas
Em as passadas guerras portuguesas,
De que ele, em suas obras, se desvia,
Nas quais consiste só a fidalguia.

Outro, que de valente presumido,
Diz que com trinta e mais se tem batido,
E que lhe sucedera muita vez,
Alcançar três ou quatro de um revés.
Que se acabara em mil brigas desmarcadas,

Onde tudo fervera em cutiladas,¹
E que nem levemente recebera
Ferida nas pendências que tivera,
Quando ele para a barca de Acheronte,²
Os fazia correr de monte a monte.

Que Roldão, Oliveiros, Ferrabrás,³
Em valor lhe ficam muito atrás.
Porém, se acaso algum se lhe avizinha,
Fica o tal valentão feito um galinha,
E dando às trancas, como um gamo voa,
Tendo, então, o fugir por coisa boa,
Formando lá, consigo, esta sentença,
Que não fugir do mal dobra a doença.
Outro, que por fazer de enamorado,
Defronte da janela embasbacado,
Com seu molho de flores sobre o peito,
Aponta para o roxo amor-perfeito;
E logo desvelando, e sem demora
Diz à ninfa gentil, que louco adora,
Num enrolado e mui pequeno escrito,
Que o céu não fez objecto mais bonito,
Que Vénus a par dela é muito feia,
Que a Lua lhe não chega quando é cheia,
Nem Minerva,⁴ em ciência, é mais completa,
Nem Flora,⁵ no jardim, é mais selecta.

E para confirmar tais falsidades,
Lhe empurra estas fingidas Divindades,
Extraíndo estas retumbantes vozes,

¹ Golpes de cutelo, sabre ou faca.

² Segundo a mitologia, rio do Hades, através do qual Caronte transportaria as almas dos falecidos numa barca.

³ Guerreiros antigos.

⁴ Ou Atena, Deusa da sabedoria, das artes e da guerra.

⁵ Ou Clóris, Deusa das flores, ninfa das Ilhas Afortunadas, esposa de Zéfiro.

En lo grande Teatro de los Dioses,
Por mostrar que já teve frente a frente
A cabalina,¹ ou a castalia² fonte.

Porém a tal Minerva, ou Flora, bela,
Que a mais de vinte ou trinta traz à trela,
O mete em tal perigo e tais alhadas,
Que os ossos lhe derreiam com pancadas.
Que os malditos ciúmes “pestilentes”,
Cada vez começando a estar mais quentes,
A todos os enreda, e pelo cabo,
Vai tudo pela casa do Diabo!
Que no brilhante céu destas Deidades,
Quase infalíveis são as tempestades,
Raios de pão lançando cada instante,
Sobre os ossos de um louco e triste amante.

Outros, que dão grandíssimas rizadas
Às coisas, que disseram, desatadas,
Achando muita graça nos seus ditos,
E destes encontramos infinitos,
Crendo, que os não iguala em descrição,
O grande, e celeberrimo Catão.³

Outro, que faz de inglês ou de francês,
Se vai, louco, matar com dois ou três,
Se acaso o contradizem, e insofrido,
Por força quer que sigam seu partido,
Mostrando que por honra mais se atreve,
Quer o leve o Diabo, quer não leve.

¹ Fonte de água muito clara, no monte Helicon, consagrada às musas.

² Fonte dedicada a Apolo e às musas, na província de Achaia, chamada Phocis. Teria sido criada pelo próprio Apolo, através da transformação de uma ninfa que perseguiu e, uma vez existindo como fonte cristalina, teria a virtude de transformar em poetisas as que dela bebessem.

³ Marco Pórcio Catão (234 a.C - 149 a.C.), influente político romano.

O qual, se pela lei que segue e adora,
A dar a vida precisado fora,
Talvez o não fizera com tal gosto,
E temera da morte o fero rosto.
Ora, é bem grande asneira e causa riso,
Ver gente de tão fraco e mau juízo.

Outro, que busca pronto, e sem limite
O lugar de mais honra, no convite,
Com louca presunção, não vendo atento,
Que outros há de maior merecimento,
E devendo escolher o derradeiro,
Soberbo, se apresenta no primeiro.

Outro, para mostrar que tem, da guerra,
Claríssimas noções, as quais não erra,
Em Vegécio¹ nos fala, que imagino
Não sabe se ele é grego, se é latino.
Na entrada de Ciro em Babilónia,²
E na famosa guerra Maratonia,³
E nas expedições, que a fama canta,
Do filho de Filipe.⁴ E néscio espanta
A gente estulta, a qual o considera,
Por homem de talento e grande esfera.

Outro, que chora a perda triste, e aflito,
Das gostosas “Cebolas do Egipto”,⁵
E cheio de indizível saudade,
Mil vezes acarreta a mocidade,

¹ Públio Flávio Vegécio Renato, do século IV d. C, escritor romano, autor do *Tratado de arte militar*.

² Ciro II, da Pérsia, conquistara a babilónia, em 539 a. C.

³ Talvez referindo-se à Batalha de Maratona, de 490 a. C, onde atenienses e persas se defrontaram.

⁴ Alexandre Magno.

⁵ Isto é, em saudades daquilo que perdeu.

E diz que foi um Hércules tebano,¹
Mas hoje, que é do tempo o desengano,
E que tudo, o que havia entre as mais lindas
Tirses, Jonias, Olaias, e Florindas,
O via muito bem, com grande gosto,
Mas, hoje com desprezo e com desgosto,
Forte perda! Forte asno! Só não sente
Estulto, rabugento, impertinente,
O ter vivido mal e sem conselho,
Obrar como rapaz, sendo já velho.

Como os acusadores de Susana,
Entregues à carnal vida profana.
Quando junto da calva andavam ligeiros,
Já revoando os mochos agoireiros,
Que o lago triste, feio, de Acheronte,
Lhe fazem ver já perto, e bem defronte.
Que o trifauce Cérbero² horrendo, e feio,
Os vai lançar nas águas do Letheio,³
Ou em o pavoroso, e mau distrito,
Das medonhas cavernas do Cocito;⁴
Aonde em companhia de Plutão
Hão-de chorar seus erros, mas em vão.

Ora, se eu nos *peraltas* repreendia,
Os erros de uma louca fantasia,
Com quanta mais razão censurar posso,
Um louco velho com paixões de moço!
E quanto é mais indigno, se enfeitado,
Se mostra no vestir aperlado,

¹ Herói da mitologia grega, bastante reconhecido pela sua força avassaladora, filho de Zeus e da mortal Alcmena.

² Figura mitológica, cão de três cabeças que vigiava as entradas no Hades, impedindo que as almas tivessem qualquer hipótese de poder sair.

³ Ou Lete, rio do esquecimento, um dos rios do Hades.

⁴ Rio das lamentações, também um dos rios do Hades.

Mostrando nas paixões ser um relapso,¹
Tendo já seus oitenta no cabaço.
Não fala destes tais aquele dito,
Que no seu mesmo original repito:
Magna fuit capitis quondam reverentia cani,
*Inque fuo prætio ruga fenîlis erat.*²
Não por affectação o disse assim,
Para mostrar petisco no latim,
Mas para se fazer separação,
Dos que entram nesta conta e dos que não,
E que disparidade tão notória,
Muito melhor se fixe na memória.

Mas, como só o vício é que repreendo,
É bem que a distinção eu vá fazendo:
Um adorno decente e limitado,
D'um velho cortesão é praticado,
E mesmo necessário em certos dias,
De congratulações e d'alegrias,
Que os sábios não somente não censuram,
Mas, igualmente, festejar, procuram.

Num gosto universal, em que tem parte
A pátria toda inteira, em que reparte
O soberano as graças, liberal,
Provendo um filho em cargo principal.
Ou quando faz mercê a algum parente,
Quando o povo festeja, reverente,
Cheio de singular contentamento,
O dia do brilhante nascimento
Do senhor ou senhora que os governa,

¹ Reincidente, que volta a cair no mesmo “erro”.

² Expressando que “grande foi outrora a reverência devida às cãs; o seu preço correspondia às rugas da velhice”.

Pela disposição dos céus eterna.

Quem há-de repreender nestes dias,
Num velho cortesão de louçanias,
Se não excedem em nada o que é razão,
Nem são dignas de alheia repreensão?

Quando o pródigo filho, arrependido
De ter seus bens mal distribuído,
Chega a casa do pai, ele o recebe,
Ordena-lhe um banquete, come e bebe.
Vestiu-se de prazer e alegre rosto,
Mostrava nos excessos o seu gosto,
Tanto maior quanto a seus pés lançado,
O filho arrependido do passado:
“Perdoa-me meu pai, que no meu desterro,
Eu já fui castigado do meu erro!” –
– Lhe dizia. Que pai experimentara
Este lance, que o gosto não mostrara,
Vestindo-se loução e de alegria,
Celebrando a fortuna de um tal dia.
Tudo tem seu lugar. Eu não me assusto
De repreender o mau, louvar o justo.

Outro, por nos dizer que amanheceu,
Ou que o sol aparece já no céu,
Nos diz que os rapidíssimos Ethontes
Sobem pelos balcões dos horizontes,
Que o refulgente Apolo branco e louro,
Soltando, alegre, vem, as tranças d’ouro.
Para dizer que é noite, este mosino,¹
Nos diz que já no leito cristalino

¹ Desgraçado, infeliz, miserável.

Da branca Tétis¹ dorme, descansado,
Da bela e roxa aurora, o filho amado!

A tal propósito, me lembro agora
D'uma galante história. Sem demora
A quero referir: Um destes tais,
Cabeças de avelãs ou de pardais,
Numa janela sua ao pé da estrada,
Com a vista dava, a tudo, uma assaltada.

Reparando num homem que passava,
Que a seus ombros um porco então levava,
Lhe pergunta, de cima, se ele o vende,
Mas de modo que o homem nada entende:

“Vendes esse *porquífero* alimento?”
(Pergunta) – “Ele é um porco, e não jumento”,
(Lhe responde) – “Oh vilão! Se petulante
Uma resposta dás tão discrepante,
Com forte e rijo oleastes, crespo e grosso,
Farei em ti horrífico destroço,
Sem que no meu furor te escape isento
O globo de teu rombo entendimento,
A não querer com raiva acerba, e lúbrica,
Firmar-te nessa cara alguma rubrica”.

O homem, que inda menos o compreende,
Nas estultas vozes, que despende,
Continuando os passos, o deixava,
Prosseguindo o caminho que levava.

Quem, disparates tais, ouvir pudera,

¹ Uma das cinquenta nereidas da mitologia grega, filha de Nereus e Doris.

Que o riso, então, de todo, suspendera?
Eu julgo que ninguém, pois é frequente
Rir-se, de ouvir tolices, toda a gente.
Reservo o alto estilo da epopeia,
O das odes também, nos quais a ideia,
Subindo desde a terra ao firmamento,
Medindo as vastas regiões do vento,
Em diverso dialecto, culto e vário,
Por arte e regra faz rumo contrário.
Mas, com escolha e bom discernimento,
Não como o do *porquifero* alimento.

Mas porque d'uma em tantas coisas salto,
Agora vou tocar de grau mais alto.
Quero falar nas Lauras, e Corinas,
Que de belas, presumem ser divinas,
As quais anos setenta, na verdade
Chupa inteiramente a divindade,
Quando, a Parca¹ ligeira, o golpe irado
Lhe não prega primeiro no costado,
Trocando, em sombra, quando as unhas ferra,
Estes astros brilhantes cá da terra.

De Helena² a decantada formosura
Só na lembrança dos estragos dura.
Ela, sendo já velha, proferia,
Quando num claro espelho inda se via:
– “É possível que eu fosse a celebrada
Formosura, de todos tanto amada,
Por quem aos valentíssimos troianos,
Grécia fez crua guerra por dez anos?

¹ Epíteto dado a cada uma das filhas de Júpiter com Témis: Atropos, Cloto e Laquesis. Seriam implacáveis, não concedendo perdões.

² Referindo-se a Helena de Tróia, cuja beleza teria despoletado a famosa guerra.

Os meus louros cabelos se trocaram,
Na cor da branca-prata se mudaram;
Meus aljofrados¹ dentes, reduzidos
Unicamente a três, já aluídos;
O meu ebúrneo colo encortiçado,
O rosto macilento e encarquilhado...
É esta aquela singular beleza,
Prodígio da fecunda natureza!”

Muitas destas, nós vemos inda agora,
E cada uma lá consigo chora
Os estragos do tempo, que tirano,
Escreve no seu rosto o desengano.

Porém, melhor seria que chorassem
Os seus erros, se os têm, e procurassem
Apartar-se as culpas de corrida,
Por meio de uma pura e santa vida.

Ó voz, que no jardim da mocidade
Toda a pompa gozais de fresca idade,
Vede que a rosa perde o doce alento
Com o breve tremor de qualquer vento,
O sol a murcha e, no rigor do frio,
Perde a pompa, o ser, a gala, o brio!

No ridículo exposto se compreendem,
Tantas Lauras que a vida nos ofendem,
Com seus loucos enfeites, nos quais dão
Indícios do que são ou que não são.
É muito mau ser mau, mas afectá-lo,

¹ Húmidos, brilhantes.

Inda é muito pior! Posso prová-lo.

Mas cuido tanto, além não lançam barra,
No que um *peralta* néscio, louco esbarra,
E que inda atrás lhe ficam na tolice.
E no excesso vão da *peraltice*.

Há muitas que se vêm despenteadas,
Qualquer hora do dia, e mal toucadas,
Cuidando no governo que lhes é dado,
Por elas muito bem desempenhado.
Quando um *peralta* néscio, louco e “rudo”,¹
Fazendo nestas coisas mais estudo,
Lhe custa a manhã toda alto desvelo,
Guindar às altas nuvens seu cabelo,
E brunido, cheiroso e perfumado,
Maricas verdadeiro e refinado,
Com desdéns e melindres de Senhora
Qual Adónis gentil, seu vulto adora.

Isto me traz agora à fantasia,
Aqueela bem fundada apologia,
Do célebre Feijó² e, de outros muitos,
Que o sexo defenderam resolutos.

Se muitas encontramos desvairadas,
E, nas suas acções mal ajustadas,
Sabemos nós, por natureza e arte,
Que um todo inda é maior que a sua parte.

Nem se deve alterar este sistema,

¹ Por “rude”.

² O erudito e ilustrado Padre espanhol Benito Feijóo, autor do célebre *Teatro Crítico Universal* (1726-1740). Como se vê as suas posições acerca da dignidade das mulheres continuavam actuais.

Sem que a verdade injustamente gema,
Que às Públicias, às Láis e Clitemnestras,
Contrapomos Lucrécias e Hipermestras,
Penélopes, Susanas, em que vemos
Obrar pela virtude altos extremos.

Com que prazer não vemos sobre o trono,
Uma, que para as mais serve de abono,
Que na grande extensão da monarquia,
Até onde berços d'ouro nasce o dia,
Pelo seu prudentíssimo governo,
Nos faz apetecer que seja eterno!

Deste astro soberano, as luzes belas
Me cega o resplendor. Amaino as velas,
Por não me submergir no mar undoso,¹
De tão sublime assunto, portentoso,
Que Apolo, sem cansar, vai esculpindo
Nos cedros, que produz o sacro Pindo.

¹ Ondulante, serpenteante.

24

SATYRA
EM LOUVOR DAS MODAS,
O U
ESCUDO DE PERALTICE:

OBRA UTIL

A Velhos, e Velhas, Meninos, e Meninas,
COMPOSTA, E OFFERECIDA
AOS SENHORES PERALTAS,
E CASQUILHOS DE LISBOA

POR SEU AFEEIÇADO SERVO

F. M. G. S. M.



LISBOA

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Anno 1783.

Com licença da Real Meza Censoria.

VIII

Sátira em louvor das modas ou Escudo de peraltice: Obra útil a velhos e velhas, meninos e meninas, composta e oferecida aos senhores peraltas e casquilhos de Lisboa por seu afeiçoado servo F. M. G. S. M.

Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1783.

“Florentíssimos” senhores peraltas, *chibantões* e casquilhos de Lisboa:

Aquela honra e valor que somente herdei de meus avós, cujas façanhas ou tempo as não respeitou ou eles nunca as fizeram, foram quem me animou a declarar-me da vossa parte, no meio de tão frequentes batalhas, que as musas frenéticas vos têm dado nos vastíssimos campos de uma sátira descarada.

Bem vejo que o meu auxílio é muito diminuto, porém, como um pão com uma fatia, acomoda mais... Esta a razão porque alinhavei este papelinho a que levantei o falso testemunho de sátira e, reverente, vo-lo ofereço. Se atentardes que nisso vos fiz algum benefício, ou ao menos obséquio, recompensai-mo com as vossas moedas de dez reis, a fim de que possa ser um decente defensor do vosso partido, não só escrevendo, mas imitando o vosso asseio.

Valete.

Se entre nós, de bigode à fernandina,
Golilha¹ por gravata, e pequenina
Capa dos altos ombros pendurada,
A trança pelas costas desatada,
Um chapéu mui pequeno e desabado,
Calças grandes, sapato *desbicado*,
Um varão circunspecto aparecera,
Que pasmo aos nossos tempos não trouxera!

A ele, a petulante *rapazia*,
Em tropel, das esquinas, correria,
Como ao calvo Eliseu ou Manel Coco.
Que sério se não rira do descoco,
Do tenaz antiquário? Qu'importara
Qu'ele co's braços grande voz alçara,
E dissesse gritando: – “Desta sorte
'Arremendo' estes filhos de Mavorte,
Qu'o Rei e a pátria tant'autorizaram.
Estes são os enfeites que s'usaram
Naqueles belos tempos já passados,
Em que por terra e mares não trilhados,
Os lusos ajuntando glória a glória,
Ao tempo se elevaram da memória.
Os Albuquerque, Castros e Sampaio
Terror dos maratas e dos malaios,
Trajavam, deste modo. Assim vestidos,
Se fizeram no mundo conhecidos!”

Mas quem lhe não tornara, é bem verdade,
Que em tão antiga e respeitosa idade,
Desta maneira, os homens s'arreavam,
Que saiam a campo e triunfavam.

¹ Argola de ferro, com que antigamente se prendia o criminoso ao pelourinho.

E, devemos dizer, que aos seus vestidos,
Tão famosos combates são devidos,
Quando co's mesmos com que triunfaram;
Desejadas vitórias lhe escaparam?

Somos loucos, s'esforço atribuímos,
Ao modo de trajar que, tempo há, vimos,
Os nossos portugueses valorosos,
Sem jaqueta e sem calças, belicosos,
Da ribeira partir, que o Tejo banha,
E assustar os leões d'altiva Espanha!

Nada aumenta o valor de tais guerreiros,
O peso de uns canhões e de uns peneiros,
Uma vestia com abas desmarcadas,
Um chapéu ordenado às três pancadas,
Cantos iguais, o forro de carneira,
De rabicho enroscado, a cabeleira
Com seus anéis de arame ou russa ou loira,
Atestada por dentro de salmoira.
À roda do pescoço, mui justinho,
Seguro co'uma chapa o pescocinho,
Uns punhos até aos dedos alastrados,
Com muita roda e todos recortados.
Calções sem alçapão, de tripa seda,
Que andavam limpos a feder de greda.¹
Suas ligas de atar, meias riscadas,
Fivelinhas de prata, pespegadas,
Em cima de uns sapatos *desbicados*,
Mui largos e co's saltos *esbeçados*.

Não consiste o valor no atavio,

¹ Um tipo de barro.

O desejo da glória, a honra, o brio,
Foram quem produziu tantos atletas,
Pasma do mundo, assunto dos poetas.

Alguns me arguíram, que a nossa idade
Está muito corrompida da vaidade,
E, se o traje valor não lhe infunda,
A carência de luxo então fere.
Mas, oxalá que o luxo e vaidade
Não reinassem no mundo em toda a idade!

Depois que os homens esquecer deixaram,
Os tempos venturosos que chamaram
Séculos d'ouro, desde que a branca lã
A sua cor trocou na assíria grã,
O luxo e vaidade engatinhando,
Pouco a pouco se foram levantando.
E, seguidos de povos numerosos,
Se fizeram no mundo poderosos.
Os saleiros nas mesas rutilaram,
Porcelanas e pratas adornaram,
Com o ouro fino das sedas se teceram,
Bernes, veludos, telas, se fizeram,
E a tal ponto chegou entre os romanos,
Que em luxo foram pasmo dos humanos!

Porém, volvendo a nós, que tem de mais
O ver em uso postos os metais,
Sedas e bernes, chitas com fartura,
Um fraque com mais esta cortadura,
“Arrecuado” atrás ou por direito,
Gola mais larga, bandas sobre o peito,
Fivelas ou redondas, ou compridas,
Um laço no chapéu, borlas caídas?

Isto é luxo, assim é. Porém, seguido
Foi, de nossos maiores. Um vestido
Com casas d’alto a baixo, estas fechadas,
Botões aos centos, pregas escusadas,
Vestias de mais da marca e guarnecidas,
Não são coisas por luxo produzidas?
Se um roupão para o frio é mui bastante,
Usar outro vestido é ser farsante!

Nossas avós não tinham seus toucados
Com papelão, ao alto, levantados?
Não tinham botões de ouro na camisa,
Fivelas de ouro aberto ou prata lisa,
Brincos de preço, laços ao pescoço?
Meus senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralar. Há tal abuso!
Em saindo uma coisa fora d’uso,
Sátiras logo. Um velho não contente,
Senão o que ele usou, impertinente,
Mofa de quanto vê e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando,
Faz com que secas suarmos o topete,
Louvando o velho e sério minuete,
Chamando às contradanças “dançarolas”,
Próprias de loucas e de mariolas.

Mas não perde função. E, pouco a pouco
Àquele que chamava, d’antes, louco,
Imita sem rebuço, sai a campo,
Nas assembleias faz seu pé de banco.
E, tenho muitas vezes reparado,
Que nunca um *jarra* podre e desdentado;
Que ralha dos enfeites, por seu par,
A mais velha e modesta vá tirar!

Todo Adónis, os braços requebrando,
Os pés, um pelo outro, embaraçando,
Sua, e não larga! Quantos deste lote
Cantam sua modinha, dão seu mote,
Com a alusão frecheira, e titubeando,
Da boca enregelada, a voz soltando,
Finezas dizem, choram ansiados,
O não ter menos trint'anos costados.
E há tal “ralhador” da nossa falta,
Que o cabelo criticou por ser *peralta*!
Que parece melhor? Ver, em Lisboa,
Onde o rodar dos coches tudo atordoa,
Onde tudo é magnífico e invejável,
Dos cidadãos a turba inumerável,
Em pardas saragoças¹ embrulhada,
Ou o garbo e figura bem tirada
De um *peralta*? A mais pobre senhorita,
Sem outro ornato algum mais que uma fita,
A sua *capuchinha* e dois volantes,
Excede as *senhoraças* mais *chibantes*.
Desses tempos, que os tempos já levaram,
Sempre as coisas, senhores, se mudaram
Do tempo à proporção, o que algum dia
Os olhos recreava, hoje enfastia.
E, se náusea nos faz, sempre, um comer,
O trajar sempre o mesmo, há-de a fazer.

Se observarmos, do bruto, a natureza,
Nós vemos, que rolando entre a aspereza
De soltas pedras ou de agreste mato,
A cobra sibilando larga o fato.
Muda o pássaro as penas, muda o pêlo,

¹ Tecido escudo e grosseiro de lã.

O dourado novilho, a ovelha, o velo,¹
E, muda a folha, o bosque, de ano em ano.
E, ter por coisa rara que um humano
Mude o seu traje, à proporção da idade,
Que tenha no vestir-se variedade,
Quando o mundo é tão cheio de mudança!
Querer que exista agora, a antiga “usança”,
E não possa qualquer mudar de asseio,
Sem que sirva de tranca ao olho alheio!
Querer que, em coisas do tempo, haja firmeza,
É dar novo intuito à natureza.

Que importa, o homem traje ao modo antigo,
Se ele for do seu próximo inimigo,
Soberbo, matador, e de impiedade
Armado, for danoso à sociedade?
Que importa que o vestir use de agora,
Que a rabuje dos velhos “desadora”?
Vista assim ou assado, mas com tanto,
Que respeite do Rei, o nome santo,
A pátria estime, cuide em ser honrado,
Siga a religião, sirva o Estado!
Que tem o exterior co’as intenções?
Nunca pendeu a glória das nações,
Do vestir dos seus povos, a virtude,
Ou dentro do veludo ou borel² rude,
Tem o mesmo esplendor, o mesmo preço.
Mas, quem toma estas coisas do avesso,
Ralha e torna a ralhar dos seus nascidos,
Emburrando no talhe dos vestidos!

Acaso porque tem a casca dura,

¹ A lã do cordeiro.

² Pano grosso e tosco de lã.

O miolo da amêndoa é sem doçura?
O veneno lançado do cristal fino,
Acaso perde a essência do maligno?
Também sabe a comida bem temperada,
Em prata, como em barro ministrada.

Observem cada uns desabusados,
Que fizeram louvável dos passados,
Os defeitos lhe notem, “maiormente”,
No que ao publico e a Deus é pertencente.
Sigam o bem, desviem-se do mal,
Que o trazer chapéu grande pouco vale!

Mas, porcino, me dizem, já estou certo,
Não ser, a moda, tanto desacerto,
Como até aqui julgava. Mas também,
Por outra parte, vejo muito bem,
Terem razão aqueles que, mofando
Da fofice do tempo, vão notando,
Que a filha do sebento remendão
Faz hoje em dia quase o figurão,
Que a daquele que tem bastantes rendas,
Ao fidalgo de granjas e comendas,
Imita o escrevente, o tabelista,
E o caixeiro do pobre capelista.

Responde Filo: – “Eu sou desabusado,
E posto que da moda enamorado,
Não volto o rosto ao lume da verdade”.
– Isso, que dizes, faz-me novidade,
Mas, não sou como aqueles mal dizentes,
Que apenas esses vêem, já d’entre os dentes
Lhes escorrega, sem ter moderação:

“Não é rico e campeia, *ergo*¹ ladrão”.
De sorte que eu, meu Filo, bem diviso
A grande diferença, mas juízo,
Que o pobre sapateiro, o seu desejo
É que a filha *chibante*, de tal sorte,
Que à fome será gostosa a morte,
Com tanto que ela em *sécia* nunca ceda,
À do outro, que arroja a fina seda.
Ele na loja, e ela pespontando
Vem o sol d’entre as nuvens espirrando,
E banhar-se nas ondas sem largar,
Ora não podem juntos granjear,
Par’ um vestido, capa e outras drogas,
Que vem tudo espremido a dar em fogas!
Vestido que lhe serve para tudo,
E não veste com medo pelo Entrudo!
Isto é mau? Não respondes? Seja ou não,
Porém, pode-o fazer sem ser ladrão.

Aquele que tu vês sem ter real,
Trajando d’alto a baixo por igual,
Quem te diz lho não dá o seu padrinho,
Ou a pródiga mão d’algum vizinho?

O caixeiro, assim, é que lucra pouco,
Porém, por campear bêbado e louco,
Quanto prezo na loja ganha um ano;
Gasta num’ hora por sair ufano.

O escrevente, linhas escrevendo,
À luz da vela, feitos revolvendo,
Quanto acolhe, de si, duro inimigo,

¹ Do Latim, “logo”.

Qual outro caracol leva consigo.

Eu mesmo, a quem ventura não concede
No lar paterno nem matar a sede,
Não ando gordo, nédio e reparado
Do calor e do Inverno congelado?
Deus sabe que o não furto. Os meus amigos,
Que me escudam em tão cruéis perigos.
Os papelitos mal alinhavados,
Vencem a mão de meus tirados fados.

Entra em cada um destes, olha atento,
Se placas e se “espelhos” de espavento,
As paredes lhe adornam. Se cortinas
De damasco, se fofas bambolinas,¹
Lhe rematam as portas e janelas,
Se bordado veludo, ricas telas,
Os bufetes lhe cobrem, marchetados,
Se finos canapés, entrelaçados
Com ouro, se alcatifas, cobertores
De esquisitos *franjões*, belos labores,
Ornam seu aposento, se a gaveta
De moeda ou penhores está repleta...
Nada disto acharás, porque o coitado
Estende sobre tábuas o costado,
Por sair todo o *sécio* e presumido,
E quanto *ave*,² estraga num vestido.
Isto é mau, assim é, quem diz que não?
Porém, pode-o fazer, sem ser ladrão.

De sorte que um escravo dos herdeiros,
Tem em mais do que a moda os seus dinheiros,

¹ Parte superior do cenário teatral, que representa, geralmente, o tecto ou o céu.

² Ou “quanto tem”.

E, antes quer andar esfarrapado,
Que largar um real. Não vai do estado
Em que as casas estão, vai das paixões,
Um quer antes ter sacos de dobrões,
Inda que morra à fome e viva porco,
O outro, vendo a casa vai de borco,
Não deixa de nutrir a vaidade,
E não lhe dá para passar pela ansiedade
De viver empenhado, muito embora,
Se ele o seu mal constante nunca chora,
Hei-de eu chorar-lho? Filo fora belo,
Que dos humanos, fosse outro, o desvelo;
Que cada um, à proporção dos teres,
Vestisse os seus filhinhos e mulheres,
Que, segundo as pessoas, fosse o estado,
Mas se o mundo, de acordo, está mudado,
Que lhe havemos fazer? Deixa-o acampar.

Verdade seja, a morte vem segar,
A todos pelo pé, sem diferença
Do que é pobre ao que tem riqueza imensa.
Bate à porta do sórdido avarento,
E, banhado em suores, macilento,
Não quer largar as chaves do tesouro,
Lembrando-lhe Deus menos, que o seu ouro.
E a vida passada em porcaria,
Em sordidez e à fome, num só dia
Lhe arranca para sempre. Revolvendo
Os já vidrados olhos está vendo
O roto herdeiro abrir-lhe a sepultura,
Onde há tanto tempo, em noite escura,
Tinha imenso dinheiro aferrolhado.
Não vê seu rosto de águas inundado,
Que para a casa, um destes ver de borco,

Não é menos que a morte de um bom porco.

Eu, a moda defendo, que o dinheiro
Assim corre: Desfruta o sapateiro,
O alfaiate, lucra o mercador,
O seringueiro, o sujo *penteador*...
Os géneros se estranhem, e na verdade,
Nisto consiste um bem da sociedade.

Gaste e torne a gastar no seu asseio,
O flamante *peralta*, mas no meio
Da sua *peraltice*, não se esqueça,
Que a vida acaba, apenas que começa.
Desvelado o Rei sirva, ame a nação,
E traga seda a montes de Verão,
Precioso veludo pelo Inverno,
Mas lembre-se da morte, adore o eterno.
Porque pôr sobre si novo atavio,
Não é contra a virtude, a honra e brio
Coisas só, que um mortal deve buscar.
Obre-se assim, e ralhe quem ralhar!

12

GRACIOZA, E DIVERTIDA FARÇA
O U
O NOVO ENTREMEZ
INTITULADO
A DEFEZA DAS MADAMAS
A favor das suas modas, em que deixam convencida
A PARALTISSE DOS HOMENS.

IX

**Graciosa e divertida farsa ou Novo entremez intitulado A defesa das
madames a favor das suas modas, em que deixam convencida a peraltice dos
homens.**

Lisboa: Oficina de António Gomes, 1742.

Personagens:

Teobaldo (o velho)

Laureta e Casimira (filhas de Teobaldo)

Marrafinha (a criada)

Petimetre (*peralta*)

Franxinote (*peralta*)

Peteiro (criado dos *peraltas*)

A cena figura-se em casa de Teobaldo

Teob. – Marrafinha, anda ligeira, prepara bem esta sala! Que espero que minhas filhas acabrunhem estes bandalhos que sem tom, nem som, falam contra as modas, que as miseráveis usam, já em versinhos de droga, já em entremezes maus, em que os cegos de continuo ganham o seu vintém safado. Elas estão bem ensaiadas e tu também, se puderes, mete a tua colherada.

Mar. – Olhe isso não me encomende V.m. Creia que se me tocarem no fato, hão-de ouvir coisinhas boas. Hei-de ver a estes *peraltas*, modelos da bandalhice, a nós

outras criticarem. Não compro um só papelinho em que não veja cutilada? Bem dizia minha avó, que ninguém vê o argueiro do seu olho.

Teob. – Isso é verdade. Vejo trastes nestes bandalhos merecedores de arrochada. Fui moço, e a falar a verdade fui Adónis do meu tempo, segui as modas, mas em todas fui moderado. Nada disto vejo agora. Apresenta-se um bandalho com um redondo chapéu, com sua fivela e laço, dois anéis sobre as orelhas que podem servir de trancas às portas de uma cidade, um laço no pescocinho de tão disforme grandeza que levará de cambraia perto de catorze varas todo puxado a cordéis para ficar bem tufado, um colete mui redondo ou de fustão,¹ ou de riscas, com algibeiras unidas ali ao pé do umbigo, que por pouco não vem ter cá debaixo dos sovacos, quando tiram o dinheiro ou cotão que nelas criam. Ficam com o braço alçado bem como um moço do forno quando carrega com o pão para ir cozer-se. Uma casaca tão cosida, com costado que parece de envergonhada se quer esconder para trás, botões de brunido aço, brilhantes de Inglaterra no Pacote lapidados, as pernas mui impressadas em lisos calções de ganga ou da pele do diabo com lacinhas, por fivelas como volante, e andarilho destro em correr adiante do seu amo pelas ruas, umas meias salpicadas qual a pele de onça ou tigre, horrendas, feias, sem gosto, mas por moda muito caras, um sapatinho brunido e lustroso cordovão,² fitas presas nas orelhas para as fivelas pouparem... Enfim, um boneco armado alvo do povo e tourinha³ dos rapazes. E tem estes bandalhos a confiança de criticarem as modas que as pobres mulheres usam! Hoje ficarão mamados.

Mar. – E que me diz V.m. às cadeias dos relógios e aos anéis que, por disformes, tem certamente o tamanho de uma pedra de lagar? E a bengalinha de nós, botas de figura trágica, qual estátua de mostrador de rançoso boticário?

Teob. – São tantas as “traquinadas” destes quinquilheiros, que por umas esquecem as outras. É um mapa geográfico, cada um destes *tafues* (que assim se querem chamar). Tenho visto alguns pintados em papel ao Corpo Santo, uns a quinze, outros a dez. Mas, nem assim tão baratos há quem os queira comprar! Que gente! E tem língua? Quem lha cartará?

Mar. – A sala está prontíssima. Eles não podem tardar. Pode chamar suas filhas, para ver se está a seu gosto. Quanto não rirei quando em argumento entrarem! Eles querendo defender-se, elas deitando-os abaixo, que *certâmen* literário!

¹ Tecido de algodão, fino, opaco e com relevos.

² Couro de cabra, usado em sapatos.

³ Alvo de zombaria.

Teob. – Eu teria grande gosto se o mundo todo presenciara este famoso debate. Estou certo que o vencimento há-de ser das minhas filhas. Eu as chamo. Laureta, Casimira, venham depressa cá fora!

Saem Laureta e Casimira, com todos os adornos modernos.

Mar. – Vejam minhas senhoras, se está a sala a seu gosto. O aparelho de chá, vejam se está posto em ordem.

Laur. – Puxa esta mesa mais para trás! Alarga mais as cadeiras!

Mar. – Estão bem assim? *Arrumando-as.*

Laur. – Justamente.

Cas. – Que lhe parecemos meu pai?

Teob. – Ótimo, minhas filhas. Não sabem o gosto que tenho de as ver já argumentar. Convençam-me estes bandalhos.

Cas. – A defesa será nossa, e por consequência cantaremos a vitória. Tu, Marrafinha, vai-te preparar também, e apenas esses meus senhores chegarem, dá-nos parte.

Mar. – Prontíssima. Também lhe peço licença para argumentar o meu bocado. O esperto criadinho, dizem-me que não é falta de prosa, quero ver se com as massas de pão, o faço em publico desdizer dos seus projectos e baldas.

Laur. – Sim, diz-lhes quanto quiseses.

Teob. – Se te vires atacada, grita por mim, e verás como logo te despico dos insultos do criado.

Mar. – Parto a preparar-me; e apenas sentir na porta os pavões sarapintados logo lhes trarei notícia. *Vai-se.*

Teob. – Ora digam-me minhas filhas, consolem a este pai, que tem vocês destinado para convencer estes senhores *peraltas*? Porque modo? Que argumentos?

Laur. – Provar-lhes que os seus adornos são mais dignos de crítica.

Cas. – Sim, defender que em nós são próprios e neles um objecto de censura, de ludibrio e de escárnio.

Teob. – Bravo, bravo! Lembram-me os argumentos que, em rapaz, tive na escola. Havia lá dois partidos: um de Tróia, outro da Grécia, eu era deste. E quando havia argumentos de somar e tabuada, sempre eu levava o troféu. Muito dinheiro gastou

sua avó em fitas para o enfeitar. Ah, que se vocês, também, o troféu levarem, prometo de lhes comprar fitas, plumas, volantes, e trinta paus de pomada.

Laur. – Se por isso se espera, pode meter mão à bolsa, que o vencimento é nosso.

Cas. – O plano sobre o qual temos estabelecido as nossas teses é o mais sólido. As contrariedades serão sofisticas, com um breve bafejo se destruirão.

Teob. – Quem estudou, estudou! Que bem empregado dinheiro o que tenho gasto nos livros de que aprendeste! Que filhas! Que linguagem! Se Cícero viesse ao mundo, viria ser nosso hóspede, pelo gosto de as ouvir falar.

Laur. – Poéticas questões, manejaremos para os convencer. Eles verão aluídos os edifícios soberbos das suas ideias e, de resto, confessarão o quanto tem merecido serem castigados pelas críticas que, sem razão, nos tem feito.

Teob. – Fogo e mais fogo! Eu serei o presidente, sempre de bico calado, de vez em quando darei as minhas palmas, bem entendido, sempre pela sua parte.

Laur. – V. m. verá que, a poucos passos, ou cedem, ou se levantam vergonhosos sem dar palavra.

Cas. – Eles hão-de teimar defendendo a sua causa. Há-de-lhes custar muito desdizerem-se de tudo que tem escrito em décimas, entremezes, até nas odes e canções, romances e madrigais.

Teob. – Sinto passos. É a moça. Sem dúvida serão chegados.

Sai Marrafinha.

Mar. – São chegados os alunos. Ordenam que os mande entrar?

Teob. – Pois não? Isso não tem duvida. Condu-los depressa para esta sala. *Vai-se, e torna logo.*

Laur. – Ânimo minha mana, não devemos desmaiar!

Cas. – Mostrar fraqueza é impossível.

Mar. – Entrem meus senhores, pois meu amo assim o ordena.

Sai Petimetre Franxinote, Peteiro. Todos muito peraltas.

Petim. – Com o respeito que é devido, reverencio estas deidades.

Franx. – Com austera submissão, me dedico aos meus preceitos.

Pet. – Conforme me manda a regra, estou sempre ao seu dispor.

Teob. – Estimo que passem muito bem.

Laur. – Serva obrigadíssima.

Cas. – Escrava reverente.

Mar. – Muito vossa, meus senhores.

Teob. – Nada, nada de cerimónias. Abaixo, abaixo sede, toca a assentar!

Os dois. – Obedecemos.

Sentam-se todos.

Mar. – O senhor Peteiro pode também tomar assento.

Pet. – Mal pode tomar assento quem anda sempre debruçado sobre uns olhos tão maganos, como são os da bela Marrafinha, por quem o amor me tem posto macilento e escaveirado.

Mar. – Tome assento e falaremos. Nada de petas, a esse respeito topo e varro.

Teob. – Ora senhores o dia assinalado para a defesa de minhas filhas a respeito de suas modas é este. V. ms. sem duvida vieram fornecidos de questões indefiníveis a favor do seu partido. As pequenas como puderem responderão. Proponha-se o assunto e entre-se no combate.

Petim. – Eu proponho-me a mostrar que são inferiores e menos dignas de censura as modas que usamos, e o provarei com demonstrações físicas e reais.

Franx. – Eu defenderei que as críticas feitas as madames sobre as modas com que se adornam são justas, deverão ser multiplicadas e o mostrarei consultando a razão e a experiencia.

Laur. – Pelo contrário, eu destruirei o alicerce do seu argumento, senhor Petimetre, mostrando-lhe que as modas de que usamos não só nos pertencem por direito de sexo mas que, como lei de precisão, as devemos usar e que as suas são totalmente impróprias ao seu carácter.

Cas. – Eu, como puder, farei ver que a moralidade de mãos dadas com o espírito maligno sem razão fulmina as críticas contra as nossas modas, contra os nossos preparativos, devendo os críticos serem punidos com todo o rigor.

Pet. – De resto direi o que me parecer, pois como sou herdeiro dos trastes de meus amos e estes são um tanto abandalhados, não tenho mais remédio que seguir o seu

partido a fim de que me não levantem a razão, fazendo-me andar à ligeira em vestia por amor das lamas.

Teob. Aparte – Ouvirei e decidirei: a minha idade merece algum conceito; anos e experiencia servem de muito em qualquer argumento. Vamos a isto.

Petim. – Primeiramente, as senhoras são excessivas nas suas modas, superiores em tudo, multiplicam ao diminuto delas um excesso tal que chega a ser bandalhice. Primeira, umas coisas que de principio se usavam de estreitíssimas fitas e agora de tão largas, que pessoa alguma deixará de, com justa razão, lhe fazer imensas críticas. Segunda, pequenas gadelhas a que chamam “marrafes”, lhe pendiam sobre a testa, a tal crescimento depois chegaram, que os olhos se lhe não viam. Belezas até aos ombros estiradas, um lenço a que chamam de papo, onde homiziado¹ o rosto se lhe não distinguem feições. Finalmente, eu vi cintos airosos galantes em altura proporcionada, hoje os vejo desconformes quase tocando na barba. E deixará de ser justa a crítica por este excesso? Não está provado que as modas de que nós usamos são muito inferiores a estas? Um chapéu redondo com uma simples fivela, um canudo no cabelo, ou mais ou menos delgado, um laço na gravata, ou mais ou menos pequeno, pode ter comparativo com as modas já ponderadas? Creio que não.

Laur. – Parece-lhe, a V.m. que tem dito maravilhosamente, pois certifico-lhe que não tem dito nada. Combinado um com outro sexo, está o argumento decidido. O nosso desde o berço foi nutrido com adornos brilhantes e encantadores, foram subindo de ponto os anos, cresceu o desejo à proporção. Carinhosa mãe em torno de nós põe demonstrativos que atraem já a moderna fita ou a moderna coisa, o vestido, o sapato, finalmente tudo. O nosso sexo abraça estes enfeites bem como nascidos para seu uso, nós os seguimos, e sobre estes primeiros inventos, multiplicamos ideias e assim o que V. m. chama excesso quando o não é, mas sim uma precisão infalível para figuramos no mundo e ombrearmos sem nota à face das nossas semelhantes.

O seu sexo, pelo contrario, robusto, forte, nutrido para empresas sublimes, ou armas ou letras deviam ser o seu cuidado, e como qualquer destes cargos não exige senão um carácter sério, ficam sendo totalmente impróprias ao seu carácter as bandalhices e as modas que usam, tais quais em V.m. se representam.

Teob. – Bravissimo minha filha! Não te esqueça o pequeno “chicotinho” que trazem, em ar de pincel, junto à cova do ladrão.

¹ Escondido, camuflado.

Petim. – Contra isso...

Franx. – Esperai! Toca-me a mim. Consultei para a formatura do meu discurso a razão e a experiência. É verdade que abundam as críticas contra as madames e também é verdade que todas são justíssimas.

Elas tem sido a ruína e o estrago de imensas famílias, o luxo pervertendo a ordem das sociedades. Pobres pais, que com seus medíocres lucros apenas podiam manter-se no regaço da paz sem dividas! Eu os vejo pobres, empenhados e, talvez, faltos de crédito para cevarem o gosto de suas filhas e mulheres com as modas, que de dia em dia se inovam e se descobrem. E que modas são estas? Seja-me permitida esta expressão: “ridicularias”, que jamais se podem ver sem riso e sem escárnio.

É justa a crise, por isso mesmo, que dela se pode conseguir a emenda e tornar aos eixos da desorganizada máquina de uma família destruída. Devia ser multiplicada para que, de alguma vez, conseguisse o efeito a que se propõe.

Cas. – Primeiramente, deverei dizer-lhe que a língua mordaz para nutrir os seus depravados intentos a roga a si por defeitos, mínimos objectos que apenas devem fazer passagem pela memória. Um malévolo espírito que acerva, lhe presta, todos os instantes, ideias para a crítica e para a sátira. Olham os outros e não se olham a si, se com prudente reflexão, voltarem já ao seu comportamento, já o seu estado, talvez rasgassem os insultantes papéis que contra as pobres senhoras continuamente escrevem. Eles são os mesmos que vigiam as modas para no-las presentear, buscando, por este meio (dizem eles), a dita de nos serem gratos. E, como é possível que estes mesmos homens peguem na pena e se proponham a criticar um efeito de que eles próprios são os motores? Está provado que a mordacidade de quem os fulmina e o castigo deverão ser semelhantes à sua culpa e ao seu delito.

Teob. – Bravíssimo, minha filha, vai-lhe dando pela louça!

Pet. – Se me dão licença, direi duas palavrinhas.

Todos. – Sim, fala.

Pet. – Pois, senhores, o certo é que as madames deste tempo são toirinhas dos rapazes, painéis de ridículas figuras. De que serve uma manta com pontas de cortina de casa-de-pasteleiro? De que serve um tal toucado feito de tufe franzido, todo posto em cocuruto como púcara de doce com seu papel encrespado? Sapatos já se não usam, chinelas e mais chinelas! Finalmente, bandalhices a que eu já fiz vários versos... Renderam-me bons vinténs. Prometo continuar.

Mar. – Eu sigo as modas. Ouvi minhas amas e sinto que é tolo todo o bandalho que contra elas se mostra.

Pet. – Nego. *Gritando.*

Mar. – Provo. *Também gritando.*

Teob. – Alto lá! Deixem falar quem estudou. Não sejam pedaços de asnos. Pois então em que ficamos? *Para os galãs.*

Pet. – É verdade que a senhora Laureta manejou uma linguagem sublime, a par de fundamentos incontestáveis, e como o sexo é o herói que no argumento se canta, é justo que leve a vantagem, é justo que eu ceda.

Franx. – E igualmente eu.

Laur. – Longe de nós, neste caso, a politica. Seja a razão quem decida.

Cas. – Sim, neste lugar, deve a verdade presidir.

Teod. – Verdade, verdade, razão a quem a tiver.

Pet. – Quer queiram, quer não queiram, hão-de ouvir uma décima que fiz, às peraltas deste tempo:

Lenço, de papo tufado,
Fita, na granha¹ frisada,
Cinto, de palmo e polegada,
Que gosto tão depravado!

Té d'um mouro arrenegado,
Costumam mantas usar,
Coisas boas para pescar,
Camarões lá na ribeira.
Se isto é, ou não, asneira,
Lhes devemos perguntar?

Laur. – Esse lenço é traje belo,
É moda, é de meu gosto,
Acompanha o alvo rosto,
Protesto sempre trazê-lo.

¹ Cabeleira.

Frisarei sempre o cabelo,
Alto cinto hei-de usar,
Manta, à cintura, traçar,
Comprida coisa trazer,
Se isto podemos fazer
Lhes devemos perguntar?

Pet. – Podem, e depois verão,
Criticas a montes andar,
Pois, quem isso chega a usar,
Bem merece a repreensão.

Chamem “mordazes”, então,
A quem contra lhes escrever,
Em quanto papel houver,
Penas e tinta, no mundo,
Cheias de rancor profundo,
Sátiras mil hão-de ler.

Mar. Aparte – Não posso aturar este maldito criado. Estudei com minhas amas
devo-lhe tapar a boca.

Ouça senhor Peteiro:

Os homens sem criação,
Falam a torto e direito,
Froleiras sem conceito,
Pois não sabem o que é razão.

Um criado toleirão,
Não deve isto decidir,
Deve calar e ouvir,
E pois seus amos cederam,
É porque, razão, tiveram.

Imite-os, para bem servir.

Pet. – Ah, Marrafinha, desta alma! Agora sim, agora é que me puseste o cabelo à escovinha. Estou de cera. Cedo, não digo mais nada. Se eu soubera que tu poetizavas, arriava a escolta e posto à capa, não saía do cais dos teus agrados.

Teob. – Pelo que vejo temos assentado que minhas filhas levaram a vitória. Isso sempre eu esperei. Estas cabeças são riquíssimas. Oxalá que eu tivera duas burras com tanto cabedal?

Laur. – Creio que V. ms. cedem dos seus argumentos e confessam a nossa razão, protestando abandonarem as críticas que contra nós se fizeram.

Cas. – Vencemos, enfim. Louvar-nos-ão as nossas semelhantes que, feridas da crítica, se encolerizam ao ler esses papeis vagabundos, que contra nós declamavam.

Teob. – Ora, pois eu creio que V. ms. amam ternamente a minhas. Elas do mesmo modo os olham com mil agrados, venceram, e julgo que o seu prémio deve ser as mãos de esposos.

Petim. – Essa dita incomparável enche toda a minha alma de glória.

Franx. – Lembrança, feliz lembrança, quanto não és de mim louvada! Resta saber a vontade destas senhoras. Um consórcio aborrecido é penoso, dá tormento.

Laur. – Sabe, amor, se o meu destino era esse. Meu pai abriu o dique da minha felicidade.

Cas. – Ele forma o alicerce sobre que se há-de estabelecer uma vivenda. A mais ditosa, a mais feliz.

Teob. – Pois se todos estão de acordo, faça-se isto à moda dos entremezes. Toca a casar, dêem as mãos e não haja mais cerimónias!

Laur. – Esta é a minha.

Petim. – Eu a uno ao coração.

Cas. – Esta, por amor, te entrego.

Franx. – Justos numes, que ventura!

Os quatro. – Viveremos sempre unidos,
Por amor na sepultura.

Mar. – Como isto toca a casar, eu não devo ficar sem marido. Creio que a Peteiro não lhe desagradará esta cena, Marrafinha.

Pet. – Vá, feito! Certifico-me que o meu nome era de tratar isso de bagatela. Porém, se meus amos caem na peta, é concelho que os imite para bem servir.

Aqui tens a minha mão.

Mar. – Esta é também a minha.

Ambos. – Foi-se a liberdade embora.

Andaremos de contínuo,

Feitos bestas numa nora.

Teob. – Tudo se acabou em bem. Sempre julgava que houvesse gritaria, não querendo nenhum ceder. Porém, os senhores têm prudência, são políticos, não quiseram alterar razões. Contudo, devo-lhes fazer uma pequena advertência. Uns e outros defenderam as modas. Venceram uns, cederam outros. Mas, a razão me manda, como a bons filhos, os aconselhe que elas são péssimas. Um honesto traje a todos é agradável. O sério foi, é, e sempre há-de ser, a verdadeira moda. Segui-a, meus filhos. Sereis louvados.

Todos. – Cumpriremos os seus preceitos, pois se fazem tão dignos de toda a estimação.

Pet. – Deste modo, e assim graciosamente, concluímos uma empresa de mutua gloria, qual a de defendermos os enfeites das senhoras, contra quem a maledicência se tem empenhado com a espada das mais temíveis sátiras. Porém, de hoje em diante, confessarão os mordazes críticos, que o belo sexo merece mais compaixão e desculpa que o nosso afectado e cheio de ridículas invenções, que fazem os homens muito mais dignos de critica, credores de castigo e merecedores de reforma.

[Apêndice II]

Outras imagens



E entre nos de bigode á fernandina,
Golilha por gravata, e pequenina
Capa dos altos hombros pendurada,
A trança pelas costas desatada,
Hum chapeo mui pequeno, e desabado;
Calças grandes, çapato desbicado,

Hum varão circumspecto apparecêra,
Que pasmo aos nossos tempos não trouxera!

A elle a petulante rapazia
Em tropel das esquinas correria,
Como ao calvo Eliseu, ou *Man'el Coco*:
Qu' e serio senão rira do descoco
Do tenaz antiquario? qu' importára,
Qu' elle co's braços grande voz alçára,
E dissesse gritando: „ Desta forte
„ Arremedo esses filhos de Mavorte,
„ Qu' o Rei, e a Patria tant' authorisárão;
„ Estes são os enfeites, que s'usárão
„ Naquelles bellos tempos já passados,
„ Em que por terra, e mares não trilhados
„ Os Lusos ajuntando gloria a gloria,
„ Ao templo s'elevárão da Memoria.
„ Os Albuquerque, Castros, e Sampayos
„ Terror dos Maratás, e dos Malayos,
„ Trajavão deste modo; assim vestidos
„ Se fizerão no Mundo conhecidos! „
Mas quem lhe não tornára: he bem verdade,
Que em tão antiga, e respeitosa idade
Desta maneira os homens s'arreavão,
Que sahão a campo, e triumphavão:

* iii

E

Figura. 1



SATYRA.

NO quente mez a quem deu nome Augusto,
 Indo eu ao Cais da praça aonde o Busto
 Do REY JOZE' Primeiro está montado
 N'hum soberbo, e arrogante figurado
 Cavallo, que parece estar marchando
 C'o aquelle Pai da Patria Memorando:
 N'huma tarde calmoza insupportavel
 Sem que Favonio respirasse affavel;
 Já quando Phebo trilha c'os Ethontes
 Lá para os Sutterraneos Orizontes;

**

E

Figura. 2